

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL MESTRADO**

VAGNER RODRIGUES GARCIA

**Racismo nos meios de comunicação: um estudo sobre a representação negra
nas telenovelas brasileiras**

**São Leopoldo
2023**

Vagner Rodrigues Garcia

**Racismo nos meios de comunicação: um estudo sobre a representação negra
nas telenovelas brasileiras**

Trabalho apresentado (a) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador (a): Prof. Dra. Miriam Steffen Vieira

São Leopoldo

2023

G216r Garcia, Vagner Rodrigues.
Racismo nos meios de comunicação : um estudo sobre a representação negra nas telenovelas brasileiras / Vagner Rodrigues Garcia. – 2023.
119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2023.
“Orientadora: Profa. Dra. Miriam Steffen Vieira.”

1. Mídia. 2. Racismo. 3. Representação. 4. Telenovelas. I. Título.

CDU 303

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória até aqui, sobretudo a minha mãe que sempre me apoiou em tudo e que foi essencial para a construção desse projeto. Um agradecimento especial para minha companheira e esposa Andressa Moreira, que me incentivou e apoiou, e esteve sempre ao meu lado em todos os percalços e desafios durante esses dois anos. Também agradeço aos professores e professoras que, além de compartilharem seus conhecimentos, transformaram meu olhar e minha compreensão do mundo.

Agraço especialmente a professora Adevanir Pinheiro minha primeira orientadora, que apesar da pouco contato me trouxe muitos ensinamentos e mais que isso muitos questionamentos. Também agradeço ao professor José Ivo Follmann, bem como minha atual orientadora Miriam Steffen Vieira que foi muito paciente com meu processo e me trouxe segurança e apoio necessário para continuar meu projeto de pesquisa. Agradeço todos meus amigos e familiares que me apoiaram, aos meus colegas e amigos que fiz no mestrado que foram também essenciais para todo meu processo até aqui.

Também agradeço a minha amiga Luciane Linck, uma pessoa muito especial que sempre me incentivou nos estudos, e ainda me trouxe oportunidades incríveis de atuação profissional. Fica meu agradecimento a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória na ONG Instituto Lenon Joel pela Paz, sobretudo ao professor Paulo Gomes. E também ao professor Leopoldo Rosa, que foi importante em minha caminhada, contribuindo para meu desenvolvimento musical e político.

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – 001. Agradeço pela oportunidade de fazer parte do PPG de Ciências Sociais da UNISINOS como bolsista CAPES.

RESUMO

A telenovela brasileira possui longa tradição na cultura televisiva nacional, sendo um dos produtos midiáticos mais consumidos nas residências dos brasileiros. O presente trabalho discute as formas de representação de personagens negros em telenovelas, bem como a pouca presença de atores negros nas tramas novelísticas. Partindo de uma novela específica – Segundo Sol-, transmitida pela Rede Globo no ano de 2018, apresenta as problemáticas raciais presentes dentro da trama e também suas implicações fora desse contexto. Para tanto, a pesquisa foi amparada em metodologia qualitativa. Foi utilizada a análise de conteúdo, guiada pelas contribuições de autores(as) como Silvio de Almeida (2019), Lilia Schwarcz (2011) e Kabengele Munanga (2010), para compreender os aspectos históricos, sociais e ideológicos do racismo; bem como as contribuições de autores(as) como Stuart Hall, Muniz Sodré, Winnie Bueno e Maria Aparecida Bento, para uma análise de aspectos de diferenciação presentes na mídia e as dimensões culturais que a racialização produz na circulação de imagens e discursos. A etnografia da tela foi a estratégia metodológica utilizada para a análise dos capítulos da telenovela, com o objetivo de ir além do texto presente na trama e atentar ao contexto no qual a produção estava inserida. A análise da trama selecionada evidenciou a persistência da sub-representação negra em produções novelísticas. Entretanto, a partir de análise bibliográfica e empírica, foi possível sinalizar um avanço dessas pautas no contexto midiático, mesmo considerando o caráter mercadológico presente na utilização de pautas que visam representatividade. Esta pesquisa demonstrou que, apesar de ser possível apontar para possíveis mudanças, parece ser incompatível a luta por igualdade dentro de um contexto social de exploração que se baseia em uma lógica economicista. Argumentei que, apesar da importância dos movimentos negros na luta por representação, a mudança estrutural necessária não se fará a partir de pequenas alterações nos elencos. Por fim, assinalo para as iniciativas de mídias contra-hegemônicas e a busca constante por uma nova forma de produção de conteúdo que leve em conta a relação sensível do outro como sujeito, bem como políticas públicas que visem transformações reais na forma e no conteúdo de produção da mídia televisiva no Brasil.

Palavras-chave: telenovelas; racismo; mídia; representação.

ABSTRACT

The Brazilian telenovela has a long tradition in national television culture, being one of the most consumed media products in Brazilian homes. The present work discusses the forms of representation of black characters in telenovelas, as well as the low presence of black actors in soap operas. Starting from a specific soap opera – *Segundo Sol*-, broadcast by Rede Globo in 2018, it presents the racial issues present within the plot and also its implications outside this context. Therefore, the research was supported by a qualitative methodology. Content analysis was used, guided by the contributions of authors such as Silvio de Almeida (2019), Lilia Schwarcz (2011) and Kabengele Munanga (2010), to understand the historical, social and ideological aspects of racism; as well as the contributions of authors such as Stuart Hall, Muniz Sodré, Winnie Bueno and Maria Aparecida Bento, for an analysis of aspects of differentiation present in the media and the cultural dimensions that racialization produces in the circulation of images and discourses. Screen ethnography was the methodological strategy used to analyze the soap opera chapters, with the aim of going beyond the text present in the plot and paying attention to the context in which the production was inserted. The analysis of the selected plot showed the persistence of black underrepresentation in novelistic productions. However, based on bibliographical and empirical analysis, it was possible to signal an advance of these guidelines in the media context, even considering the marketing character present in the use of guidelines that aim at representativeness. This research demonstrated that, although it is possible to point to possible changes, the fight for equality within a social context of exploitation that is based on an economicist logic seems to be incompatible. I argued that, despite the importance of black movements in the fight for representation, the necessary structural change will not be made from small changes in the casts. Finally, I pointed to counter-hegemonic media initiatives and the constant search for a new form of content production that takes into account the sensitive relationship of the other as a subject, as well as public policies aimed at real transformations in the form and content of television media production in Brazil.

Keywords: soap operas; racismo; media; representation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO E MOVIMENTO NEGRO	20
2.1 IMPRENSA NEGRA.....	22
2.2 PRODUÇÕES DO CONHECIMENTO E LUGAR DE FALA.....	26
3 MEIOS DE COMUNICAÇÃO ALGUMAS TENDÊNCIAS TEÓRICAS	35
3.1 ESCOLA DE FRANKFURT	36
3.2 ESCOLA CANADENSE	38
3.3 TEORIA CULTUROLÓGICA.....	39
3.4 ESTUDOS CULTURAIS.....	40
4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO TELENOVELAS E RACISMO	43
4.1 TELENOVELAS E RACISMO	49
4.2 TEM ATÉ PRETO DOUTOR.....	51
4.3 PRETO CARTAZ.....	54
4.4 BRANQUITUDE	56
5. RAÇA, ESTADO E IDENTIDADE	59
5.1 RAÇA E ESTADO	60
5.2 RAÇA E IDENTIDADE NACIONAL.....	62
5.3 ESTADO E BIOPODER	66
5.4 IDENTIDADES EM QUESTÃO	69
5.5 IDENTIDADES ENQUANTO PRODUTO	72
5.6 IDENTIDADES E TRANSFORMAÇÃO	75
6 O SEGUNDO SOL: ANÁLISE DA TELENOVELA E MUDANÇAS EM CURSO	81
6.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	81
6.2 CONTEXTO DA NOVELA.....	84

6.3 REPERCUSSÃO DO ELENCO.....	85
6.4 AMBIENTAÇÃO DA NOVELA.....	90
6.5 POR DENTRO DA TRAMA.....	92
6.6 ANÁLISE DOS PERSONAGENS NEGROS	93
6.7 RACISMO DE NOVELA.....	98
6.8 ANÁLISE COMPARATIVA: POSSÍVEIS MUDANÇAS.....	103
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família baiana idealizada na trama.....	86
Figura 2 – Edgar e Roberval (irmãos).....	94

LISTA DE SIGLAS

COORDIGUALDADE - Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho

UNEGRO - União de Negras e Negros pela Igualdade

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar a representação negra na mídia, com foco na problemática da representação racial nos meios de comunicação, especialmente nas produções novelísticas. O trabalho contará com uma análise bibliográfica de pesquisas brasileiras que levam em conta a temática racial em telenovelas, bem como estudo de uma novela específica do ano de 2018, *Segundo Sol*, de João Emanuel Carneiro, transmitida pela rede Globo de televisão. Busco examinar como são reproduzidas as relações raciais e representação negra na novela em questão, levando em conta a quantidade de atores negros e os papéis que os personagens negros interpretam, bem como o lugar que ocupam na trama. Verificando assim a presença de possíveis estereótipos associados aos personagens negros presentes na trama, bem como possível apagamento dos corpos negros.

Além da análise da novela *Segundo Sol*, o trabalho traz uma análise comparativa sobre possíveis mudanças na quantidade e qualidade dessas representações de personagens negros nas telenovelas nos últimos anos. Se de fato tivemos uma maior presença da população negra nas tramas ou se persistem os processos de embranquecimento e apagamento. A partir de análises já realizadas a respeito do racismo nos meios de comunicação, como Araújo (2008), Silva (2018), Grijó (2012) e Borges (2012), e compreendendo a importância da televisão na cultura brasileira, busco demonstrar se houve algum avanço em direção de maior representatividade negra nas telenovelas, em que sentido isso acontece e quais os atores sociais envolvidos.

Os estudos que têm como base a temática racial na mídia e as relações raciais têm aparecido desde a década de setenta em outros países, segundo Acevedo *et al.* (2010). Essa temática no Brasil é bastante relevante, tendo em vista as características histórico-sociais na sua formação, e a diversidade étnico-racial presente na cultura brasileira. Bem como a adesão ao formato das telenovelas no cenário brasileiro, e as interpretações possíveis do Brasil a partir da ficção televisiva, nesse caso as novelas. Sendo a telenovela um bom termômetro para compreender a imagem atribuída ao Brasil dentro do contexto midiático, possibilitando uma

análise das formas de representação desses mecanismos de mídia e da ideologia presente nessas produções.

No Brasil, além do colonialismo e da escravidão, o darwinismo social, uma pseudociência com base no determinismo racial, que se projetou inclusive no direito (SCHWARCZ, 2011), serviu como instrumento de classificação e hierarquização de grupos humanos. Esse discurso que primeiramente tinha como base a desumanização de um grupo étnico, justificando a escravidão, posteriormente vai dar lugar a uma ideia de limpeza racial. Todo esse processo foi produzido e implementado através do colonialismo com o Estado e seus aparelhos, sendo a ideologia do branqueamento, além de uma teoria racista, também uma política de Estado.

Os corpos negros além de terem sido violentados fisicamente passaram por um processo de estigmatização e hierarquização, Stuart Hall (2016), vai apontar para o caráter simbólico do racismo, onde a circulação de imagens e discursos a respeito dos corpos negros vão gerar estereótipos associados a raça. E no Brasil, o racismo foi considerado um problema de Estado, e mesmo no pós a abolição o processo de formação da identidade nacional recorreu aos métodos eugenistas visando o embranquecimento da sociedade (MUNANGA, 1999).

Esse complexo imaginário a respeito do negro, produzido pelo racismo, vai gerar discursos estereotipados, o que Stuart Hall vai chamar de *regime racializado de representação*. E esses estereótipos vão se projetar em vários âmbitos da cultura, inclusive nos meios de comunicação. Nesse trabalho buscarei analisá-los a partir das telenovelas. Compreendendo também que a análise do conteúdo audiovisual não pode ser desprovida de uma visão crítica, que compreenda o racismo enquanto um processo estrutural (ALMEIDA, 2019).

O projeto se adequa à linha de pesquisa de atores *sociais*, políticas públicas e cidadania ao abordar questões a respeito de exclusão e diferenciação de grupos sociais e as reivindicações de setores da sociedade historicamente marginalizados. Bem como ao tratar da relevância da cultura e dos meios de comunicação como um fator importante para formação das identidades e construções de práticas sociais. Nos próximos capítulos será apresentada uma contextualização do tema, situando a

questão racial e seu aspecto simbólico e cultural, ou seja, como o processo de racialização construiu uma imagem a respeito do negro e de sua cultura de forma depreciativa. Também farei uma breve síntese sobre as teorias e campos de estudos que se debruçam sobre os meios de comunicação e racismo midiático.

Apesar de utilizar as contribuições teórico epistêmicas de diversos autores fundamentais como Achille Mbembe, bell hooks, Lélia González, Kwame Anthony Appiah, Frantz Fanon, W.E.B Du Bois, Neusa de Santos Souza, entre outros, para proposta do trabalho partirei de alguns autores em especial. Um desses autores, que vai ser fundamental na análise do objeto de pesquisa, é Stuart Hall que vai trazer conceitos importantes como *estereotipagem* ou *regime racializado de representação*.

Esses conceitos juntamente com um aprofundamento histórico, vão ajudar a demonstrar como se articulam as práticas representacionais (HALL, 2016), como o autor denomina. Aqui também cabe citar a contribuição do professor Muniz Sodré que, apesar de não falar diretamente de estereótipos, vai trazer o conceito de *bios midiático* e problematizar a construção de sensibilidade e afeto no contexto dos meios de comunicação midiáticos.

Autores decoloniais como Edgardo Lander, Anibal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Ramon Grosfoguel, entre outros, também vão auxiliar na discussão a respeito da construção do saber e poder, na produção do *outro* como diferente, onde sujeição do “não branco” serve como base para a construção da modernidade a partir do colonialismo. Assim como perspectivas feministas, que também problematizam a construção da mulher no patriarcado, presentes em autoras como Patricia Hill Collins, Judith Butler, por exemplo. Para análise dos meios de comunicação também contarei com as contribuições Martín Barbero e Edgar Morin. Com noção de mediações presente em Barbero (1997), bem como a ideia de complexidade de Morin, vão ser elementos importantes para embasar esse trabalho.

Para fundamentação teórica que leva em conta a análise das telenovelas em especial utilizo contribuição de Joel Zito Araújo, que com sua obra *A negação do Brasil*, trás um levantamento das telenovelas brasileiras no período 1963-1997. O autor demonstra a presença de vários estereótipos associados a figura do negro, fazendo um panorama histórico das produções novelísticas e suas relações com a

sociedade brasileira. Além de Joel Zito vou contar com autoras importantes como Solange Couceiro de Lima, Maria Baccega, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Esther Hamburger.

Para situar alguns pressupostos adjacentes ao tema principal como o conceito de branquitude, utilizarei autoras como Lia Schuman, Iray Carone e Aparecida Bento que irão fornecer uma base crítica para refletir aspectos sobre construção da branquitude e sua relação com o a construção do sujeito racializado, o negro. Esse conceito vai auxiliar para reflexão sobre o caráter racial presente nas novelas, e a dificuldade de pensarmos em atores negros como protagonistas, e como isso reflete na verdade um ideal identitário socialmente construído. Além da branquitude para discussão a respeito e identidades busquei subsídios em Judith Butler, Asad Haider, bem como Stuart Hall e Tomaz Tadeu Silva.

Para um substrato teórico conceitual sobre aspectos históricos do racismo e a construção da raça no Brasil, trago Lilia Schwartz, Silvio de Almeida e Kabenguele Munanga principalmente. Os três autores trazem uma visão histórico-social crítica sobre o papel do Estado e da cultura na manutenção e disseminação do racismo no contexto brasileiro. Aqui também utilizo conceitos e ideias de Foucault e Achille Mbembe, sobre biopoder e política. Nessas abordagens é possível compreender o papel do Estado, educação, mídia e da cultura na disseminação de uma ideologia racista, e como essas ideias também tiveram respaldo científico.

A preocupação com o tema se deve primeiramente pela a realidade do racismo no cotidiano, vindo de uma família interracial e observando os conflitos presentes em minhas vivencias. A novela em especial sempre foi um momento de aproximação com a minha mãe, mulher negra, que esteve bastante presente na minha infância e foi essencial para a minha formação. Minha mãe trabalhou como doméstica em casa e fora de casa também, sempre me incentivou a estudar, mas acima de tudo a seguir uma carreira e um caminho que fizesse sentido pra mim, independente de *status* social da profissão ou de quanto dinheiro ganharia.

Esse incentivo me possibilitou ir atrás das coisas que me interessavam, tanto pela fascinação emocional como a música, como pela indignação, ou vontade de transformar, daí meu interesse pela educação e pelas ciências sociais. A novela

Xica da Silva, reprisada em 2005 pelo SBT, foi uma das primeiras novelas que me lembro de forma mais concisa, uma “novela de escravos” como falávamos eu e minha mãe. Na época não sabia que essa era uma das primeiras novelas com uma atriz protagonizando uma personagem negra, Taís Araújo, apenas sabia que era uma novela antiga do “tempo dos escravos.” Essas memórias hoje parecem fazer mais sentido, compreendendo o racismo e a história que aprendemos sobre nossos ancestrais, normalmente enviesada e cheia de preconceitos.

A participação em projetos populares enquanto jovem na ONG Lenon Joel Pela Paz, em São Leopoldo, também me ajudou a formar certa consciência de classe. Dessa ocasião tive o primeiro contato com a educação social e os estudos de Paulo Freire a respeito de uma educação emancipadora. Fazendo em seguida um curso de extensão de *Educador Social*, pela Faculdades EST/ESEP, com apoio da ONG. Posteriormente, com a formação em Técnico em Música, desenvolvi um projeto intitulado de “*Choro de Ananse*”, um recital que através do mito africano do deus *Ananse* buscava demonstrar, por meio da música e da história, como a cultura negra e africana influenciaram na produção cultural brasileira, sobretudo nas obras musicais. Por fim, na iniciação científica realizada na graduação em sociologia, pesquisei a respeito do cinema negro a partir da obra de Zózimo Bulbul, pensando a representatividade negra no cinema e o desenvolvimento do cinema negro no Brasil.

Reafirmo então minha trajetória e meu lugar enquanto homem negro e periférico, e que em grande parte o interesse por construir esse projeto de pesquisa veio do fato de, na adolescência e infância, assistir telenovelas junto com minha mãe, que inclusive contribuiu para essa dissertação. Pois de nada adianta falar na relevância dos meios de comunicação e da novela enquanto produto da cultura produtora de sentido, se não situar meu lugar enquanto sujeito na construção de saber.

Dessa forma posso dizer que foi também a partir do estranhamento entre a cor dos corpos representados na televisão e do meu que surgiu a inquietação sobre a temática racial. Muitos dos locais em que transitei tiveram pouca presença negra ou mesmo referências negras, como na escola, por exemplo, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Havia poucos professores negros e nenhuma

problematização sobre a temática racial, ou mesmo referências a produção acadêmica, intelectual e científica de pessoas negras.

Em minha formação acadêmica nas faculdades EST ou no Centro Universitário Internacional, apesar de algumas discussões sobre racismo, essas eram feitas normalmente por pessoas brancas. Mesmo quando era estudado a respeito da história do choro, samba ou da cultura negra na música, ou quando era retratado o racismo e as formas de diferenciação social, sempre foi um professor branco.

Posso dizer que minha primeira referência intelectual mais direta, salvo os autores que lia nos livros e artigos, só veio através do mestrado na UNISINOS a partir da professora Adevanir Aparecida Pinheiro, ex professora do PPG de Ciências Sociais da Unisinos. Esse fato é muito relevante para mim, infelizmente a professora Adevanir não está mais na universidade, mas mesmo assim, apesar do pouco tempo contribuiu para minha produção e formação. Tendo também o mestrado me apresentado novas referências teóricas da intelectualidade latina, negra, do sul global, além de experiências transformadoras nas aulas e seminários, é a partir daqui que escrevo.

O trabalho parte de uma análise qualitativa que considera os elementos da trama novelística de *Segundo Sol*, transmitida pela Rede Globo no ano de 2018. Essa análise levará em conta a quantidade de atores e atrizes negras presentes na novela, bem como possíveis estereótipos raciais e problemáticas que envolvam a questão racial na trama. Para análise do conteúdo parto das contribuições de Stuart Hall, sobretudo no que diz respeito a estereótipos e diferenciação racial, bem como nas contribuições de autoras como Maria Aparecida Bento e Lia Vainer Schucman que abordam a branquitude. Ainda do ponto de vista analítico a noção de *imagens de controle* e *bios midiático*, de Winnie Bueno e Muniz Sodré, respectivamente, serviram como recursos teóricos para análise do contexto de produção das novelas, a mídia.

Apesar de utilizar a etnografia da tela, proposta por Carmen Rial, para guiar metodologicamente os processos que constituirão a análise final da telenovela, também trarei uma perspectiva crítica e decolonial para compreender o fenômeno de

racialização e diferenciação presente na mídia. Dessa forma, a pesquisa não busca apenas demonstrar um possível ideal de representatividade ou simplesmente denunciar a falta de atores pretos. Mas tencionar a discussão a partir das produções novelísticas e situar a falta de presença negra enquanto um processo de produção cultural que se estabelece e reproduz a partir da construção da diferença enquanto forma de construção de sentido. Ou seja, a lógica colonial que se estabelece materialmente com a colonização também está presente hoje na mídia e nos seus produtos, dando sentido ao projeto ideológico do capitalismo.

O presente trabalho está organizado em sete capítulos, contando com a introdução, trarei aqui um breve resumo de cada capítulo. O segundo capítulo trata a respeito do movimento negro dentro do contexto comunicacional. Esse capítulo foi colocado com ponto de partida, pois insere os movimentos negros como grupos ativos, que buscaram estratégias variadas de articulação e resistência. Neste capítulo apresento algumas considerações a respeito da imprensa negra, seu papel e sua relevância, bem como o apagamento histórico existente da trajetória negra na comunicação.

O capítulo parte de uma perspectiva crítica ao trazer o levantamento feito por Ana Flávia Magalhães Pinto sobre a imprensa negra no Brasil. Esta autora coloca em discussão a delimitação histórica da imprensa negra proposta por Roger Bastide, e, posteriormente legitimada por outros autores. No capítulo também serão apresentadas as iniciativas do movimento negro como TEA (Teatro experimental do negro) e cinema negro, e ainda as colaborações de Guerreiro Ramos para pensar a produção sociológica brasileira.

No capítulo três são apresentadas algumas correntes teóricas que discutem a comunicação, no contexto das mídias tecnológicas rádio, televisão e internet, e suas contribuições para pensar a mídia e os meios de comunicação. Apesar da utilização dos estudos culturais, sobretudo Stuart Hall, como fonte maior de pressupostos epistemológicos para este trabalho, apresento no capítulo algumas correntes que julgo serem relevantes para reflexão.

No quarto capítulo situo as telenovelas no cenário comunicacional e suas peculiaridades no contexto brasileiro, trazendo as questões raciais que envolveram

as produções novelísticas. Além da branquitude como uma chave de leitura, para compreender a branquitude e suas implicações na construção de um ideal estético, onde o branco é visto como padrão de representação e universal. Nesse capítulo também trago impressões minhas com contribuição da minha mãe sobre a participação de negros em telenovelas, embasadas em pesquisas sobre o tema.

O capítulo cinco apresenta várias discussões que permeiam o racismo enquanto processo de produção da diferença, abordando o Estado e os mecanismos de controle, até as identidades e suas dimensões políticas e de construção de subjetividade. Nesse capítulo situo a raça enquanto elemento constitutivo da sociabilidade, buscando apontar para dimensões que permeiam a identidade nacional a ideologia racista.

E finalmente no capítulo seis a análise da novela *Segundo Sol* e a descrição da metodologia utilizada. Nesse capítulo abordo a repercussão da novela, descrevendo os personagens, sub-representação negra, estereótipos presentes bem como a reação dos movimentos negros em relação à novela. Ao final do capítulo é apresentado um breve panorama geral apontando para possíveis mudanças nas produções de telenovelas, sobretudo produzidas e transmitidas pela Globo, analisando elencos de novelas lançadas após a *Segundo Sol*. No último capítulo faço algumas considerações a respeito do trabalho e possíveis desdobramentos dessa pesquisa para novas problematizações.

2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO E MOVIMENTO NEGRO

Quando pesquisamos a respeito da mídia ou meios de comunicação e inserimos a categoria raça frequentemente as discussões e os estudos encontrados ficam restritos ao racismo presente meios de comunicação, bem como a presença diminuta de negros nesses ou dos estereótipos associados à figura do negro (a) em produções áudio visuais. Esses temas devem sim ser problematizados, afinal essas representações são consequência de um processo histórico social que tem como fundamento a distinção entre seres humanos com base na cor da pele.

Dessa forma é fundamental compreender como a racialização produz certos discursos e como eles se reproduzem nos meios de comunicação. Mas também é importante compreender a luta da população negra e as estratégias de resistência às várias formas de violência e sujeição a que foram submetidos. E para isso precisamos pensar além dos estereótipos produzidos pelo racismo, e refletir sobre o processo de apagamento e manipulação do outro, que a elite branca colonial estabeleceu.

Partiremos então de uma visão crítica decolonial, que pressupõe o entendimento de que os saberes, e mesmo as produções acadêmicas, foram criadas dentro de um contexto racista, eurocêntrico e patriarcal. E isso pode afetar inclusive a forma que pesquisamos hoje sobre comunicação e mídia a partir da problematização racial. Sendo assim é essencial compreender o papel do movimento negro nos meios de comunicação na contemporaneidade, e também outrora em jornais e revistas mais antigas, onde a imprensa negra teve uma atuação importante, e que muitas vezes aparece apenas em uma nota de rodapé dos estudos sobre comunicação.

Compreendendo então a relevância da difusão e expansão desse referencial de memórias coletivas negras como parte de uma ação antirracista (SILVA, 2023). A dificuldade de encontrar pesquisas e trabalhos sobre mídia que leve em conta a imprensa negra e suas estratégias de luta não se deve necessariamente ao fato de haver poucos jornais, pasquins ou materiais elaborados por negros.

Mas se deve, sobretudo, pelo racismo estrutural e por uma herança do colonialismo ainda existente na academia, onde toda uma forma de conceber

ciências passa por algum tipo de ideia de universal, linear e a generalista, que é resultado e parte de uma estrutura epistêmica específica (GROSFOGUEL, 2016). Além disso, as primeiras pesquisas eram realizadas por homens brancos, sendo a academia um espaço restrito de saber, onde se articulam as relações políticas, econômicas, culturais e sociais. Esse apagamento histórico também é parte de uma cultura colonial racializada. Segundo Oliveira (2017) algumas das principais referências a respeito da história do jornalismo nem sequer mencionam em seus estudos a presença de uma imprensa negra no Brasil.

Com o surgimento cada vez mais crescente das críticas decoloniais e presença ativa de pesquisadores negros e negras nas universidades, percebemos hoje uma pequena mudança no cenário de produção acadêmica nos últimos anos. Isso também se deve, em grande parte, pela luta dos movimentos negros, implementação de políticas de ações afirmativas, como a lei de Cotas no Ensino Superior – Lei n. 12.711/2012. Assim como a atuação dos NEABs e NEABIS e seus correlatos CONNEABs, que evidenciaram a presença e atuação dos povos negros e negras, e sua luta por políticas públicas (COSTA; LIRA, 2021).

A criação do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), através da à mobilização de negros universitários no Brasil na década de 70, bem como a ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, fundada em 2000. Além da atuação de diversos intelectuais negros (o) como Neusa Santos Souza, Lélia Gonzáles, Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento, Eduardo Oliveira de Oliveira, Kabengele Munanga, Sueli Carneiro, Luiz Gama entre outros.

Portanto, existe forte atuação de intelectuais negros em diferentes áreas, tanto na produção científica na academia como na educação em geral, bem como na arte, cultura e política. Alguns desses exemplos: o teatro com TEM (Teatro experimental do negro), fundado por Abdias Nascimento; no cinema com Zózimo Bulbul e todo um movimento em direção ao que chamou de *cinema negro*; na música com manifestações de resistência um pouco diferentes no rap, samba, choro entre outros. Além disso, a militância negra também teve sua atenção voltada para a mídia. Um dos exemplos, em relação os meios de comunicação, pode ser explicitado pela atitude do Movimento Negro Unificado no ano de 1978, quando apresentou propostas de inclusão dos negros na programação (OLIVEIRA, 2007).

Por isso é essencial levar em conta essas estratégias contra hegemônicas da população negra, pois apesar de ser importante compreender a mídia televisiva tradicional e os meios de comunicação em rede como mecanismos que reproduzem o racismo, é interessante demonstrar a luta da comunidade negra. Apesar dos estudos abrangentes sobre a imprensa no Brasil, ainda parece haver pouco espaço para considerar as publicações e escritos da imprensa negra (MALATIAN, 2018).

2. 1 IMPRENSA NEGRA

Roger Bastide foi o primeiro pesquisador a estudar a imprensa negra no Brasil, sendo o termo “Imprensa negra” uma expressão cunhada por ele (OLIVEIRA, 2017), o fato de um pesquisador branco e estrangeiro ser o primeiro a estudar imprensa negra também nos faz pensar. O fundamento da tese de Bastide na obra “*A imprensa negra do Estado de São Paulo*”, em 1951 para tentar explicar a utilizada de jornais negros enquanto fonte de pesquisa, vinha da representação coletiva proposta destes. Segundo Santos (2011) para Bastide os jornais descreviam casos de preconceito e discriminação que constituíam um problema social para aquela população. Roger Bastide coloca como ponto inaugurador da imprensa negra o jornal *O Menelick*, de 1915, fato consolidado por Miriam Nicolau Ferrara em, “*A imprensa negra Paulista 1915-1963*”, essa delimitação temporal foi reproduzida pela maioria dos estudos que abordam o tema (PINTO, 2006).

Apesar de Bastide considerar importante que os negros falassem a partir de suas experiências, o autor diz que os negros, devido suas condições sociais, não conseguiram superar a identidade inferiorizada que construíam sobre si próprios. Dessa forma os negros acabavam criando uma espécie de prisão invisível para si mesmos, ao se encastelarem dentro de clubes e associações e se envolverem profundamente com as rotinas, valores, histórias e figuras heroicas que moldavam suas identidades, ao mesmo tempo em que cediam às pressões da assimilação e da “miscigenação cultural e racial”, abandonando o caminho da construção de uma consciência racial autônoma (SANTOS 2011).

Cabe pensar sobre a postura do autor em relação aos jornais negros, não só da questão teórica ao pensar na assimilação ou miscigenação como algo que dependesse do grupo coagido. Mas também a presunção do autor, protegido pelo

véu universal da branquitude, de dar soluções e caminhos para a população negra se articular e organizar suas estratégias de luta.

Como podemos notar, a conclusão de Bastide sobre as estratégias da população negra demonstra uma visão bem preconceituosa e pouco crítica. Colocando a culpa nos próprios negros pela segregação racial produzida pelo racismo, aqui uma problematização sobre a branquitude na academia poderia nos ajudar a compreender essas conclusões enviesadas. Nesse contexto de produção acadêmica, da década de 50, Guerreiro Ramos já se posicionava em relação à tendência de certos sociólogos e pesquisadores, dentre eles Bastide. Segundo Ramos (1995) um dos problemas da sociologia brasileira é que os autores não tinham experiência vivida dos assuntos que eles tratavam, na maioria das vezes. Nesse sentido aponta Pinheiro (2014, p 36) “parece que os brancos sempre procuram uma brecha para não assumirem as suas deficiências históricas e patológicas”.

No final da década de 1970, a pesquisa de Miriam Nicolau Ferrara sistematizou e elencou os jornais dos “homens de cor” paulistas de 1915 a 1963. Considerado um levantamento inovador por trazer também dezenas de periódicos não exclusivos daquele Estado (SANTOS, 2011). Ela trouxe exemplares do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, para demonstrar as diversas origens sociais e políticas dos jornalistas, o grande número de temáticas e a especial atenção que esses periódicos deram à educação e à moralidade. Apesar de a autora considerar a imprensa negra como um instrumento de combate ao racismo, ou um órgão de protesto como menciona (FERRARA, 1985). A autora mantém algumas conclusões problemáticas, ao deduzir a “falta de coesão do grupo negro” e “desinteresse”, como causas da curta duração da imprensa negra.

A data de 1915, como supracitado, é um marco do surgimento da imprensa negra em São Paulo, com base nas coleções disponíveis aos pesquisadores, sendo o trabalho da antropóloga Miriam Ferrara importante para a catalogação das fontes, sistematizadas conforme as normas da arquivística, completadas por análise interpretativa (MALATIAN, 2018). A autora considerou os jornais feitos por negros e para negros, no período de 1915-1963 no Brasil, colocando, assim como Roger

Bastide, como data de início da imprensa negra o ano de 1915 com o jornal *O Menelick*.

A autora também escreve sobre a dificuldade de produção e descontinuidade dos jornais devido a fatores econômicos, ou seja, recursos financeiros das pessoas responsáveis por sua criação e circulação (FERRARA, 1985). Fez revisões da periodização proposta por Roger Bastide, incluindo outros jornais como o *Alvorada* de Pelotas e *União* de Curitiba, (MOURA, 2002), como alguns jornais negros de outros estados, que foram importantes nas discussões raciais no Brasil. Embora Bastide sugerisse que esses jornais surgiram de uma classe média negra, segundo Moura (2002), algumas fontes demonstram exatamente o contrário: a existência de mutirões, bem como a articulação e o suporte dos homens de baixa renda.

Tanto Ferrara (1985) como Bastide (1951) apontaram o lançamento do jornal *O Menelick*, em 1915, como o marco fundador da imprensa negra paulista. Segundo Malatian (2018), foram a partir das entidades, associações e clubes que nasceram os primeiros jornais e panfletos voltados à questão racial no estado de São Paulo. O *Menelick* seria então um “Órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor” (MALATIAN, 2018). Essa periodização usada por Bastide e Ferrara, bem como o pioneirismo do *Menelick* foi endossado e reproduzido por vários autores que abordavam imprensa negra. E apesar da contribuição dos autores para a discussão, sistematização e organização dos jornais negros, eles mantêm algumas concepções preconceituosas a respeito da população negra, além de serem limitados quanto às fontes e o marco temporal.

Segundo Santos (2011) na segunda metade do século XX acontece uma renovação historiográfica no que se refere às temáticas das relações raciais, sobretudo quando se trata de imprensa negra. As inquietações dos intelectuais pretos juntamente com as novas possibilidades teóricas e metodológicas da nova história, pós-colonialismo, entre outras, criaram as “condições ideológicas para o descortinar de documentos e novos protagonistas da historiografia recente.” (SANTOS, 2011 p. 27). Esse arcabouço teórico-epistemológico sobre imprensa negra contribuiu para as pesquisas, com alargamento das fontes e estudos sobre jornais produzidos por pretos e para pretos. De acordo com Malatian (2018) cresce

também no séc. XXI com grande interesse pelo resgate dos exemplares esquecidos, com iniciativas como a do intelectual militante Abdias do Nascimento.

Nesse sentido, o trabalho de Ana Flávia Magalhães Pinto, nos ajuda a refletir e questionar as afirmações de Bastide e Ferrara sobre o início da imprensa negra, bem como desconstruir algumas leituras desses autores, sobretudo Bastide. Pois segundo Pinto (2006) já se encontra atividade dos negros no século XIX, situando o primeiro jornal da imprensa negra do Brasil o pasquim, *O homem de cor* em 1833. Trazendo trajetórias de homens pretos como o jornalista negro Francisco de Paula Brito (1809 – 1861), e o jurista Antônio Pereira Rebouças (1798 – 1880), e sua atuação como pioneiras na criação dos primeiros jornais voltados para questão racial.

A autora traz alguns títulos como os primórdios da imprensa negra brasileira, como os jornais que surgiram no Rio de Janeiro *O mulato e o homem de cor*, 1933, *O brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Lafuente*, bem como jornais de outros estados como *O homem: realidade constitucional*, 1876, em Recife, o jornal *A pátria* em São Paulo, 1889, e o *Exemplo*, 1892, fundado em Porto Alegre. A autora utiliza o conceito de imprensa negra como “jornais feitos por negros; para negros; veiculando assuntos de interesse das populações negras” (PINTO, 2010 p. 25). Demonstrando também a atuação de homens negros letrados no séc. XIX, que geravam e absorviam ideias contidas na imprensa e levavam aos seus pares. Segundo a autora esses homens, pretos libertos, discutiam e refletiam sobre questões caras do seu cotidiano, casos de discriminação racial, injustiças, direitos civis e educação.

Promover a educação também foi uma das preocupações de alguns jornais negros como o jornal *O exemplo*, que propunha a extensão de ensino público de qualidade. A educação segundo Pinto (2006) era vista como uma forma de ascensão social e mobilidade e integração social. Na realidade sul-rio-grandense a alfabetização era uma preocupação que se mostrava crescente na capital gaúcha, o jornal também servia para evidenciar a existência de barreiras para negros entrarem na escola, denunciando casos de escolas que recusavam abertamente negros. Bem como relatos de racismo e maus tratos na escola, a ponto de os pais retirarem seus filhos do meio escolar. Santos (2011) menciona que o sociólogo, e ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso foi um dos primeiros pesquisadores a utilizar

a imprensa negra sul-rio-grandense como fonte de pesquisa. Mas é importante lembrar que a imprensa negra sul-rio-grandense ainda foi muito pouco utilizada como fonte histórica para pesquisas, dessa forma para uma compreensão mais abrangente é necessário mais aprofundamentos.

2.2 PRODUÇÕES DO CONHECIMENTO E LUGAR DE FALA

Mesmo que alguns autores como Roger Bastide e Fernando Henrique Cardoso tenham pesquisado sobre a imprensa negra, ainda sim eram homens brancos com um local bem definido dentro de um contexto pequeno burguês. A sensibilidade necessária para uma pesquisa que levasse em conta as estratégias de resistência e luta dos negros, como algo realmente relevante e passível de uma análise aprofundada, dificilmente se encontraria nesses pesquisadores, sobretudo naquele contexto. Por isso é essencial expandir os saberes tradicionalmente postos e ouvir outros atores.

É interessante lembrarmos da crítica de Guerreiro Ramos a essa forma de estudar o negro e a condição racial brasileira, onde o negro aparece como 'problema' a ser resolvido. Segundo Ramos (1995) a sociologia se desenvolve a partir de influências exógenas e estrangeiras, que não abarcam as particularidades do contexto brasileiro. Além de compreender o caráter epistemológico em que a sociologia brasileira se fundamentava, o autor entendia a posição ocupada pelos intelectuais brancos e suas limitações analíticas para compreender o racismo.

Essa crítica se dá no mesmo contexto em que são feitas as pesquisas de Roger Bastide e outros pesquisadores Uspianos e estrangeiros. Além de uma crítica ao colonialismo presente na academia, Guerreiro Ramos também aponta para a incongruência presente nos estudos sobre raça no Brasil. Pois, além de utilizarem referências e categorias da Europa, segundo Ramos (1995), os autores não tinham experiência vivida dos assuntos que eles tratavam. Essa posição do autor, que hoje aparece algumas vezes como "lugar de fala", aponta para compreensão do contexto social e do local a qual o sujeito enuncia. Em um contexto racista, patriarcal e colonial, devemos sempre levar em conta que esse homem branco está inserido em um local epistêmico bem definido.

Ribeiro (2017) parte de Patrícia Hill Collins para explicar esse lugar de fala como um lugar social que certos grupos ocupam, sempre a partir de certas condições históricas e sociais. Muitos desses estudos de intelectuais brancos tidos como cânones da sociologia no Brasil, são também a expressão de um saber racista e colonial. Vide a dificuldade em encontrar trabalhos que de fato levem em conta as experiências negras na academia, isso também pode ser explicado pelas “condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente” (RIBEIRO, 2017 p. 35). Enxergamos a partir de algum lugar, com certas lentes em certos tempos históricos, nesse sentido uma crítica decolonial é essencial quando se fala de raça e produção de conhecimento.

Precisamos contextualizar as pesquisas, pois se tratam de pesquisadores brancos e muitos estrangeiros discutindo problemas raciais no Brasil. Muitas dessas teses, além de manterem estereótipos a respeito da população negra, carregavam vieses racistas, muitas vezes camuflados de academicismo. Como nos aponta Nogueira (2014) a partir de uma afroperspectiva, podemos buscar um exercício de crítica que investiga as próprias bases do conhecimento, abrindo novas possibilidades epistêmicas ou o reconhecimento de outras modalidades filosóficas de pensamento.

Quando tratamos os cânones da disciplina como algo intocado ou não passível de críticas, corremos o risco de considerar como fato ou dado algo que na verdade representa mais uma visão da realidade que é condicionada por fatores histórico-culturais. Compreender a importância desses estudos é plausível, porém o fato de haver uma imprensa negra com estratégias próprias de manutenção e articulação, bem como toda a resistência do movimento negro é mais importante do que uma leitura de um estrangeiro sobre um grupo racial alheio a ele. Mas muitas vezes é essa leitura que nos é apresentada como a literatura oficial ou como referencial teórico.

Ao não enfatizar as estratégias de luta dos negros e negras corremos o risco de cair no mesmo erro da história estereotipada de negros como escravos e não como escravizados. Como se os negros fossem passivos nesse processo, ao invés de um grupo ativo que se articulou em movimentos sociais, imprensa, clubes, associações, partidos políticos entre outras organizações. Por isso a importância de

salientar o papel do movimento negro e da imprensa negra como um agente de luta e resistência.

Porém ao abordar os meios de comunicação e a mídia não podemos amenizar ou subestimar o poder da mídia hegemônica e seu aparato técnico e financeiro, pois são algumas poucas famílias de bilionários brancos que detêm o controle dos meios de comunicação. Os negros não estão entre os detentores de grandes meios impressos ou de concessões de rádios e redes de televisão de grande porte. Os grandes veículos de comunicação ficam nas mãos de famílias como Marinho e Abravanel, por exemplo, proprietária do Grupo Globo e do SBT, respectivamente, ou bilionários como Rubens Menin, fundador da CNN Brasil e Edir Macedo, da Record.

Além da produção de saber racista na academia, circulam estereótipos e preconceitos na cultura em geral, e esses discursos afetam também a memória do que é ser negro no Brasil, tendo os meios de comunicação um papel relevante na circulação desses discursos. A negritude historicamente não se identifica com os meios de comunicação tradicionais, não se vendo representadas nesses (ARAÚJO, 2019). Na verdade eles expressam o ideal da branquitude alicerçado nos processos históricos sociais, desde o passado escravocrata, as leis eugenistas e ciência racista do séc. XIX e XX até os meios de comunicação, atualmente controlados por brancos aliados à lógica capitalista liberal. Muitas das estratégias contra hegemônicas do movimento negro estão ligadas a desconstrução de uma imagem depreciativa construída por esse processo histórico cultural e que foi difundida pelos meios de comunicação em geral.

Como aponta Araújo (2019, p 213) “a imprensa negra tem um papel fundamental ao construir narrativas sobre os acontecimentos históricos relacionados à população negra, nas quais destacam o protagonismo das figuras negras”, que tem pouco ou nenhum espaço nos veículos de comunicação tradicionais. Caímos assim em mais uma armadilha em que a racialização opera, ao lutar por representatividade corremos o risco de não denunciar e tencionar as estruturas que mantêm as imagens embranquecidas. Levando em conta que as grandes emissoras e os meios de comunicação hegemônicos são dirigidos por brancos. Mas, mesmo considerando a complexidade do racismo institucional presente na mídia

hegemônica, não podemos desconsiderar as possibilidades de luta de atores sociais, ativistas, entidades e associações ligadas ao movimento negro que também lutam por mais espaço dentro desse contexto.

Mesmo enfatizando o ativismo e a luta por direitos é essencial compreender as relações de poder que envolvem a questão racial na mídia, pois são os detentores do capital, brancos, que têm maior possibilidade de criação de mecanismos discursivos. Ou seja, as grandes emissoras, jornais e mesmo o cinema são brancos em sua maioria, devido às consequências materiais do racismo e do colonialismo. A imprensa negra mesmo assim teve atores importantes que se destacaram por seu pioneirismo e ativismo. Paula Brito que foi o homem responsável por abrir a coleção de jornais da imprensa negra XIX, *O homem de cor* que posteriormente recebeu um acréscimo, com o título *O mulato ou o Homem de cor* (PINTO, 2010). Porém como aponta Pinto (2006) o editor, e possivelmente o redator, do pasquim que abria a coleção de jornais da imprensa negra não atuou sozinho.

Na sua tipografia ocorriam diversos debates e reuniões, sendo um local frequentado por outros intelectuais negros, como Maurício José Lafunte, criador do jornal Lafunte, 1833. Esses primeiros números de jornais tinham como propósito questionar as condições concretas de realização das condições de liberdade e a deficiência e precariedade da cidadania dos negros libertos. Essas ideias de liberdade ganham forma na mente dos pretos livres e libertos, bem como dos escravizados (PINTO, 2010). Sendo assim, cabia saber se elas faziam sentido real e qual sua possibilidade de realização. Os jornais também ressaltaram as trajetórias pessoais que “davam certo”, com exemplos de pessoas negras bem sucedidas, além de divulgação de festas, casamentos, velórios, bem como situações de preconceito.

São vários os materiais que demonstram a existência de uma imprensa negra, desde Pasquins do Rio de Janeiro, 1833, jornais no Recife 1876, jornal *A pátria* em São Paulo, 1889, a imprensa negra no Rio Grande do Sul com os jornais *O Astro*, Cachoeira do Sul e *O Exemplo*, em Porto Alegre. Mesmo que, segundo Oliveira (2017), algumas das principais referências sobre história do jornalismo nem sequer mencionam em seus estudos a presença de uma imprensa negra no Brasil.

Hoje sabemos que a mobilização dos pretos libertos, ativistas e intelectuais negros foi constante e em diversas frentes, sendo esses primeiros periódicos o resultado de uma construção coletiva voltada à ampliação das vozes pretas. Como aponta Pinto (2010) além da conservação de garantias individuais, buscava-se a construção de uma voz coletiva para fortalecimento do grupo. Partindo dessa rede de solidariedade da qual faziam parte algumas das personalidades negras que estavam à frente na produção desses primeiros periódicos da imprensa negra.

Desde os primeiros números do jornal *O homem de cor*, de Paula Brito, já aparecia temas referentes a conflitos raciais, como a distribuição de cargos públicos conforme a cor da pele, prisões e retaliações a pessoas negras e violações de direitos civis. Uma das primeiras edições criticava a proposta apresentada por Manuel Zeferino dos Santos, presidente da província de Pernambuco, em 12 de junho de 1833. A proposta de Zeferino dos Santos buscava a divisão da classe dos cidadãos de acordo com a tonalidade da pele, segundo Pinto (2010) isso servia para impedir o avanço dos “homens de cor” em cargos altos, como a Guarda Nacional.

Compreendendo a imprensa negra segundo Santos (2011) enquanto uma expressão-conceito que abarca uma infinidade de publicações, não somente restritas aos meios impressos, mas também presentes em aparelhos eletrônicos e meios digitalizados. Tendo sua principal característica “está voltada para as reivindicações da população negra e ser produzida por pessoas que se identificam com esse meio”, (SANTOS, 2011, p. 90). Mas enfatizando para o protagonismo dos negros e negras nessas produções, assim como outras frentes que também enfatizam o protagonismo negro, como a proposta cinema negro, por exemplo. Podemos pensar também no cinema negro no Brasil, destaco a relevância de iniciativas como *Dogma da Feijoada* e o *Manifesto do Recife*, que propunham dar ênfase à produção negra no cinema com protagonismo negro.

Nesse sentido é essencial, para ser considerada imprensa negra, seja o negro, o protagonista dos acontecimentos e discussões, ainda que as pautas não tenham relação direta com as questões raciais (ARAÚJO, 2019). Esses jornais negros, assim como outros movimentos e organizações como associações, clubes de futebol, podem ser entendidas como “estratégias étnicas”, como coloca Santos (2011), usadas para afirmação que serviram como reduto das perseguições raciais,

mas também como um reforço das construções identitárias. Mesmo sabendo que essas construções identitárias não são fixas e nem únicas, e que dependem de fatores internos individuais e coletivos bem como relação com a alteridade.

Algumas considerações, porém são necessárias para compreender os desafios de manutenção desses periódicos. Diferente da explicação de Bastide sobre a falta de articulação e unidade dos negros, devemos estar mais atentos para as condições materiais possíveis naquele contexto. Jornais impressos, diferente de hoje, não eram vendidos na rua, às pessoas interessadas tinham que buscar nos locais e lojas para ter acesso aos exemplares (PINTO, 2010). Esse fator dificultava a circulação. Outro fato comum era o anonimato dos seus redatores, segundo a autora Pinto (2010), devido a perseguições políticas, sendo que ainda há dúvidas sobre as algumas das autorias desses jornais.

Os impressos de *O homem de Cor*, por exemplo, eram assinados por “O redator”, na última página. Mesmo sendo impresso na tipografia de Paula Brito, não se tem certeza da autoria dos textos. Porém é importante estar atento, pois muito desses questionamentos sobre a autoria dos textos tem carregam no seu interior uma desconfiança da capacidade dos negros em pensar criticamente a realidade. Como aponta Pinto (2010) uma forma de negação da capacidade dos negros em refletir a partir de suas experiências sobre os rumos da sociedade.

Quando examinamos a história e o conhecimento até então construído a partir de uma visão crítica, torna-se mais visível e compreensível a forma como ocorreram os apagamentos históricos dos saberes dos povos pretos, bem como construção e a criação de um discurso sobre a diferença. Ou mesmo os consensos e verdades que se estabelecem a partir da manutenção desse complexo ideológico. Na academia a pouca relevância dada a intelectuais negros e negras como W.E.B Dubois, Lelia Gonzales, Guerreiro Ramos e tantos outros. Isso nos dá algumas pistas de como ainda é necessária uma postura decolonial nas ciências sociais, por exemplo. Ao adentrarmos o campo da comunicação a discussão racial fica mais em segundo plano ainda, e mesmo quando inserimos a categoria raça como um componente de análise, as referências são escassas e bem difíceis de encontrar.

Segundo a autora Magalhães Pinto as pesquisas e literatura sobre imprensa, comunicação em geral atribuíram pouca relevância a os pasquins negros, isso foi endossado por estudiosos como Thomas Flory e Hélio Vianna, por exemplo. Mas levando em conta uma vasta documentação e estudos mais recentes, enxergamos exatamente o oposto que essas intelectuais sugerem (PINTO, 2010). Ou seja, a imprensa negra tinha sim um papel importante, tanto de resistência como mais uma estratégia de luta contra estereótipos e injustiças. Como fica claro em várias edições do jornal *O mulato ou O homem de cor*, onde denunciavam prisões arbitrárias, discriminação em cargos públicos e reivindicavam direitos civis.

A curta duração desses pasquins se deve ao fato de serem direcionados para uma parcela específica da população, sobretudo das camadas com menos renda, tendo pouco ou nenhum apoio financeiro, sendo comum que os redatores aplicassem dinheiro do próprio bolso (OLIVEIRA, 2017). No século XX a industrialização que mudou a forma de imprensa possibilitando maior circulação mudou um pouco esse cenário. Segundo Oliveira (2017), o setor investiu em tecnologia gráfica, e teve diferentes papéis e vieses durante seu desenvolvimento, tendo desde tendências partidárias de caráter mais opinativo, a feições literárias.

No Rio Grande do Sul dois jornais da imprensa negra tiveram destaque, *O Exemplo*, (1892- 1930), considerado o primeiro título de imprensa negra gaúcha (OLIVEIRA, 2017). E o jornal *A Alvorada* (1907-1965), que durou até o começo da ditadura empresarial militar no Brasil, mas tendo um longo período de circulação. Além da pouca atenção dada à inteligência, articulação, atuação e estratégias de luta do movimento negro na mídia, é interessante notar que os primeiros estudos que consideraram a imprensa negra como um categoria de análise foi justamente de um estrangeiro, Roger Bastide.

Foi um francês chamado Roger Bastide que enxergou o movimento negro e seu papel na mídia enquanto uma questão a ser analisada. Nada mais colonizante do que um francês dar respostas, ou melhor, categorizar e dar nome às estratégias e resistências de uma camada da população brasileira. Porém podemos pensar nessa afirmação de que “o primeiro pesquisador a trabalhar com a imprensa negra brasileira foi um estrangeiro” (SANTOS, 2011 p. 79), como mais uma demonstração da dificuldade da intelectualidade branca brasileira de refletir sobre a realidade e

enxergar os marcadores de raça e classe. Não desconsiderando a relevância de Bastide para sociologia brasileira, mas demonstrando como essa sociologia está situada a partir de sujeitos específicos, homens brancos. Mesmo Bastide propondo o autorretrato do negro por ele mesmo, o pesquisador ainda se baseava em uma visão estereotipada dos negros, mantendo uma postura que culpava os negros pela jaula em que se colocavam a si mesmos (SANTOS, 2011). Ou seja, “o problema do negro” mais uma vez entra em questão, sempre pensado por um pesquisador branco que tenta de alguma forma decodificar ou dar sentido a forma de sociabilidade negra.

Obviamente a imprensa negra e a história do movimento negro na mídia não podem ser definidas a partir do que homens brancos elaboraram ou escreveram, mas esse fato pode nos ajudar a pensar sobre a intelectualidade e os problemas de construção de conhecimento presentes na academia. Ainda é possível notar certa arrogância de quem detêm saber e poder simbólico, que pressupõe deter a legitimidade de narrar e dar sentido a histórias alheias. Essa visão colonizadora de homens brancos que se acham possuidores de uma verdade universal, ainda persiste bastante na academia. E como veremos adiante essa lógica colonial se mantém na mídia hegemônica também, onde quem pode narrar a história, distribuir e selecionar os corpos a serem representados são , na grande maioria, homens brancos.

Em seu estudo Roger Bastide menciona que os negros deveriam pensar por si mesmos, a partir de suas referências, ao mesmo tempo faz uma análise parca da situação real dos pretos. A leitura do autor era limitada por condições históricas e seu lugar enquanto homem branco francês, mesmo assim não se preocupou em fazer um levantamento do que o movimento negro na imprensa significava para os próprios negros. Após a década de 70, surgiram mais estudos que passaram a considerar a imprensa negra como uma importante fonte documental para pesquisa. Autores como Nelson Werneck Sodré, em seu livro "História da imprensa no Brasil", e Jeanne Berrance de Castro, que propuseram a denominação de imprensa mulata (MALATIAN, 2018), também contribuíram para esse reconhecimento.

Hoje, além da ampliação de pesquisadores pretos e pretas, sites jornalísticos negros como *Nação Z*, *Mundo Negro* e *Correio Nagô*, tem visado averiguar suas

tendências temáticas e contribuições com vista a ampliação da cidadania negra (ARAUJO; PERUZZO, 2021). Assim, são diversos os fatores que tencionam o surgimento da produção negra e periférica, que estão ancorados também em políticas culturais empreendidas por diversos atores sociais. No cenário contemporâneo de desenvolvimento das tecnologias digitais o acesso aos meios de produção foi de certa forma facilitado. Surgindo novas propostas de políticas de representação.

A mídia contra hegemônico e o movimento negro hoje buscam espaço nas novas redes de comunicação, mas continuam presentes também como críticos e articulando demandas na mídia tradicional. Além disso, o midiativismo como uma estratégia de transformação vem “criando uma multiplicidade de formas de participação e de intervenção no cenário comunicacional” (PERUZZO, 2018). Embora não possamos compreender as redes enquanto um local livre de interesses ideológicos e econômicos é importante levar em conta seu potencial de ampliação de ideias, sobretudo sua utilização por movimentos sociais para engajar debates e promover ações.

3 MEIOS DE COMUNICAÇÃO ALGUMAS TENDÊNCIAS TEÓRICAS

Com os avanços tecnológicos do séc XX, sobretudo no campo da comunicação, muitos pesquisadores tentaram responder às características estéticas, políticas e sociais dos meios de comunicação, bem como ao papel que essas novas tecnologias poderiam desempenhar. Tratando-se de um fenômeno social complexo como esse, as respostas são diversas e passam por várias leituras da realidade, sendo analisadas por diferentes linhas teóricas. Ao começarmos a situar estudos sobre meios de comunicação, sobretudo no séc XX, nos deparamos com algumas tendências, quando se trata de explicar a *teoria da comunicação*. Segundo Oliveira (2011), não existiria uma teoria no singular, mas sim teorias da comunicação devido à variedade de abordagens e métodos, mas para preservar uma ideia de unidade na diversidade mantemos o singular. Comunicação como aponta Sodré (2014) possui um sentido tanto de trocas intersubjetivas de palavras, como também transmissão avançada de sinais eletrônicos, essas trocas, porém são feitas através de mediações simbólicas.

Existe também uma tendência de elencar autores e escolas como uma espécie de caminho evolutivo da qual passaram as teorias, como se os olhares equivocados do passado fossem corrigidos pelo progresso da ciência (OLIVEIRA, 2011). Porém como ressalta o autor pensar em teoria da comunicação como algo evolutivo e linear é no mínimo equivocado, e me parece que essa tendência a qual me refiro na verdade se deve a um modelo de pensamento. Essa concepção do mundo baseada na racionalidade ocidental tem como fundamento alguns princípios bem rígidos de tempo e espaço, partindo de uma concepção de linearidade e noção de progresso (SANTOS 2018).

Dessa maneira não farei nenhum tipo de resumo ou sínteses das teorias de comunicação, mas alguns autores e perspectivas teóricas que julgo ser interessantes abordar levando em conta o objeto de pesquisa. Assim, autores como Herbert Blumer, Georg Mead, ou linhas teóricas da Escola de Chicago e o do interacionismo simbólico, por exemplo, não serão destacadas. Por mais que seja, a escola de Chicago, considerada fundadora da reflexão teórica sobre a comunicação (RUDIGER, 2011). Sendo assim é interessante pontuar algumas tendências para

compreender suas abordagens e limitações, apesar de não ser o propósito deste trabalho fazer uma síntese de teorias.

3.1 ESCOLA DE FRANKFURT

Uma das principais referências na sociologia quando se trata de meios de comunicação e cultura de massa é a obra de Theodor Adorno e Max Horkheimer, sobretudo na obra *Dialética do Esclarecimento*, 1947. Os autores analisam o impacto dos meios de comunicação sobre a arte, na década de 40, dentro do sistema capitalista. Segundo os autores existiria uma crescente padronização dos produtos, bem como constituição de monopólios, para eles toda cultura de massa se mostraria como idêntica. Se tratando na verdade da disseminação de bens padronizados, para a satisfação de necessidades iguais (ADORNO, 2014).

Essa produção da indústria cultural seria então o resultado do processo de tecnificação e racionalização da sociedade aliado ao avanço do neoliberalismo e da ideologia capitalista. Produzindo o que Max Horkheimer chamou de *razão instrumental*, que pode ser definida, de forma simplista, como a utilização do conhecimento humano historicamente construído para a dominação. Segundo essa compreensão a razão tornou-se instrumento, servindo para o domínio dos homens e da natureza (HORKHEIMER, 2010).

Essa visão crítica e de influência marxista faz parte do que veio a ser chamado de escola de Frankfurt, nome dado a um conjunto de estudos e análises feitas por intelectuais do *Institute fuer Sozialforschung* (instituto de pesquisa social), nascido na Alemanha em 1943, na cidade de Frankfurt. O instituto era formado por um grupo de intelectuais neomarxistas que estavam preocupados em estudar as questões sociais emergentes na época, como o stalinismo (1924-1936) e o nazismo (1933-1945), governos totalitários na Europa, assim como os avanços dos meios de comunicação e das técnicas de reprodução em massa. (SOUZA, 2017).

O instituto teve uma migração forçada pelo crescimento do antissemitismo e pelo avanço do nazismo na Alemanha, o que o levou a criar filiais em Genebra, em Paris e, posteriormente, nos Estados Unidos. Em 1940 Horkheimer e Adorno se transferiram para a Califórnia. Esse período de migração influenciou bastante a

produção do instituto e foi fundamental para criação da teoria crítica devido, entre outras coisas, ao fato de os Estados Unidos ter se tornado uma expressão máxima em relação à cultura capitalista e à democracia de massa (RAMOS, 2019).

A Escola de Frankfurt, como ficou conhecida, não esboçava um pensamento hegemônico da realidade, mas seus integrantes compartilham ideias a respeito da cultura, da comunicação de massa, da emancipação social e da sociedade capitalista. É comum dividi-la em geração de pensadores: a primeira formada por integrantes fundadores como Marx Horkheimer, Friedrich Pollock e Felix Weil; a segunda composta por Theodor Adorno e Herbert Marcuse, entre outros (SOUZA, 2017). Apesar disso, segundo Mogendorff (2012), não seria possível dividi-la em fases, dado que as constantes transformações da “teoria” demonstram mudanças e deslocamento de tendências ao longo do tempo.

Mas em linhas gerais a escola tinha um viés marxista, o que demonstra uma valorização do estudo da superestrutura com base no materialismo histórico. No entanto, propunha uma reflexão crítica em relação ao pensamento marxista hegemônico na época. Empregava metodologia interdisciplinar, buscando utilizar métodos de análise de outras áreas do conhecimento como a psicanálise, por exemplo. Suas principais influências, além de Karl Marx, foram Friedrich Hegel e Sigmund Freud.

Outro teórico importante da escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, também irá tratar da uniformização do comportamento dos indivíduos e a falsa consciência gerada pelo que o autor vai chamar de sociedade *unidimensional*. Uma sociedade que domina todas as dimensões da existência privada e pública, assimilando forças e interesses antes opostos (PEIXOTO, 2011). Tendo a publicidade um papel importante, gerando os elementos mistificadores presentes também na propaganda e política (MARCUSE, 1973). Para o autor, os meios de comunicação permitem que os indivíduos não apenas aceitem um modelo de vida apresentado como ideal, mas também se identifiquem com essa existência que lhes é imposta, encontrando nela seu próprio desenvolvimento e satisfação (MARCUSE, 1973).

Essa abordagem crítica pode trazer alguns elementos que nos ajudam a compreender a intencionalidade das empresas de mídia e comunicação, além de servir para análise da ideologia do capital presente tanto na forma quanto no conteúdo dessas produções. Porém não serve diretamente para análise das produções novelísticas e a questão racial, e também dá pouca atenção para ações contra hegemônicas e atuação de atores sociais. Outra crítica que também se coloca à escola de Frankfurt é sua ideia de que os receptores seriam quase passivos, submersos na ideologia dominante.

Um dos críticos mais famosos talvez seja Umberto Eco, em seu livro *Apocalípticos e integrados*, lançado em 1965, faz uma crítica aos frankfurtianos a qual considerava como apocalípticos, pois segundo ele esses intelectuais mantinham uma postura negativa por esboçar uma ideia de decadência da arte e massificação da cultura pela indústria. Para Eco (1993) essa postura, de certa forma elitista, do apocalíptico busca consolar o leitor alertando-o da catástrofe, mostrando a existência de uma comunidade, aqueles acima da média, que olham para o mundo com desconfiança, uma espécie de "super-homens" (ECO, 1993), ou seja, a crítica o acusava de elitismo presente na obra dos frankfurtianos.

3.2 ESCOLA CANADENSE

Outro intelectual que ganhou destaque nos estudos sobre meios de comunicação foi Marshall McLuhan, um dos principais teóricos da Escola Canadense de Comunicação, que provocou questionamentos sobre o futuro da televisão e dos media no contexto Canadense e norte americano (MORAIS, 2020). McLuhan também escreve no século XX, já na segunda metade do século, em um contexto de revolução das telecomunicações, sua investigação teve como interesse a mídia consumida por jovens na década de 50 e 60, porém com uma visão bem diferente dos frankfurtianos.

Segundo Morais (2020), a partir da teoria Mcluhaniana houve uma transformação no pensamento sobre as relações dos *media* como emissores com seus receptores. O autor privilegiou a questão dinâmica das influências que os media exerciam, não questionando tanto a autonomia dos telespectadores, mas

levando em conta que o meio permitiu às pessoas se sentirem em comunidade. Pois para o autor o rádio, por exemplo, proporciona laços tribais, possibilitando intimidade entre os jovens a partir de suas preferências, falando com muitos como se estivesse falando com cada um em particular.

O meio ajudaria as pessoas a se sentirem em comunidade, muito disso pela forma com que o rádio se dirige a quem está do outro lado do aparelho. Segundo o autor, essa revolução recente na história das comunicações, possibilitou socializar o conhecimento, permitindo o reforço dos laços de irmandade entre os homens (RUDIGER, 2011). Essa teoria traz mais o caráter intersubjetivo, considerando os telespectadores e suas possibilidades de sociabilidade através dos meios de comunicação.

3.3 TEORIA CULTUROLÓGICA

Além da teoria crítica temos a chamada teoria culturológica surgiu na França, no Centro de Estudos de Comunicação de Massas, fundado por Edgar Morin, Roland Barthes e Georges Friedman (CASTRO, 2014). Essa corrente vai tentar definir o que seria essa cultura de massa e suas relações entre consumidor e objeto de consumo, também se ramifica na Itália com o semiótico Umberto Eco, autor importante. Como já mencionado Eco foi crítico as ideias frankfurtianas pelo seu caráter pessimista. Para ECO (1993) existia uma postura de certa forma elitista, dos frankfurtianos. Já os *Integrados*, que seriam os funcionalistas, entendem a cultura de massa como um fenômeno que possibilita a circulação de bens culturais, permitindo a recepção de informações e o acesso à disposição de todos e, dessa forma, gerando uma democratização da cultura.

Apesar das considerações importantes de Eco, o autor mais com mais destaque da teoria culturológica no meio acadêmico é o pensador francês Edgar Morin. O autor não se interessa unicamente por estudos a respeito dos meios de comunicação, pois entende que esse deve ser entendido em sua complexidade, e “só faz plenamente sentido quando é tomado em conexão com outros fenômenos socioculturais e políticos” (MORIN, 2003 p. 7). Porém, Edgar Morin compreende a relevância dos meios de comunicação e a mídia como uma força estimuladora de

imaginários, mas diferente dos autores supracitados, também reconhece a força do indivíduo e dos grupos sociais (SOUZA *et al.* , 2014).

O autor reconhece que as possibilidades de interlocução são desiguais, mesmo entre países diferentes ou classes sociais (SOUZA *et al.* , 2014), analisando o fenômeno de forma complexa e multidimensional. Também reconhece a relação da mídia com imaginário, mas não reduz o espectador a um ser passivo. Para o autor esses processos são mais complexos, “Ver telenovelas não impede de ter consciência política e de contestar as injustiças sociais” (MORIN, p 9, 2003). Morin traz algumas questões importantes em relação a análise dos meios de comunicação. Durante o desenvolvimento de seu corpo teórico ele elenca dois métodos que considera importantes para análise de produtos da cultura.

Primeiramente uma postura autocrítica, em que o pesquisador deve despir-se dos preconceitos na análise dos produtos da cultura, acompanhando e apreciando seu objeto de estudo. Posteriormente feita essa desconstrução da postura do pesquisador, considerar a totalidade, que encara o fenômeno em suas interdependências, o que inclui o próprio pesquisador no sistema de relações. (SOUZA *et al.* , 2014). É importante ressaltar que Edgar Morin é um autor extremamente complexo e seu trabalho teve mudanças ao longo do tempo, buscamos aqui apenas alguns elementos centrais de sua pesquisa, sobretudo a respeito de meios de comunicação e cultura. Essa forma de pensar a complexidade que envolve os meios de comunicação, os receptores e as relações possíveis vai nos fornecer subsídios para pensar as telenovelas como produto cultural em movimento.

3.4 ESTUDOS CULTURAIS

Os estudos culturais são um conjunto interdisciplinar, abarcando campos múltiplos, com diferentes histórias distintas em suas diversas conjunturas (HALL, 2003). Segundo Baptista (2009), se existe algum método nos estudos culturais ele consiste na contestação de alguns limites socialmente construídos a respeito de classe, raça e gênero, por exemplo. Nomes como Richard Hoggart e Edward Thompson são apontados como fundadores dos estudos culturais britânicos (SOUZA *et al.* , 2014) , ainda segundo o autor esses três autores são emergentes de

classes populares, beneficiados por políticas públicas britânicas voltadas à educação. Possibilitando assim um novo olhar sobre a realidade, inclusive para uma crítica da noção de cultura elitista. Porém é importante destacar que foi a partir de Stuart Hall que os Estudos Culturais assumiram um projeto institucional, em com sua atuação na *Open University*, (SOVIK, 2003), continuando periodicamente, a se pronunciar sobre os rumos de algo que se tornou um movimento acadêmico-intelectual internacional.

Estando como uma das principais frentes na chamada virada cultural, os estudos culturais também serviram como agente na reconfiguração das humanidades, como aponta Baptista (2009), desestabilizando algumas fronteiras acadêmicas. Dentre os autores que fazem parte desse campo temos Raymond Williams e Stuart Hall como dois de seus principais representantes, e dentro dos estudos culturais latino americano temos a figura de Martín-Barbero. No que tange a questão dos meios de comunicação ou das mídias para o propósito deste trabalho, se fazem mais penitentes os trabalhos de Stuart Hall e Martin Barbero.

No trabalho de Barbero (1997) as formas industriais de cultura, cinema, televisão e rádio, são entendidas a partir de mediações com a cultura popular. Sendo as mídias também palco de diferentes formas de conflito no que tange ao consumo e à produção, pois seu conteúdo hibridiza-se com demandas da sociedade civil e dos coletivos, (RISK *et al.* 2021). Já Stuart Hall (2016), vai tratar do consumo, representação, identidade como sendo parte do que o autor chama de *circuito da cultura*. Em sua obra "*Cultura e representação, 1997*" vai se debruçar sobre as práticas representacionais com viés racial na cultura popular, ou seja, busca demonstrar a produção e reprodução de estereótipos associados aos negros em comerciais, revistas e jornais. Segundo Baptista (2009) os estudos culturais, apesar de ser um campo vasto, estão geneticamente ligados a um modo de produção de análise cultural que busca conciliar os princípios e preocupações acadêmicas com um compromisso político.

. Dentre as abordagens citadas, os estudos culturais, sobretudo Stuart Hall, é a fonte maior de pressupostos epistemológicos desse trabalho, além é claro de campos que não necessariamente estão presentes na comunicação como os estudos decoloniais e branquitude, por exemplo. Apesar dessas noções sobre o

caráter instrumental dos meios de comunicação de massa da *escola de Frankfurt*, serem essenciais para compreender a intencionalidade dos atores sociais e as estruturas de dominação, elas não se mostram suficientes para dar conta da complexidade do problema. Mesmo considerando a importância dessas concepções críticas, devemos levar em conta seu contexto de produção, essas teorias tentaram explicar um processo de crescente expansão do capitalismo e dos meios de comunicação do séc. XX.

Segundo Canclini (1995) na América Latina, há uma longa história de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, cultura popular e de massa. Dessa forma não é possível um trabalho minimamente coerente que não leve em conta as características contextuais da pesquisa. Ou seja, estudar telenovelas no Brasil não é apenas um estudo sobre mídias ou meios de comunicação em si, deve-se considerar aspectos socioculturais e políticos. No próximo capítulo abordo especificamente as telenovelas no contexto brasileiro, é importante salientar que esse tópico não dá conta de elencar as várias contribuições acadêmicas a respeito dos meios de comunicação. Foi apenas um esforço para situar o problema dentro de perspectivas bem conhecidas, que também estão como pano de fundo desse trabalho. Aqui não tratamos de estudos de recepção ou semiótica, por exemplo, entre várias outras perspectivas teóricas importantes.

4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO TELENVELAS E RACISMO

A telenovela é uma das produções mais marcantes na tevê brasileira, tendo reconhecimento e alcance internacional, sendo ainda um dos programas contínuos com maior audiência. Servindo inclusive como fonte de informação sobre nós para outras comunidades de culturas diferentes da nossa como aponta Motter (2000), bem como possibilita reflexão sobre a nossa própria realidade. Os programas de TV e o caráter novelístico, em especial, permitem a construção de mundos e narrativas, onde existe a identificação do público com os personagens, além da temática que aproxima as pessoas, retratando geralmente o contexto cotidiano (LOPES, 2002). Ademais a telenovela é uma das programações com maior audiência na tevê brasileira, e se levarmos em conta a consistência, o gênero novela desponta como mais assistido.

A telenovela esteve presente praticamente desde o início da inauguração da TV no Brasil nos anos de 1950, se inserindo na vida cotidiana das pessoas, obviamente que hoje com uma presença bem maior. Se tornando juntamente com o telejornal o programa de preferência nas audiências populares, a partir de 1970 (ARAUJO, 2013). Além disso, sendo um produto da indústria midiática, a telenovela se articula com os valores culturais da classe dominante, mantendo uma relação estreita com projetos nacionais das elites dirigentes (CAMPOS; JUNIOR, 2015).

Dessa forma, estudar a representação negra nas telenovelas, além de levar em conta a novela enquanto produto da indústria cultural deve considerar aspectos culturais, bem como o racismo estrutural e seu processo histórico na manutenção de desigualdades materiais e simbólicas. Além dos capítulos diários a novela também mobiliza toda uma cadeia de conteúdos, pois seu desencadear é discutido em noticiários, revistas e programas diversos. Segundo Motter (2000) o desafio é compreendê-la enquanto fenômeno capaz de mobilizar milhões de telespectadores, gerando notícias nas mídias especializadas, mídia informativa, jornais diários e revistas informativas semanais de circulação nacional.

No século XXI a diversificação de meios e canais disponíveis de alguma forma enfraquece a novela como arena de problematização da nação (HAMBURGER, 2011). Porém a televisão ainda é meio de comunicação mais

utilizado pela população brasileira¹, e a telenovela uma das programações com maior audiência e fidelidade do público. Nesse aspecto as telenovelas da tevê Globo ganham destaque, pois possuem maior audiência e quantidade de capítulos e produtos. Sendo também o Grupo Globo, maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e um dos maiores do mundo, batendo constantemente recordes de audiência.

Levando em conta a relevância cada vez mais acentuada que os meios de comunicação, em geral, têm exercido nos últimos anos, bem como a presença da novela, em especial, na cultura brasileira, cabe pensarmos sobre a influência destes na reprodução de representações desiguais e preconceituosas. Podemos entender aqui os meios de comunicação como uma extensão do processo de comunicação humana, que surgem a partir de avanços tecnológicos. Sodré (2014) vai apontar para o sentido do "pôr-se em comum", com o foco no caráter interativo do conceito. Porém, segundo o autor, hoje o termo comunicação está mais ligado a uma lógica de comunicação/informação, que se materializa na forma midiaticizada, e pouco tem do conceito primordial de "ação comum". Dessa forma os meios de comunicação são compostos por tecnologias e sistemas que permitem a produção e a circulação da informação em larga escala. Eles incluem não apenas as mídias tradicionais, como rádio, televisão e jornais, mas também as mídias digitais, como a internet e as redes sociais.

Obviamente não se trata de criar uma caricatura dos meios de comunicação, da mídia televisiva como algo moralizante, nem mesmo insistir em uma ideia de passividade dos receptores e na coercividade da mídia hegemônica, como poderia apontar uma ideia genérica de massificação e indústria cultural. Mas compreender como as relações de poder e como as ideias da classe dominante operam, se manifestando em diversos âmbitos da cultura. Nesse sentido a mídia se torna um catalisador dessas ideias e valores das elites dirigentes, fazendo parte da construção sentido e na reprodução de ideias, linguagens, pensamentos, bem como concepções de mundo.

¹ O dado é da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015) disponível em: <https://www.elo.pro.br/cloud/aluno/atividade.php?id=1168&etapa=12>. Pesquisas mais recentes de agências independentes também tem apontado para a televisão como principal meio de comunicação dos brasileiros.

Sodré (2014, p 281) entende que o termo “mídia” se refere a “toda diversidade de dispositivos de informação que lutam pela hegemonia das representações das classes dirigentes e pela organização das relações sociais no âmbito do mercado.” Ou seja, considerando essa definição partimos do entendimento de que a mídia, enquanto parte do capitalismo tecnológico e financeiro, está intrinsecamente ligada à lógica liberal. O que é observável não apenas pela lógica mercadológica e ideologia desses no seu processo de construção enquanto mídia hegemônica no Brasil. Mas também a partir da materialidade observada hoje, ao fazermos uma breve análise do contexto comunicacional. Onde o poder de comunicar no Brasil está na verdade bem concentrado, sendo apenas cinco famílias que controlam mais de 50% dos principais veículos de informação². Nesse sentido, a própria lógica de funcionamento da mídia está atrelada a um ideal monopolista e mercadológico, onde consumo aparece como bem comum e ideal de felicidade individual.

Dessa forma, ao analisar conteúdos da mídia hegemônica devemos levar em conta que as imagens midiáticas que regem as relações sociais também se relacionam com os modelos hegemônicos do capital e do mercado globais (SODRE, 2006). Podemos entender hegemonia como “a capacidade de um grupo social determinar o sentido da realidade, exercer sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade.” (COUTINHO, 2012). Esse conceito adquiriu mais destaque e centralidade a partir de Antônio Gramsci que buscou demonstrar os processos de dominação ideológica de uma classe social sobre outra. Mesmo tendo conceito de hegemonia adquirido novas abordagens, que buscam expandir o conceito gramsciano para as novas facetas do capitalismo, como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe como aponta Alves (2010). Mas acredito que essa definição apresentada por Coutinho a partir do conceito gramsciano já serve como base explicativa para pensarmos mídia hegemônica.

Uma ideia central na dinâmica hegemônica é o consentimento, ou seja, a adesão do grupo dominado às ideias, valores visões de mundo das elites dirigentes que detêm o poder hegemônico. Como aponta Coutinho (2012) os grupos dirigentes tornam as suas tendências e aspirações também as das massas buscando

² Pesquisa realizada pela *Media Ownership Monitor* ou MOM, Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>

consenso ativo dos dominados, para incorporá-los ao seu projeto de dominação. Dessa forma, despolitizando-as, mas assimilam as falas populares, esvaziando-as de sua historicidade, apropriam-se de seus signos, petrificando-os, integrando-os ao sistema de valores da cultura dominante (COUTINHO, 2012).

Deve-se então compreender que a mídia hegemônica tem um papel relevante na produção e reprodução das narrativas e ideias compartilhadas na sociedade. Por isso é essencial levar em conta essa visão crítica que reflete sobre como os aspectos econômicos e ideológicos se relacionam com os meios de comunicação, nesse caso a mídia. Porém é importante lembrar que a novela, como produto da cultura altamente difundido pelos veículos televisivos, possui uma intensa disseminação na sociedade tendo a capacidade de alimentar um repertório compartilhado (LOPES, 2009). Ou seja, os produtos produzidos pela indústria cultural também se articulam com as tensões, demandas e mudanças sociais, não sendo dessa forma uma relação de poder unilateral.

Também devemos considerar a influência do público e do contexto sociocultural nas produções das tramas, enredo, personagens e mesmo das discussões possíveis nas telenovelas. Não é como se o público fosse uma massa amorfa onde a mídia hegemônica depositaria suas ideias e a ideologia capitalista neoliberal ou colonialista se espalharia. Os sujeitos não são passivos e mesmo a ideia de massa é problemática, como nos lembra Barbero (1997) muito das críticas ao popular ou as concepções de homogeneidade das massas está ligada a uma ideia essencialista de povo.

Ou seja, devemos considerar a interação entre diferentes agentes sociais nesse processo, e mesmo levando em conta o papel central da mídia hegemônica como polo mais relevante de poder não podemos desconsiderar que na sociedade “não há apenas a reprodução do sistema de dominação, mas, também, a resistência a ele” (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido que alguns apontam a mídia enquanto um grande veículo de difusão da informação, e considerando que a novela, em especial, tem a capacidade de dar visibilidade a certos assuntos e a outros não, podendo também ser pensado como um espaço de formação de repertório comum (LOPES, 2009).

Mesmo produzida por um grupo específico que detêm valores e intenções comerciais, que se relacionam com dimensões ideológicas, como lembra Hamburger (2011), os anunciantes, movimentos sociais, dirigentes de emissoras, entre outros críticos potenciais, podem interferir na definição dos rumos de um trecho de novela. Isso não significa que não exista um interesse comercial por parte dos produtores nessas interações, já que a audiência e a repercussão da novela em outras plataformas mantém os altos lucros das emissoras.

Neste sentido não partimos de uma concepção reprodutivista, onde a indústria cultural atua e os sujeitos alienados recebem passivamente, pelo contrário buscamos demonstrar que mais do que veículos de comunicação em si, a comunicação é também uma questão de mediações, isto é de cultura (BARBERO,1997). Mesmo sabendo que a mídia e os meios de comunicação se articulam com as diversas formas de dominação, diferenciação e poder presentes na sociedade, historicamente construídos, não podemos desconsiderar os sujeitos como agentes. Já que o público ou mesmo a própria audiência e as redes sociais influenciam nos finais das tramas e enredos das telenovelas. Sendo assim, as produções retratam tensões e demandas sociais ao mesmo tempo em que se relacionam com a cultura e o jogo de interesses dos produtores. Onde percebemos a continuidade de formas de representação simbólica do negro, por exemplo, bem como demandas sociais por representatividade, afetando o curso das telenovelas.

Carmen Rial (2004) aponta que muitos dos estudos ao abordarem a mídia situam sempre os estereótipos (de gênero, de etnia, de geração), de fato observáveis, nos textos, mas sugere daí um poder nefasto dos emissores. Essa postura segundo a autora é problemática, já que muitas vezes essas formas de representação não tem a eficácia denunciada por serem reelaborados de diferentes formas pelos receptores. Carmen Rial apresenta nesse texto orientações para estudantes que adentram nos estudos sobre comunicação, trazendo reflexões importantes. Segundo a autora, deve-se afastar de uma abordagem que enfatiza a audiência como vítima, de um lado, e de outro, de uma que enfatiza a audiência como detentora de uma liberdade de escolha absoluta. Dessa forma a combinação dos dois paradigmas mostraria os meios de comunicação de massa como tendo uma natureza dual (RIAL, 2004).

Porém não se pode pressupor que estereótipos sejam recebidos de forma acrítica pelos receptores, ou então achar que as ideologias por trás das tramas são sempre visíveis. O que se pode saber é que as representações são racialmente orientadas por ideologias específicas, e essas representações não vão simplesmente se diluir no todo social e perder seu sentido. Pelo contrário vão reproduzir e dar sentido a formas específicas de práticas sociais, bem como de modos de compreensão da realidade.

Muniz Sodré (2006) também vai fazer alguns apontamentos e reflexões sobre os meios de comunicação, em seu livro "Estratégias do Sensível", vai pensar a experiência sensível como elemento fundamental para a transformação da lógica individual racionalista. Buscando demonstrar como a partilha do comum a partir da pluralidade, deve estar pautada no sensível, ou seja, não adianta simplesmente a aceitação formal da diferença, mas a aceitação sensível do outro. O autor é bem crítico às formas de comunicação/ informação na mídia hegemônica, trazendo o conceito de *bios midiático*, sendo esse uma transformação técnica do espaço-tempo, adequada às novas estruturas e configurações da vida social, instaurando um novo tipo de comportamento com o real.

Esse *bios midiático* faria a integração do sujeito através da relação com capital, não sendo um campo neutro já que participa ativamente da luta pelo controle das representações do real (SODRÉ, 2006). Para o autor essa nova configuração social que se relaciona tecnologicamente através da mídia, TV, internet, redes sociais, confere indistinção entre tela e realidade, mobilizando os estados de espíritos dos indivíduos, reorganiza seus interesses afetando hábitos (SODRÉ, 2006). Para Sodré os estereótipos, são emoções coletivas esteticamente condensadas, nos territórios imateriais desse *bios midiático*.

Segundo Hamburger (2011) a telenovela desafia as polarizações e dualidades entre alta e baixa cultura, cultura erudita e popular, modernismo e cultura de massa, sendo abordada em diversos trabalhos com abordagens distintas. Segundo Canclini (1995) na América Latina, há uma longa história de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, culto, popular e massivo. Dessa forma não se faz possível um trabalho minimamente coerente que não leve em

conta as características contextuais da pesquisa. Ou seja, estudar telenovelas no Brasil não é apenas um estudo sobre mídias ou meios de comunicação em si, devem-se considerar aspectos socioculturais e políticos.

Apesar de existir uma gama de abordagens e vertentes sobre os estudos dos meios de comunicação e mídia, muitas vezes conflitantes, não me deterei a uma linha teórica em especial. Tendo em vista que ficaria difícil fazer uma análise dos estereótipos raciais em telenovelas, ou racismo nos meios de comunicação, sem recorrer a autores que tratem da questão racial como Guerreiro Ramos, Silvio de Almeida, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro entre outros. Bem como autores que abordam os meios de comunicação em si como Imaculada Lopes, Esther Hamburger, Joel Zito Araújo, Muniz Sodré entre outros. Além disso, autores e teorias críticas ao modelo de conhecimento e formas de vida da sociedade capitalista são essenciais, pois não se pode compreender o racismo sem levar em conta o sistema capitalista. Bem como os estudos decoloniais e da branquitude, que abrem a discussão para outras direções.

4.1 TELENOVELAS E RACISMO

A mídia televisiva reproduz certas ideias que são também produto da cultura nacional, essas ideias e práticas, porém levam no seu interior conteúdo da ideologia dominante. Com seus interesses financeiros e ideológicos a mídia seleciona, separa e estabelece os conteúdos que fazem mais sentido para seus objetivos. Não que esses conteúdos sejam fixos e não possam sofrer modificações, como a televisão que se adapta a linguagem das redes nas propagandas, por exemplo, ou as novas demandas sociais por representatividade, mas até essas mudanças são calculadas. Aqui, porém, não cabe uma forma moralista ou dualista de pensar na intencionalidade dos agentes, ou seja, considerar a mídia hegemônica como malvada e o público como vítima. Na verdade se articulam interesses financeiros e políticos juntamente com um aparato ideológico que mescla racismo, patriarcado e classicismo. Nesse sentido, tanto a base material dos veículos de comunicação, que define seu conteúdo, quanto o sistema ideológico que enforma a sua programação, evidencia o fundamento colonialista e racista da mídia brasileira.

A Isso se pode constatar nos cargos mais altos nas emissoras em sua maioria ocupada por homens brancos, bem como nas famílias que detêm as concessões das grandes emissoras, não se encontram nenhum negro entre elas. Além do fato de que alguns grupos apenas controlam mais de cinquenta por cento dos veículos de informação. E esses mesmos grupos possuem atividade considerável em outros setores importantes da sociedade como educação, setor financeiro, setor imobiliário e agropecuário. Por isso é importante compreender que quando se fala em representação negra na mídia, é a respeito desse contexto material, onde as formas de representação estão sendo disputadas e inseridas. Além da análise dos conteúdos explicitamente racistas e sexistas difundidos nas mais diversas programações de tevê, também devemos levar em conta o contexto sócio cultural. Seria no mínimo irresponsável fazer uma análise de obras de arte no período barroco, sem considerar o contexto histórico de produção bem como as peculiaridades do local e de quem a produziu.

Por isso que ao citar as novelas como objeto de análise na contemporaneidade é necessário levar em conta o sistema capitalista e a cultura racista e colonial por trás das câmeras. Sodré dá o nome de *bios midiático*, a esse espaço onde há circulação dos afetos capitalista e consumista, com suas práticas e organizações se constituindo. Ou seja, para o autor o aspecto ideológico se estabelece nessa forma virtualizada de vida de caráter técnico e mercadológico, que chama também de *bios virtual*. Ao demonstrar como os corpos negros foram representados na mídia televisiva também compreendo a importância de uma análise crítica do modelo capitalista.

Dessa forma, falar de racismo sem falar de capitalismo, é esconder o que é necessário para transformação (HAIDER, 2019), de nada adianta substituir o policial branco pelo negro ou ator branco pelo negro se a estrutura é racista. Mesmo tendo como pressuposto uma crítica à mídia hegemônica, e demanda por representatividade, não se esgota o problema. Pois corre o risco da apropriação do movimento pelo sistema capitalista liberal, como já acontece, criando uma elite mais “colorida”, porém conservadora. No próximo capítulo trarei uma abordagem que discute relação entre racismo e capitalismo, bem como identidade nacional e representatividade. Antes disso farei uma análise das novelas e articulação com racismo.

4.2 TEM ATÉ PRETO DOUTOR

Aqui trarei relatos a partir da vivência, como menciona Evaristo (2017), onde se articulam impressões da minha mãe, mulher preta noveleira, e pesquisas a respeito de racismo e mídia, bem como minhas análises. Em uma conversa com a minha mãe sobre meu tema de pesquisa, perguntei a ela se percebia alguma mudança nas novelas hoje, em relação à quantidade de pessoas negras. A resposta foi afirmativa, em uma das falas ela disse que “hoje pelo menos vemos negros doutores e professores”, mesmo sabendo que nem de longe isso é suficiente, ela percebeu uma mudança. Vamos partir de alguns dados e pesquisas para validar ou não essa percepção, de que hoje existem mais atores e personagens negros na televisão e que esses possuem papéis menos estereotipados. Apesar de parecer de fácil observação, necessitamos de dados para dar embasamento, e esse levantamento empírico ajuda também a compreender a profundidade dessa mudança.

O trabalho de Joel Zito Araújo trás um levantamento sobre os papéis atribuídos às negras e negros nas telenovelas brasileiras, durante o período de 1963 a 1997. Em sua pesquisa que foi documentada em livro e documentário com o nome “*A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*”, o autor demonstrou que pelo menos um terço das telenovelas produzidas pela Rede Globo até o final dos anos 90 não havia nenhum personagem afrodescendente. Em outro terço o número total de atores negros contratados conseguiu ultrapassar levemente a marca de 10% do elenco. Em seu livro traz a discussão sobre vários estereótipos atribuídos aos personagens negros. Alguns deles são a *Mammie* empregada negra, o “negro bandido” e o negro dócil. Foi só em 1997 que uma atriz negra viria a protagonizar uma telenovela brasileira, Taís Araújo, na novela *Xica da Silva*.

Mais recentemente Grijó e Souza (2012), nos trazem alguns dados, após observarem avanços muito tímidos, segundo os autores, entre 2000 e 2010, das 53 telenovelas pesquisadas apenas três tiveram como protagonista um personagem afrodescendente. Sendo as personagens: Preta (Taís Araújo), em *Da cor do pecado*; Helena, em *Viver a Vida*; Rose (Camila Pitanga), em *Cama de Gato*. Entre as profissões exercidas pelos negros nas telenovelas, verificam que a maioria está

envolvida com atividades como empregada doméstica, escravo, capataz, vendedor ambulante, entre outros. Essas posições reforçam os locais simbólicos historicamente atribuídos a pessoas negras, um lugar de submissão e servidão. Vale pensar em que sentido essas mudanças acontecem, já que mesmo com mais atores a trizes negros esses ainda são à exceção da regra definida pela mídia hegemônica.

Os autores ainda mencionam que essa mudança também decorre da inserção de personagens das camadas populares nos enredos das telenovelas, ou seja, a utilização de personagens mais populares com histórias que vão de encontro com a realidade de um novo público formado pela classe trabalhadora. Mas também demonstram que além das três novelas protagonizadas por negros, outras telenovelas tiveram alguns personagens negros em papéis de destaque. E a partir desses personagens os autores observam alterações nas formas de representação dos negros em comparação há anos anteriores. Tendo mais negros atuantes na trama, com perfis diversos, ou seja, níveis socioeconômicos variados, profissões socialmente valorizadas e com maior destaque dentro do melodrama (GRIJÓ; SOUZA, 2012).

Outro trabalho que pode nos ajudar a refletir sobre essa mudança é a pesquisa de Wagner Silva (2018), a partir da sua dissertação de mestrado, o autor faz uma análise das telenovelas produzidas entre 2011 e 2017, para assim ter um termômetro de possíveis mudanças. Após a análise das novelas da Rede Globo, totalizando 62, ao total. Considerou as telenovelas das 17h, a Malhação, das 18h, das 19h e das 21h, nessa pesquisa foram constatados oito protagonistas negros. Um aumento, se levarmos em conta as outras duas pesquisas supracitadas, mas mesmo assim um número pequeno ao considerar o contingente populacional brasileiro.

Outas pesquisas confirmam a presença massiva de brancos e dificuldade de atores, apresentadores, roteiristas e jornalistas negros se inserirem na mídia hegemônica. Como exemplo a pesquisa “A raça e o gênero das novelas nos últimos 20 anos” (CAMPOS; JUNIOR), publicado pelo GEMAA³ com a análise de 101 novelas, levadas ao ar nas últimas duas décadas (1995-2014). Foram computados

³Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/a-raca-e-o-genero-nas-novelas-dos-ultimos-20-anos/#:~:text=As%20novelas%20brasileiras%20produzidas%20pela,que%20elas%20ocupam%20dentro%20dele.>

todos os personagens que aparecem nas tramas principais de cada novela. Em média, as novelas da rede Globo possuíam 90% dos personagens representados por atores/atrizes brancos e apenas 10% por pretos ou pardos. As novelas que mais apresentam personagens centrais não brancos não excedem 31% do total. Segundo o levantamento, considerando os protagonistas das tramas, 92% foram representados por brancos contra apenas 8% pretos ou pardos. Ao todo, apenas onze novelas foram protagonizadas por atores e atrizes pretas ou pardas, sendo a Taís Araújo protagonista em três dessas telenovelas (CAMPOS; JUNIOR, 2014).

Ou então o levantamento do grupo *Vaidapé*, coletivo de mídia independente, analisou 204 programas das sete emissoras diferentes, sendo elas: Cultura, SBT, Rede Globo, Rede Record, RedeTV, Gazeta e Bandeirantes. Os programas elencados foram transmitidos entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2017. Nessa pesquisa o foco eram apresentadores negros, e não protagonistas de telenovelas, mas o estudo demonstrou que apenas 3,7% dos apresentadores são negros. Em valores absolutos, de todos os analisados, foram apenas 10 apresentadores negros contra 261 brancos (SANTANA; SALLES, 2017).

Com esse pequeno levantamento, a partir de algumas pesquisas que levam em conta a quantidade de atores negros na televisão, posso então dar validade a impressão da minha mãe. Não que esse fato não pudesse ter sido observado com uma experiência empírica individual, porém agora que compreendemos a dimensão dessa mudança poderemos fazer algumas colocações. Sabemos então que houve um aumento no número de atores e atrizes negras em papéis de destaque nas telenovelas, e isso se dá, sobretudo, devido à luta do movimento negro, e não da possível tomada de consciência das emissoras de televisão.

Mesmo que exista um caráter mercadológico por trás dessas novas configurações étnico-raciais presentes nas telenovelas hoje, não podemos desconsiderar ao papel constante do movimento negro na busca por mais representação. Dessa forma dá a entender que existe um movimento para mudança desse cenário, mas essa mudança é muito tímida ainda e tem pouco a ver com certa consciência de grupos da mídia hegemônica e mais com a pressão de movimentos sociais e ativistas por direitos da população negra.

4.3 PRETO CARTAZ

Aqui vou trazer outra fala da minha mãe para a reflexão, apesar de não se tratar de uma entrevista ou pesquisa de recepção compreendo que existem formas de entendimento da realidade que não aparecem nos cânones da academia, mas que tem muito a ensinar a esses. E através dessas falas, que podem sim ser problematizadas e se tornar objeto de estudo, levantarei mais alguns pontos para discussão. Em uma de nossas conversas minha mãe comentou algo no sentido de refletir sobre as formas que essas representações, que hoje são mais numerosas, são postas nas novelas e nas tramas. Segunda ela: "Mesmo que mudou a gente se sente sempre o mesmo, parece que estão só trabalhando isso pra fazer um cartaz, a gente se sente usado, como se fosse cartazes".

Aqui poderíamos simplesmente explicar esse sentimento a partir da lógica do espetáculo, segundo Sodré (2006) a lógica da m dia hoje   a lógica do espetáculo puro, onde a aceita o da diferença tem caráter simplesmente formal. Hall (2016) também argumenta que uma das formas de representa o do outro em uma sociedade racializada se d  através da estereotipagem. Daí o espetáculo do outro como o resultado da marca o da diferença estigmatizada, ou seja, o fato de ter um negro a mais na novela não muda o lugar simbólico ocupado por esse corpo estigmatizado, visto como o diferente.

Esse respaldo teórico direcionando a impressão da minha mãe poderia nem estar posto aqui, mas isso ajuda a desconstruir a ideia de que a popula o absorve passivamente os conteúdos. Os espectadores reconhecem as contradi es e incoerências da trama, os estudos de recep o e as abordagens menos instrumentais da m dia já nos demonstram isso. Mesmo considerando o poder da média em criar e reproduzir sentidos, devemos considerar a "capacidade dos receptores populares em produzir sentidos diferentes aos priorizados pela cultura hegemônica" (ESCOSTEGUY, 2018 p. 106).

Vou citar uma experiência pessoal, muitas vezes ao assistir uma novela ou programa com a família, e quando aparece um personagem negro retinto ou com cabelo afro, já sinto um frio na barriga. Essa sensa o não vem do fato de eu reconhecer a importância da representatividade, ou da compreensão da luta e

resistência do meu povo. Mas surge porque já sei que vai vir algum comentário racista do qual vou ter que debater e discutir, pois não posso “deixar passar”. Ou seja, não posso simplesmente assistir, tenho que estar sempre atento e pronto para ter firmeza e certa paciência para discussão. E mesmo quando há o silêncio após ver aquela atriz negra com cabelo afro, eu sei que no fundo alguém queria dizer algo racista a respeito dela. É nesse sentido que Muniz Sodré (2021) fala que “é fácil não dizer o difícil é não sentir”, por isso a aceitação da diferença não pode ser simplesmente aceitar formalmente, mas sim a aceitação sensível do diferente, parafraseando Muniz Sodré.

Penso então que essa impressão de que os negros estão cumprindo um papel meramente formal, esse preto “cartaz” a qual se referiu minha mãe, não é nada mais do que a adequação do mercado a demandas sociais. Mesmo que existam formas de ativismo dentro dos próprios meios de comunicação, com a atuação de artistas e atores negros que se posicionam, a mídia é fundamentada a partir de bases racistas e patriarcais, tendo como fundamento o lucro. Aqui poderíamos contrapor esse argumento com a perspectivas de *merchandising social*⁴ que a novela tem a capacidade de promover, como demonstra muito bem Lopes (2009).

Nesse sentido a novela teria um caráter quase educativo ao dialogar com seu tempo histórico, e buscar responder certas exigências que surgem no tecido social (LOPES, 2009). Porém isso não muda todo processo histórico racista do qual a tevê foi parte, nem mesmo a base material estruturalmente racista, onde os dirigentes, diretores e donos de emissoras são em sua grande maioria homens brancos. Ou a base simbólica da branquitude, que normalizou a brancura, colocando o negro como o “outro”, desviante da normalidade e que agora deve ser assimilado.

Ou seja, o fato da televisão estar mais inclusiva hoje só expõe ainda mais seu caráter estruturalmente racista, já que o diferente ao aparecer ainda causa espanto, discussão e estranhamento. Certamente o racismo, como algo anterior à mídia televisiva, se articula e penetra nas diversas instâncias da sociedade, estando presente na política, educação, cultura e meios de comunicação. Dessa forma

⁴Pode ser definida como a inserção intencional, sistemática de questões sociais e mensagens educativas nas tramas das telenovelas e outros programas de TV.

compreendo que a luta antirracista não pode estar desvinculada da luta anti-opressão, considerando as estruturas econômicas que produzem o racismo, bem como as ideologias que colocam o capital acima da vida.

4.4 BRANQUITUDE

A branquitude também é um fenômeno do racismo, é comum ligar reflexões a respeito da raça ao sujeito racializado, nesse caso o negro. E o branco visto e pensado como a raça universal, a qual não precisa representar nada além de sua própria subjetividade (CARONE, 2020). A branquitude pode ser definida como “um conjunto de elementos que congregados contribuem para manutenção da ideia de uma pretensa superioridade do branco no mundo” (SOARES, 2020 p.17). Estudos sobre a branquitude tem ganhado espaço e vem se ampliando na academia, autoras como Maria Aparecida da Silva Bento, Lia Vainer Schucman, Iray Carone, Edith Piza, Liv Sovik, entre outras, têm ganhado destaque.

Podemos, no entanto situar as primeiras problemáticas que traziam o branco como foco analítico da reflexão sobre racismo em autores como Guerreiro Ramos, pioneiro no Brasil, e W.E.B Du Bois sociólogo americano, um dos primeiros a compreender a raça como um elemento fundamental para reflexão sobre a sociedade. Du Bois também foi responsável por uma lógica de análise que direciona o olhar para o homem branco, em seu livro *Black Reconstruction in the United States*, descreve o que chama de “salário público e psicológico” dos brancos. Esse “salário” é um recurso analítico que representava as vantagens e privilégios de ser branco, ao não ser parado pela polícia, ter trânsito livre, melhor atendimento público, seriam algumas dessas vantagens.

Além disso, Du Bois (1998) traz a noção de dupla consciência, na tentativa de explicar a experiência do negro americano que sempre olha a si próprio através dos olhos dos outros. Essa duplicidade a qual relata Du Bois é sentir-se sempre a duplicidade, de ser americano e negro, um embate inconciliável. Essa contribuição em especial vai ser fundamental para estudos sobre branquitude. Cardoso (2010), ainda coloca ainda, Frantz Fanon, Albert Memmi, e Steve Biko como pioneiros ao pensarem a identidade racial do homem branco como problema. Sendo a obra de

Fanon, *Pele negra e máscaras brancas*, 1952, um marco na literatura, sendo um referencial essencial para pensar estudos contemporâneos sobre branquitude.

Segundo Cardoso (2010) a reflexão sobre a identidade racial branca busca problematizar aquele que numa relação opressor/oprimido exerce o papel de opressor, ou por outras palavras, o lugar do branco numa situação de desigualdade racial” (CARDOSO, 2010 p. 610). No Brasil Guerreiro Ramos é provavelmente o primeiro a problematizar a identidade racial branca, bem como a posição do branco no processo de racialização. Sendo então o primeiro autor brasileiro a abordar o branco enquanto tema sociológico, com a obra “*A patologia do ‘Branco’ brasileiro*”, em 1957 (CARDOSO, 2010).

Essa problematização de cunho acadêmico, sistemático e crítico, é sem dúvidas importante para o avanço de pesquisas sobre o tema. Porém Sovik (2002) nos lembra das obras de Machado Assis, Lima Barreto, Cruz e Souza entre outros, certamente escreveram e refletiram sobre aspectos da branquitude. Poderíamos então considerar uma possível origem anterior da reflexão sobre branquitude, na literatura e na arte, por exemplo. Entretanto, a autora também aponta como um marco inicial nos de estudos acadêmicos sobre a branquitude no Brasil a obra de Guerreiro Ramos, “*A patologia do ‘Branco’ brasileiro*”. Apesar do termo aparecer pela primeira vez com Gilberto Freyre em 1962, sendo utilizado por Guerreiro Ramos com o nome de “brancura” (CARDOSO, 2011).

Apesar de estudos mais recentes a respeito da branquitude as discussões sobre raça ainda estão normalmente associadas ao sujeito racializado negativamente, nesse caso o negro. Ainda pode causar estranhamento em alguns, sobretudo brancos, considerar sua cor de pele como um produto da racialização, passível de análise. Mas esse recurso analítico se mostra bem eficiente para reflexão sobre as mídias, bem como as telenovelas, já que se trata de narrativas ficcionais, onde estão sendo propostas estéticas, histórias e modelos de sociabilidades específicas.

Sendo a branquitude também um lugar de privilégios simbólicos, e materiais, que estabelecem posições de distinção, sempre com um significado de poder (CARDOSO, 2011). Assim como a identidade negra se relaciona com um contexto e

com a diferença, não sendo algo estático, o mesmo ocorre com a branquitude, ela não é estática e se modifica e transforma durante o tempo.

Temos as contribuições de Edith Piza, Maria Aparecida Bento, Liv Sovik, Lia Veiner, Adevanir Pinheiro entre outras, com trabalhos importantes sobre branquitude a partir de diversos enfoques, no âmbito do trabalho, mídia, educação e política. Nas discussões sobre mídia temos Joel Zito, que fala sobre o ideal de branqueamento, Liv Sovik que aborda a branquitude na mídia e políticas culturais anti-racistas. Essas contribuições vão nos fornecer algumas chaves de leitura para análise dos discursos racistas presentes na mídia, sobretudo nas telenovelas.

5. RAÇA, ESTADO E IDENTIDADE

Partindo do tema de pesquisa que trata do racismo nas telenovelas e as formas de representação do negro nas mesmas, irei investigar quais as características desse processo, situando a questão norteadora da pesquisa. Buscando responder algumas características do racismo hoje nas representações midiáticas e nos conteúdos presentes nas novelas. Discutindo posteriormente sobre as consequências para formação das identidades negras. Bem como apontar para os movimentos que propõem uma ruptura e resistência a essas formas de representação. Partido de um contexto multicultural e multirracial igual ao Brasil, onde mais de 50% da população é formada de negros e negras, segundo Gonçalves (2018), essa sociedade deveria estar representada na mesma proporção em todos os ambientes.

A autora também aponta para a necessidade de pensar criticamente sobre o conceito de representatividade, pois esse termo de forma vaga pode legitimar certas práticas sociais que no fundo não são inclusivas. Neste trabalho não buscamos falar apenas que representatividade importa, mas compreender que as representações dependem de práticas de significação e sistemas simbólicos (SILVA, 2000) que são construídos socialmente. Ou seja, para essa pesquisa não se pode falar em representação negra nas telenovelas sem considerar todo um complexo processo de construção do *outro*, nesse caso do negro. Esse outro tem um lugar bem definido, e sua imagem está associada a significados específicos, normalmente negativos, que foram produzidos e reproduzidos socialmente.

Aqui podemos pensar também na noção de Imagens de controle, que segundo Bueno (2020), é uma dimensão ideológica do racismo e sexismo utilizada pelos grupos de poder com intuito de perpetuar modos de violência e dominação. Um padrão estabelecido a partir da cultura ocidental branca europeia, no sentido atribuído pela autora, às imagens de controle atribuem significados específicos às mulheres pretas, lhes conferindo um lugar simbólico. Esse conceito utilizado por Bueno vai de encontro com a noção de *regime racializado de representação* de Hall (2016), porém com um enfoque na interseccionalidade.

Sendo assim o entendimento do racismo estrutural e dessas reflexões sobre estereótipos e representação da diferença nos ajudam na compreensão do racismo midiático. E considerando o papel dos meios de comunicação na formação de uma identidade nacional, ou mesmo uma narrativa sobre a nação (LOPES, 2002), podemos pensar também como as telenovelas brasileiras geram implicações na formação das identidades negras. E como essa falta de representatividade, ou estereótipos de representação do negro, podem afetar a construção de si. No trabalho iremos discorrer brevemente sobre como essas formas de representação podem gerar ideias autodepreciativas em pretos e pretas, tanto telespectadores quanto atores das produções.

5.1 RAÇA E ESTADO

As ideias que embasaram o esqueleto teórico do Estado moderno se valeram das noções de contrato social e das premissas de liberdade e igualdade, a partir da teoria clássica do contrato social. Todo esse arcabouço teórico a respeito do papel e da origem do Estado, das relações sociais e do direito natural foi debatido por pensadores como Locke, Rousseau, Hobbes e tantos outros. Cada um oferecendo uma resposta para como a sociedade se organizou e se formou, bem como apontando quais seriam as formas de organização ideal do ponto de vista das relações sociais e de governabilidade.

A ideia de que os indivíduos são naturalmente livres e iguais, que aparece, sobretudo em Rousseau e Locke, foram de certa forma revolucionárias, pois levaram a rejeição de antigos argumentos em favor da subordinação e sujeição de indivíduos (PATEMAN, 1993). Hoje essa ideia do Estado como agente do bem comum, ou melhor, da garantia de direitos dos cidadãos por parte do poder público, é uma compreensão comum, pelo menos dentro do ideal democrático republicano. Mas essa inversão que ocorre do Estado opressivo à sociedade libertada (BOBBIO, 2007), não parece ter oferecido resposta à crescente desigualdade social, à precarização do trabalho, a violência e à fome. Apesar desse princípio de Estado como garantidor de direitos e liberdades individuais percebemos que os diferentes processos de formação nacional dos Estados mantiveram hierarquias sociais, mas dessa vez com base também em diferenças raciais.

Porém é importante ressaltar que mesmo a noção de contrato social, que do ponto de vista formal seria um avanço, está vinculada a uma ideia de sociedade que se baseia em relações de troca mercantil, dentro de um contexto europeu ocidental. Ou seja, todos esses autores clássicos que dão base ao nosso entendimento de Estado moderno, do qual estudamos em nossa formação enquanto cientistas sociais estão inseridos em um contexto histórico social, que também pressupõe um contexto epistêmico.

Charles W. Mills no *“Contrato Racial”* e Carole Pateman no *“Contrato Sexual”*, vão apontar para como essa lógica contratualista desconsidera as questões raciais e de gênero. Pois pressupõe uma ideia civilização se unifica em torno da raça – branca, e se baseia na dominação patriarcal como um dos elementos centrais. Mesmo entendendo que as noções de contrato social utilizadas pelos contratualistas clássicos são artifícios teóricos, elas pressupõem uma origem única do direito político e partem de uma compreensão patriarcal da sociedade (PATEMAN, 1993). Dessa forma, ao analisar a constituição do Estado moderno e as premissas que baseiam seu aparato jurídico-legal devemos levar em conta as relações complexas que se estabeleceram. Sendo assim parto da ideia de que sendo o Estado a forma política do mundo contemporâneo (ALMEIDA, 2019) é essencial compreender sua relação com outros processos históricos sociais, como o racismo e sexismo, que permeiam e estruturam sua formação.

Essa discrepância que existe entre o direito formal, com a premissa de que todos são iguais, e a realidade concreta em que os direitos básicos são violados, é latente na sociedade brasileira. Para uma análise mais crítica é preciso compreender como se deu o processo de formação do Estado e em que medida a raça se torna um elemento central para pensarmos sociedade e política. Não se pode entender raça sem compreender a formação do Estado moderno, e vice versa, é nesse sentido que Almeida (2019) vai nos apontar sobre a relação entre a formação do Estado e a constituição das identidades raciais.

Segundo o autor “o racismo não é um dado acidental, mas é um elemento constitutivo dos Estados modernos.” (Goldberg *apud* Almeida, 2019 p. 54.). Relações econômicas, onde o Estado possui um papel importante para manutenção do sistema capitalista, pois ele garante à liberdade individual, à igualdade formal,

apenas perante a lei, e principalmente à propriedade privada (ALMEIDA, 2019). A relação entre raça e Estado é latente já que, sendo o Estado o detentor do monopólio da força, é por meio dele que se estabelecem as classificações entre pessoas, bem como é através da institucionalidade e do poder que o racismo se constitui.

Nesse sentido que Aníbal Quijano (2005), vai apontar para processo que chama de *Colonialidade do poder*, onde a espoliação colonial é explicada e legitimada através da distinção entre raças. Cria-se aí um imaginário que estabelece diferenças entre o colonizador e o colonizado a partir das noções eurocêntricas, tendo a cultura branca europeia como parâmetro. Além da escravidão, o darwinismo social, uma pseudociência com base no determinismo racial, que se projetou inclusive no direito. E se segundo Schwartz (2011), serviu também como instrumento de classificação e hierarquização de grupos humanos. Esse processo gerou várias explicações enviesadas sobre a relação entre raça e criminalidade, contribuindo para o encarceramento em massa da população negra e justificando a violência praticada pelo Estado.

Essa compreensão também aparece no imaginário social, através de uma construção simbólica a respeito da figura do negro como o primitivo, degenerado e moralmente inferior. E nesse sentido Schwartz (2011) aponta para como a raça se tornaria um elemento decisivo para o direito positivo, que via no fenótipo e nas características físicas dos indivíduos traços de “predisposição pessoal ao delito”. Além da visão pseudocientífica do racismo atrelado a uma justificativa biológica, também se desenvolve o racismo cultural, uma forma de racismo que justifica as hierarquias por meio de uma ideia essencialista de cultura (SCHUCMAN, 2020). Essa lógica de “biologização das diferenças” como coloca Hofbauer (2006), usada como justificativa ideal para a conquista europeia pelo processo de colonização, também se tornou um discurso do Estado brasileiro.

5.2 RAÇA E IDENTIDADE NACIONAL

Em 1911, quando Brasil participava do Congresso Universal das Raças, na voz de João Baptista de Lacerda, cientista renomado e diretor do Museu Nacional, demonstrava o resultado de pesquisas que comprovaram a inferioridade de um

grupo, que restaria na ‘infância da humanidade’ (SCHWARTZ, 2011). Esse grupo, os negros, seriam, nesse entendimento enviesado, uma das causas do atraso da nação. Esse é um dos exemplos de como o Estado produz e reproduz o racismo. Ou seja, o racismo enquanto processo histórico social de classificação e hierarquização, não poderia se reproduzir se não fosse, ao mesmo tempo, alimentado pelas estruturas estatais e alimento destas (ALMEIDA, 2019).

O racismo pode ser compreendido a partir de dois argumentos diferentes que o sustentam (SCHUCMAN, 2020), o racismo biológico e o racismo cultural, essas são as principais formas que justificam a divisão por raça. O racismo biológico busca sustentar os argumentos que justificam hierarquias sociais a partir de noções físicas herdadas, ou seja, cor da pele, cabelo, nariz. E o racismo cultural está ligado a uma ideia essencialista de cultura que considera inferior as religiões, costumes e os modos de vida da população negra.

Porém esses dois âmbitos do racismo se relacionam, pois mesmo a noção de cultura superior está ligada a uma ideia de hierarquias e evolução. Bem como a noção de raça branca e o desenvolvimento do intelecto, instituições desenvolvidas e civilidade, em contraste com a raça negra associada a emotividade, primitivismo e natureza (HALL, 2016). Por isso a construção da identidade negra deve ser refletida e pensada a partir de análise histórica e crítica, considerando que as identidades são construídas em um contexto, vinculadas a condições sociais e materiais.

E a busca por um projeto de nação ira conferir aos negros mais uma posição, dessa vez não mais como a mão de obra escrava sem direitos, mas sim como o problema a ser resolvido. A questão racial se tornaria então um “problema” de Estado, em um primeiro momento a “mistura de raças” era considerada algo nocivo, pois o mestiço tendia a ser o mais “degenerado”. E, segundo Almeida (2019), essa ideia teve enorme repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos do século XIX, nas obras de Arthur de Gobineau, Cesare Lombroso, Enrico Ferri e, no Brasil, Sílvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues. O ideal de nação nesse contexto seria baseado em uma perspectiva biologizante, aonde a pureza racial vai se tornar uma política de Estado.

Além disso, criaram-se entidades e movimentos que tinham como base a pureza racial como a Sociedade Eugênica de São Paulo, criada em fevereiro de 1918. Sendo o presidente da entidade Arnaldo Vieira Carvalho genro de Júlio Mesquita, fundador do jornal *O Estado de São Paulo*, Arnaldo Vieira também fundador da faculdade de medicina de São Paulo (LUPPI, 2009). E essa foi a forma com que o racismo se introjetou nas diversas instituições, mas não só isso. Muitas dessas mesmas instituições são estruturadas a partir da racialização e da classificação dos corpos. Estando o racismo presente no discurso do Estado em todas suas instâncias, bem como nos institutos de conhecimento e educação, e nos meios de comunicação.

Aos poucos o discurso do racismo científico foi perdendo força, a visão biologizante vai dando espaço para uma interpretação mais atrelada a diferenças culturais. Essa tendência de ver a cultura e não mais o fenótipo como um elemento importante para diferenciação de grupos foi um ganho, a princípio, pois trouxe a influência da cultura sobre os aspectos da sociabilidade de grupos. Essa ideia aparece em certas vertentes do pensamento social brasileiro como em Gilberto Freyre, por exemplo, e tem muitas de suas bases na antropologia. Mas essa visão também é problemática na medida em que elenca comparações e medidas arbitrárias, gerando estereótipos sobre culturas diferentes, e servindo para explicar diferenças não mais a partir de inferioridade biológica, mas agora a partir de uma ideia de padrão civilizatório.

Segundo Almeida (2019), a substituição do racismo científico e do discurso da inferioridade das raças pelo “relativismo cultural” está mais relacionada a mudanças na estrutura econômica e política, que exigem formas mais sofisticadas de dominação, do que a um movimento endógeno ou uma revolução interior. Assim o racismo tomaria um discurso mais conciliador a partir de um contexto histórico de industrialização que busca por uma unidade nacional. No início do século XX havia a preocupação por parte dos intelectuais com a formação de identidade nacional, o que estava em jogo era fundamentalmente a questão de saber como transformar essa pluralidade de raças e mesclas de culturas em uma nação, em um único povo (MUNANGA, 1999). Daí surge uma das ideias centrais para pensar o racismo brasileiro, a noção de democracia racial, que parte de uma interpretação enviesada

das relações raciais brasileiras, que aparece também nas obras de Gilberto Freyre, sobretudo na obra *Casa Grande e Senzala*, em 1933.

Essa interpretação mais conciliadora das raças no começo do séc. XX ajudaram a projetar a ideia de democracia racial no imaginário social brasileiro apesar do autor nunca ter utilizado esse termo. Porém, como aponta Bernardino (2002, p. 251), “O mito da democracia racial não nasceu em 1933, com a publicação de *Casa-grande & senzala*, mas ganhou através dessa obra, sistematização e status científico (...)”. Essa concepção de democracia racial, onde o Brasil seria uma espécie de paraíso das três raças, e aqui os conflitos seriam resolvidos através da relação harmônica entre as raças, perdeu força na década de 50. É importante notar que mesmo essa história de um processo gradual de mudanças contada, sobretudo a partir do campo acadêmico, desse ser tomada com cuidado. Pois a resistência e lutas do movimento negro muitas vezes ficam de fora, sendo privilegiado as narrativas que levam em conta o caráter epistemológico de centros de pesquisa e intelectuais com legitimidade acadêmica.

Mesmo assim, podemos citar os estudos da UNESCO, que produziram um amplo inventário sobre o preconceito e a discriminação racial no Brasil. Esses dados foram importantes para desconstruir a ideia do Brasil como uma democracia racial, participaram dessa iniciativa nomes como Florestan Fernandes, Roger Bastide e Oracy Nogueira. Apesar dos avanços desses estudos e da relevância dos intelectuais da escola de sociologia de São Paulo, não é interessante colocar de forma linear os estudos a respeito do racismo à brasileira. Muitos desses estudos mantiveram noções estereotipadas a respeito da população negra, como fica claro no capítulo sobre a imprensa negra. Essa leitura de que primeiro existiu um paradigma de democracia racial, que depois sofre uma ruptura com os estudos da UNESCO, é uma interpretação que sugere Oracy Nogueira, como nos mostra Maio (2000).

Além disso, o Teatro Experimental do Negro criado por Abdias Nascimento, em 1944 e intelectuais como Guerreiro Ramos foram críticos ao projeto da UNESCO. Segundo Ramos esse projeto não propunha medidas práticas contra o racismo, visando apenas uma perspectiva de natureza culturalista. Ramos propunha no lugar uma agenda política que levasse em conta as experiências dos intelectuais

negros e incentivando sua atuação (MAIO, 2015). Guerreiro Ramos era crítico também à forma de fazer sociologia no Brasil, segundo ele, era necessário cortar o cordão umbilical que liga a sociologia brasileira ao pensamento europeu e americano (RAMOS, 1995), e dar ênfase nas particularidades do contexto brasileiro. Por isso é essencial levar em conta a produção de Guerreiro Ramos, Kabengele Munanga, Lélia Gonzales, Neusa Souza Santos entre outros intelectuais negros. É importante lembrar que os movimentos negros, feministas e intelectuais negros estiveram à frente para lutar contra um discurso biologizante, bem como a quebra de estereótipos a respeito da cultura negra.

Nesse sentido, nem os avanços de direitos humanos, após a barbárie do colonialismo e da segunda guerra, e a declaração sobre a raça e os preconceitos raciais da UNESCO em 1978, foram capazes de apontar soluções institucionais para o racismo. Porque, na realidade as instituições, sobretudo o Estado como uma instância privilegiada de ação, tem o racismo como um elemento incorporado em suas estruturas. E isso se manifesta em vários âmbitos como na saúde, educação e segurança, mas também nos meios de comunicação.

Mesmo após a abolição houve muitas dificuldades da população negra se colocar na sociedade capitalista de classes, como já apontava Florestan Fernandes (2008), e esse problema ainda é um fato hoje⁵, e se amplificou com a pandemia COVID-19. Do ponto de vista econômico e do trabalho os negros, além de terem sido explorados por mais 300 anos no regime escravista, foram largados a pura sorte e não tiveram auxílio por parte do Estado para se estabelecerem como parte força produtiva.

5.3 ESTADO E BIOPODER

Além de operar de forma a selecionar os corpos passíveis a violência, a estigmatização e a construção do corpo negro a partir da ideia de raça, vai gerar os estereótipos raciais, ou o que Stuart Hall (2016) vai chamar de *regime racializado da representação*. É também nesse sentido que Foucault vai dizer que o controle da sociedade sobre os indivíduos opera não somente a partir da ideologia e da

⁵ Basta olharmos para os dados sobre desemprego, salário e profissões da população negra em contraste com os brancos. Disponível em < Pedro H. G. Ferreira de Souza http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10519/1/BAPI_26_DesRacial.pdf> Acesso 08/07/23.

consciência, mas nos corpos dos indivíduos. Para Almeida (2019, p. 54), os regimes racistas “não poderiam existir sem a participação do Estado e de outras instituições como escolas, igrejas e meios de comunicação”. E com isso podemos refletir a respeito dessa relação entre o Estado e o racismo, e compreender como esses mecanismos de violência sobre a população negra operam. Essa forma de promover e legitimar a morte do “outro” racializado, o negro, é o que Foucault (2005) chama de regime de *biopoder*, e, partindo dessa concepção na sociedade capitalista, o corpo é uma realidade biopolítica.

Sendo o biopoder, como Foucault denomina este modo de exercício do poder sobre a vida, de forma que “O que inseriu o racismo nos mecanismos do Estado foi mesmo a emergência desse biopoder.” (FOUCAULT, 2005 p. 304). Dessa forma, o conceito de biopoder se torna um elemento fundamental para compreender a relação entre política, poder e racismo. Pois o racismo, como uma tecnologia do poder, promove uma relação de tipo biológico, onde a morte do outro é vista como o desenvolvimento da espécie, do fortalecimento do grupo ao qual se pertence. Dessa forma, a morte do outro não é apenas para segurar minha vida, na medida segurança pessoal, “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura.” (FOUCAULT, 2005 p. 305).

Compreendo que existe uma relação complexa entre realidade material e ideologia, não como polos opostos, sendo a “ideologia mais do que um produto do imaginário; a ideologia é, antes de tudo, uma prática.” (ALMEIDA, 2019, p. 42). Toda essa construção do imaginário social a respeito do negro como subalterno, criminoso ou de índole duvidosa, tende a ser reforçada pelos meios de comunicação e ser reafirmado ao observar a realidade social, onde o negro é o criminoso, o sem teto ou a empregada doméstica da novela, ou o bandido.

É nesse sentido que Stuart Hall (2016) vai apontar para dimensões mais simbólicas e discursivas que o poder assume, buscando demonstrar a profundidade da construção de estereótipos e a força de uma política cultural, pois os significados culturais têm efeitos reais e regulam práticas sociais. Assim podemos compreender que o racismo opera não apenas no controle dos corpos, mas na criação de significados a respeito dos corpos.

Mas, para voltarmos à análise do racismo a partir da noção de biopoder, é interessante mencionar a contribuição importante que o filósofo camaronês Achille Mbembe nos traz sobre a compreensão de soberania e sua relação com o biopoder. Para Mbembe (2020), a noção de biopoder é insuficiente para compreender as formas de submissão da vida e da morte. O autor se vale da concepção foucaultiana, mas vai além, ao inserir o conceito de estado de exceção e soberania para pensar a dimensão da política, ou necropolítica, como denomina.

Nesse sentido a soberania como a capacidade de definir quem vive e quem morre, é minada por um estado de sítio onde não existe distinção entre inimigo interno e externo, onde o cotidiano é militarizado. A soberania vista como “a capacidade de definir quem importa e quem não importa” (MBEMBE, 2018 p.41) é exercida como uma forma de promover o estado de terror. Esse estado de exceção de terror opera como emergência e criação ficcional do inimigo, e precisa ser constantemente criado e recriado pelas práticas políticas. (ALMEIDA, 2019).

Apesar de usar o termo necropolítica ao referir principalmente ao *apartheid* na África, onde instaura-se uma formação peculiar de terror, podemos usá-lo como elemento analítico para compreender as dinâmicas sociais e relações étnico raciais no contexto brasileiro. Sendo assim, o conceito se torna uma chave fundamental para enriquecer a análise sobre a relação entre Estado, racismo e poder, e como aponta o autor:

(...) propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social (...). (MBEMBE, 2018, p. 71)

Podemos partir também da realidade política brasileira, onde representantes máximos do poder público assumem o lugar de incitar e violência e o ódio. E outros agentes do Estado amparados por esse discurso promovem ativamente a morte de grupos subalternos e racializados⁶. Pois esse é o mesmo Estado que mata o cidadão negro sufocado sem poder respirar, mata uma criança dentro de sua casa

⁶ Pessoas negras representam 77% das mortes por arma de fogo, segundo o relatório do Ministério da Saúde, disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf

em uma abordagem policial criminosa, negligencia uma pandemia que fez mais de 700 mil vítimas.

Os índices de violência sistemática sofridos pela população negra, bem como a brutalidade com que são tratados os povos indígenas, outro grupo racializado, não nos deixam dúvidas sobre o papel do Estado na manutenção e reprodução do racismo. A isso se soma os índices de desemprego, escolaridade e a falta de amparo pelo poder público. Esse Estado é o estado de exceção do qual Achille Mbembe nos fala. Onde o papel do bem estar social não é o horizonte, onde o terror e a violência se instalam nas mesmas instituições que, em tese, teriam que proteger a vida e a dignidade humana.

5.4 IDENTIDADES EM QUESTÃO

Pensar sobre a construção das identidades é também refletir a respeito das relações de poder que envolvem os sujeitos, sendo também um produto da demarcação da diferença e da exclusão (HALL, 2000). As identidades são um fenômeno relacional, segundo Follmann *et al* (2017) “o processo de identidade é relação”. Constituindo-se a partir do resultado de um processo de produção simbólico e discursivo, identidade e diferença estão em uma relação de dependência. (SILVA, 2000).

É nesse sentido que Hall (2016) vai apontar para os estereótipos de representação a respeito da população negra, mostrando como esse discurso racializado é estruturado em posições binários, civilizado (branco) e selvagem (negro), partindo de práticas de representação do outro. Sendo assim, cabe pensar sobre quais as formas de representações que foram atribuídas aos negros, bem como as relações que se fizeram presente, e se fazem, na construção das identidades negras, a partir disso. Assim como Hall (2016) compreendo que as formas de representação estão intimamente ligadas com a formação das identidades, onde a construção da identidade e da alteridade não está isolada do contexto sócio cultural e político.

Portanto, para uma reflexão sobre a construção das identidades negras deve-se levar em conta o contexto histórico social e o processo colonial de classificação a partir do conceito de raça. Partindo então de uma perspectiva histórica e crítica,

considerando que as identidades são construídas em um contexto, vinculadas a condições sociais e materiais. E é a partir dessa compreensão do racismo estrutural e suas relação com a formação das identidades que Souza (1983), diz que saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, compelida a expectativas alheias. Pois além da violência física a qual os negros foram submetidos e do desamparo por parte do Estado no pós-abolição, houve um processo de apagamento de suas raízes e construção de um discurso que os inferiorizava. E como lembra Torres (2018) mesmo depois da superação do processo histórico colonial material, “há lógicas coloniais e representações que podem continuar existindo depois do clímax específico dos movimentos de libertação e da conquista da independência.” (BERNARDINO *et al.* 2018 p. 32)

Mas Neusa de Santos Souza também prossegue, apesar do massacre identitário, ser negro “(...) é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.” (SOUZA, 1983, p. 18). Essa busca por descolonizar as mentes é essencial, pois também faz parte do processo de reconstrução de si. Dessa forma, mesmo que a identidade precise do sujeito como detentor de características que o identifiquem, ela é determinada previamente pelas representações e padrões culturais que definem o sujeito, sobretudo em uma sociedade racializada.

Para a pessoa negra que vive em uma sociedade racializada, mesmo que ela não se compreenda enquanto sujeito negro, a identidade sempre estará lá. Como nos aponta Silvio de Almeida no prefácio do livro *Armadilha da Identidade*, de Asid Haider (2019). É importante compreender as identidades enquanto algo objetivo, vinculado à materialidade do mundo, pois ela está no interior das relações e representações, não podendo ser afastada das determinações materiais da vida social.

Partindo de Hall (2016) compreendemos que identidade e representação estão intimamente relacionadas, fazendo parte do que o autor chama de circuito da cultura. Não se trata, porém de algum tipo essencialismo de uma identidade perdida, pois as identidades não são fixas, seria ingênuo pensar em um “sujeito negro essencial” Hall (2003). O autor entende a cultura a partir do intercâmbio de sentidos, onde acontece o compartilhamento de significados, entre membros do grupo ou

sociedade. Esses significados sociais compartilhados organizam e regulam práticas sociais, influenciam comportamentos, gerando efeitos reais e práticos (HALL, 2016).

Ou seja, mesmo para dar sentido ao nosso próprio corpo, ou compreender nossa identidade enquanto sujeitos, somos antes atravessados por sentidos diversos que operam sobre nós. Esses significados atribuídos a determinados corpos tem o poder de validar ou não práticas e formas de ser de determinados indivíduos. A empregada doméstica o estereótipo da *mammy*, por exemplo, na teledramaturgia, demarca um lugar socialmente conferido a mulher preta. Esse lugar historicamente conferido a mulher preta, é fruto de estereótipos que se articulam com a realidade material da população negra, que foi escravizada e marginalizada.

Essas imagens reforçam o lugar social que esses corpos devem ocupar no imaginário, reforçado pela mídia hegemônica, em personagens como a mãe preta, cozinheira e a mulata, como apontou González (1984), e alguns desses estereótipos ainda persistem hoje. Aqui também cabe uma contribuição do feminismo negro, Winnie Bueno a partir de Collins, vai apontar para a noção de imagens de controle, onde os sistemas interconectados de dominação raça, gênero, sexualidade e classe perpetuam um simbólico estrutural que mantêm um sistema de dominação baseado na superioridade racial e na opressão de gênero (BUENO, 2020). Desde as “mães pretas” até a doméstica e a mulata atrevida, essas representações, baseadas em estereótipos, servem para lembrar onde devem estar certos corpos. Com essa justificativa ideológica, a partir das imagens de controle, que se sustentam a continuidade dos sistemas de dominação (BUENO, 2020).

Stuart Hall considera esse papel do simbólico um elemento crucial para compreender a cultura. Esse sentido simbólico seria então produzido no circuito da cultura, através da representação. A linguagem se apresenta como o segundo sistema de representação envolvido no processo global de produção de sentido. Stuart Hall também vai demonstrar como se constroem as formas de estereotipagem, o espetáculo do outro, mostrando as formas de representação da diferença.

A estereotipagem enquanto prática de produção de significado é importante para representação da diferença em uma sociedade racializada. A estereotipagem

pode ser entendida, segundo Hall (2016), como parte da manutenção da ordem social e simbólica. Mas é importante compreender que essa “ordem” não é fechada em si mesma e está a todo o momento em movimento. Por isso considero fundamental um aprofundamento sobre as identidades nesse trabalho, considerando a sua relação com as representações sociais a respeito do negro, nesse caso da mídia hegemônica a partir das telenovelas.

5.5 IDENTIDADES ENQUANTO PRODUTO

Aqui gostaria de refletir sobre a forma que o debate a respeito das identidades se relaciona com o ambiente político e econômico no capitalismo, sistema esse que funciona muitas vezes sequestrando certas pautas para inseri-las no modelo de comercialização da vida. A partir do exame dos usos políticos das identidades, e das relações que a sustentam, também conseguimos entender como as dinâmicas econômicas operam. As formas de organização social no sistema capitalista transformam muitas das noções de representatividade, que possuem sua importância, em pautas puramente individualistas e vazias. Em parte, segundo Butler (2003), esse processo acontece por uma ideia essencialista de identidade. A autora reflete, sobretudo a respeito do feminismo, segundo o qual identidades seriam iguais a si mesmas e coerentes.

Porém essa forma de compreensão essencialista fracassa, pois não explica uma série de opressões que decorrem das relações múltiplas e complexas ocorridas entre o gênero e outros marcadores sociais da diferença como raça e classe, que estão presentes na vida concreta de sujeitos subalternizados. Por isso o entendimento de que os sistemas de opressão estão interligados, não basta uma luta por representatividade que desconsidere outros sistemas de opressão, como a questão econômica, por exemplo. Dessa forma caberia pensar a partir de uma dimensão coletiva das lutas, a partir de um compromisso político com a transformação da sociedade e a emancipação humana.

Essa forma crítica de ver o identitarismo, ou as políticas de identidade, também se encontra na produção de Achille Mbembe (2018), o autor aponta para o fato ficcional da raça, compreendo que elas foram produzidas especialmente pela modernidade, sendo responsável por diversas catástrofes humanitárias e

devastações psíquicas no decorrer dos últimos séculos. Nesse sentido, o negro, em uma sociedade racializada, é marcado pela diferença, inventado para sustentar o sistema capitalista e a lógica ocidental, servindo como uma forma de afirmar a superioridade branca. Submetido à violência física e simbólica o negro passou da invenção da raça e do racismo se tornando “uma das engrenagens essenciais do processo de acumulação em escala mundial” (MBEMBE, 2014, p. 94).

Haider (2019), ao citar a noção de sujeito de Judith Butler, vai apontar para um duplo sentido da dimensão do sujeito, a do sujeito ativo capaz de exercer poder e ação, mas também do sujeito subordinado a um poder externo. O sistema capitalista liberal nos direciona para uma condição existencial da sujeição, tendo como base para sua sustentação nossa participação na política através da sujeição ao poder (HAIDER, 2019). Dessa forma, ao fundamentar a luta nas pautas identitárias nós fixamos e aprisionamos o próprio ‘sujeito’ que a qual ela espera representar e libertar (BUTLER, 2003).

Como já mencionado a população negra sofreu um processo de desumanização e estigmatização, sendo representada através de estereótipos reforçados pelos meios de comunicação de massa. Além do apagamento da figura do negro e do ideal da branquitude presente em vários contextos, inclusive na televisão como apontou Joel Zito (2008) sobre a participação de personagens negros em novelas. Sendo essa demanda por representatividade e combate aos estereótipos uma pauta de extrema importância, vez que iniciativas como *cinema negro*, *teatro experimental do negro* ou mesmo publicações como revista *Raça*, entre outras, são tão relevantes para mudança desses paradigmas estéticos. Porém o fato de aparecerem mais pessoas negras na televisão não modifica a estrutura racista por trás dessas imagens. Mesmo que o propósito desse trabalho seja apresentar o racismo midiático e a discrepância entre atores brancos e negros nas telenovelas, não podemos achar que bastaria colocar mais alguns atores e atrizes negras para mudar a lógica racista presente na mídia.

Por isso a importância da dimensão coletiva das lutas sociais, bem como o entendimento das relações de poder existentes e das estruturas que mantêm esse sistema de opressões. Para pensarmos para além da lógica liberal cabe a reflexão crítica sobre a efetividade de nossas pautas e sua real capacidade de

transformação. Nesse sentido, as abordagens de Boaventura de Sousa Santos e de Achille Mbembe se somam, para Santos (2002) questionar a racionalidade dominante é expandir o domínio das experiências sociais possíveis, ou seja, não retrair o futuro. Mbembe (2014, p. 166) vai colocar seu pensamento na mesma direção: “[...] só é possível problematizar a identidade negra enquanto identidade em devir”, dessa forma buscando reinventar, construir sujeitos e novas possibilidades.

O ser humano deve ser compreendido como produto e produtor de sua vida, o que lhe possibilita criar para além da realidade definida (FERRARINI, 2008), mas para isso aconteça é necessário a crítica ao modelo de racionalidade ocidental dominante (SANTOS, 2000), bem como questionar as estruturas que produzem a diferença e criam hierarquias. Dessa forma, falar de racismo sem falar de capitalismo, é esconder o que é necessário para transformação (HAIDER, 2019), de nada adianta substituir o policial branco pelo negro se a estrutura é racista. Ter representantes mulheres em megacorporações que exploram os funcionários, ou pessoas negras na mídia e na política que são contra políticas sociais, não promove nenhum avanço, pelo contrário.

É nesse sentido que Haider (2019) buscou apontar para as possíveis “armadilhas da identidade”, porque, apesar da representatividade ser essencial, não se pode pautar a transformações com base nas políticas identitárias liberais. Pois corre o risco da apropriação do movimento pelo sistema capitalista liberal, como já está acontecendo, criando uma elite mais “colorida”, porém conservadora. Deslocando o foco do problema para os corpos dos indivíduos que oprimem, ao invés de pensar a respeito das estruturas e relações sociais que produzem e mantêm a opressão. Além de não estar consciente sobre o processo histórico social que produziu a diferença enquanto forma de sociabilidade, que definiu e classificou os corpos negros.

Porém não compreendo que as lutas identitárias sejam menos importantes, mas devem estar ancoradas em um projeto de emancipação e transformação, senão se tornam mais um artifício do capital para expandir seus consumidores. No entanto não se pode negar a relevância das políticas e movimentos de resistência e representatividade como o cinema negro no Brasil, o teatro experimental do negro, a cultura negra na música, *hip hop*, rap, samba. Hoje, além dos elementos

supracitados, temos também algumas iniciativas na cultura *pop*, no cinema, na literatura e na moda como a revista *Raça*, *CultneTv*, bem como artistas ativistas como Emicida, Alê Santos, Yasmin Thayná, Madu Costa entre outros.

5.6 IDENTIDADES E TRANSFORMAÇÃO

É importante destacar que as identidades são pensadas como relacionais e não fixas, apesar de existir um movimento com uma direção mais essencialista das identidades, toda tentativa de fixação da identidade, apesar de ser uma tendência, também é uma impossibilidade (SILVA, 2000). E como citado anteriormente às identidades também estão relacionadas com o contexto social e o momento histórico a qual estão inseridas, bem como as relações de poder.

O sujeito, porém, não é um ser passivo nesse processo, ao compreender a existência de um complexo imaginário social a respeito do lugar negro podemos recolocar e reestabelecer esse lugar a partir de outras referências. Não como se fosse simples ou possível à emancipação “completa” da racialização por parte dos sujeitos racializados, mas podemos pensar como um movimento de desconstrução desses modelos.

Sendo assim, reconhecer a sua negritude é entender como se deu esse sistema de produção da diferença, bem como as relações de poder que ainda o sustentam. Nesse sentido compreendemos a noção de Souza (1983), ao conceber o tornar-se negro como um ato de tomada de consciência desse processo ideológico que engendra uma estrutura de desconhecimento e uma imagem alienada de si. O processo de construção da identidade negra passa necessariamente por um reconhecimento de si enquanto sujeito negro, esse processo está associado a um entendimento do corpo negro como um corpo historicamente estigmatizado.

O corpo negro foi historicamente violentado, não apenas de forma física, mas simbolicamente como nos lembra Pinheiro (2014, p.123) “há certos tipos de violências simbólicas que ocasionam mortes identitárias e históricas culturais invisíveis, das quais quase nunca se falam (...)”. Nesse sentido, o entendimento do que representa sua cor e ancestralidade é um ponto fundamental para subverter a lógica colonial e ideologia do branqueamento.

Por isso neste trabalho não podemos deixar de pensar sobre aspectos das identidades negras nessas representações midiáticas, nesse caso telenovelas. No texto *“Quem precisa de Identidade”*, Hall (2000), vai apontar para algumas reflexões sobre a teorização das identidades, e sua relação com demandas políticas e sociais. Nesse sentido o autor expõe o caráter não unificado das identidades, mostrando que cada vez mais elas são fragmentadas e fraturadas, considerando que são construídas através de discursos, práticas e posições que podem cruzar-se ou até mesmo ser antagônicas. Sendo as identidades construídas por meio da diferença, e não fora delas, produzidas em locais históricos específicos e no interior de práticas discursivas específicas por estratégias e iniciativas específicas Hall (2000).

Esse processo de construção da identidade de um grupo também se dá através de aparelhos sociais, como a educação e a comunicação (ALAKIJA, 2012). Sendo esses aparelhos, a qual se refere Alakija (2012), determinantes na construção e difusão de formas sociabilidades, crenças e princípios, que influenciam atitudes e formam consciência. Já que transmitem valores étnicos, estéticos e outros elementos que contribuem para a composição de uma identidade étnica (ALAKIJA, 2012). A autora ainda continua “O ato ou efeito de identificar-se implica no reconhecimento, em si próprio, de algo que se percebe em alguém (e vice-versa), funcionando esses aparelhos como espelhos refletores da sua imagem e semelhança” (ALAKIJA, 2012 p. 118).

Porém esses espelhos refletem imagens que são reinterpretadas pelos sujeitos, podendo ser quebrados ou ter seu reflexo aceito como real. Não que o sujeito esteja sempre consciente desses processos de produção e representação, mas também não é receptor passivo. O que apontamos ao enfatizar o poder da mídia é o efeito que essas representações exercem influência na construção de si, por isso compreender seu caráter ideológico, com suas bases racistas e patriarcal.

Apesar disso é essencial reconhecer também as conquistas do movimento negro e o avanço das políticas de ação afirmativa após a redemocratização, uma delas foi a implementação da Lei 10639/2003, como adequação da Lei 9394/1996 (LDB), que trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas grades curriculares dos ensinos fundamental e médio.

Essa compreensão sobre a importância da história afro-brasileira é bem recente, e ainda assim existe uma imagem pejorativa do negro a respeito do seu papel na história, vinculando o negro apenas a escravidão. Essa imagem foi construída sutilmente, e está enraizada nas ações pedagógicas, estruturando-se ao longo dos séculos e permanecendo nos critérios ideológicos, didáticos, ainda nos dias de hoje (PINHEIRO, 2014).

Também temos o avanço da representação negra na política, bem como nas próprias ações publicitárias⁷ e maior presença de debates a respeito do racismo. Todos esses fatores devem ser também considerados como certo avanço na discussão racial, porém devemos observar de forma crítica, pois o mercado capitalista se apropria de algumas pautas com finalidades marqueteiras. O capitalismo também se modifica, inserindo demandas sociais em seu catálogo. Várias são os movimentos, e até mesmo políticas públicas, para o reconhecimento e difusão do multiculturalismo como ideal de sociabilidade entre diferentes culturas e etnias.

Esse entendimento da cultura como algo plural, onde convivem diversas manifestações culturais no mesmo território, está na base das chamadas sociedades multiculturais. Podem ser entendidas como “sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade "original" “. (HALL, 2003, p. 52). E o multiculturalismo pode ser entendido como estratégias políticas adotadas para governar e administrar problemas de diversidades que se encontram em sociedades multiculturais (HALL, 2003).

O multiculturalismo como entendimento político democrático defende o diálogo dentro das sociedades plurais, visando o desenvolvimento humano e a justiça social. Sendo assim configura-se como uma política de gestão da multiculturalidade e/ou movimentos culturais demandados pela valorização da diferença como fator de expressão de identidades (MELO, 2015). Porém o multiculturalismo como uma busca pelo reconhecimento das diferenças e o respeito

⁷ Um exemplo dessa tendência, disponível em: <https://mundonegro.inf.br/pesquisa-indica-aumento-de-38-para-44-na-representacao-da-populacao-negra-ou-parda-nas-aco-es-publicitarias-do-brasil/>

à diversidade pode ser tornar um vago apelo à tolerância segundo Silva (2000), se não considerar o processo de produção da identidade e da diferença.

Dessa forma devemos tomar a produção identidade como uma construção social que se articula também com as relações de poder da sociedade. A própria definição de identidade e diferença se encontra dentro de um sistema classificação e hierarquização, onde se elege uma identidade específica como parâmetro da relação (SILVA, 2000), pressupondo e atribuindo diferentes valores aos grupos classificados.

Para pensar a respeito das identidades é fundamental compreender que somos sujeitos históricos sociais e que nossas identidades são atravessadas pela experiência de classe, mas também de gênero, etnia, origem racial, origem nacional, entre outras clivagens. Porém não se trata aqui de uma espécie de fatalismo sociológico (VELHO, 1987), onde o desenvolvimento do indivíduo estaria definido pelo seu nascimento em determinada classe.

Pensar identidades é também compreender seu caráter subjetivo, levando em conta que sua importância advém, sobretudo, do papel que desempenham para seus portadores (APPIAH, 2018). Mas é essencial ter em conta que as identidades estão vinculadas a condições materiais e sociais (SILVA, 2000), onde existem processos sociais e simbólicos presentes na sua construção e manutenção. Sendo resultado do contexto histórico social e também de características subjetivas as identidades são múltiplas e podem ser entendidas também como “identificações em curso” (SANTOS 1994).

A partir desses pressupostos podemos compreender que identidades também são disputas, pois sua construção depende do resultado de processos de produção simbólica, discursiva e de relações de poder. A sociedade escravagista e colonial ao transformar o africano em escravo demarcou o lugar do negro, subjugando e definindo-o como raça culturalmente inferior (SOUZA, 1983). Depois da abolição e do encerramento dessa cultura escravocrata e com o surgimento das sociedades de classes capitalista, a raça passa a ser um elemento com funções simbólicas. A categoria racial possibilitou a hierarquização e distribuição dos indivíduos conforme mais próximos dos padrões raciais da classe e raça dominantes (SOUZA, 1983).

Não basta, porém, considerando os pressupostos aqui levantados, um entendimento liberal do multiculturalismo e do papel das identidades, nem mesmo uma prática pedagógica que vise apenas cultivar os bons sentimentos para com a “diversidade Cultural” (SILVA, 2000). É necessário compreender o processo de produção das identidades, bem como entender que as identidades estão relacionadas com as relações de poder existentes, sendo produzidas por processos de diferenciação (SILVA, 2000). Mesmo dentro dos movimentos por igualdade e direitos, como o movimento feminista, por exemplo, existiam, e existem, questões e nuances de poder que circundam as questões de raça, gênero e classe.

Um exemplo foi o feminismo liberal que, ao desconsiderar questões de raça e classe, colocava as mulheres brancas e liberais como as autênticas representantes do feminismo (hooks, 2020). Esse discurso que só propunha representatividade e uma retórica sobre igualdade, segundo bell hooks, isso mascarava a fidelidade dessa parte do movimento ao colonialismo patriarcal, capitalismo e a hegemonia branca. Essa vertente do feminismo liberal propõe uma espécie de inclusão da mulher no mercado, buscando uma igualdade de gênero nas relações sociais, mas pouco crítica à estrutura capitalista e ao modelo colonial.

Assim também ocorre com o aumento de mulheres negras em propagandas de cosméticos, apesar de ser algo positivo devemos estar atentos para as motivações mercadológicas dessa forma de inclusão. O racismo também está na composição étnica dos dirigentes das grandes corporações e emissoras, na violência policial espetacularizada nos programas criminais, no mercado financeiro, nas escolhas das temáticas abordadas na mídia e também nos conteúdos das telenovelas.

Mesmo com alguns negros aparecendo na tevê à estrutura racista se mantém intacta nesse cenário, pois o sistema econômico e cultural que demarca a raça e produz exclusão persiste, só muda-se a pintura. Por isso compreendo que o processo de construção da identidade negra, o tornar-se negro, também como um ato político, pois a identidade é demarcada pelo racismo.

Sendo assim, reconhecer a sua negritude é entender como se deu esse sistema de produção da diferença, bem como as relações de poder que ainda o

sustentam. Indo de encontro com a noção de Souza (1983), ao conceber o *tornar-se negro* como um ato de tomada de consciência de um processo ideológico que engendra uma estrutura de desconhecimento e uma imagem alienada de si.

Por isso a relevância das políticas e movimentos de representatividade como o cinema negro no Brasil ou o movimento *Black is Beautiful*, da década de 1960, que buscava desconstruir a ideia racista de beleza que inferiorizava o fenótipo natural do sujeito negro. Essa busca por descolonizar as mentes é essencial, assim como a descolonização dos currículos escolares também (GOMES, 2012) e de outras áreas que foram submetidas à lógica capitalista ocidental e eurocêntrica. Mas a discussão sobre representatividade não pode estar descolada da crítica ao modelo de produção da diferença.

6 O SEGUNDO SOL: ANÁLISE DA TELENOVELA E MUDANÇAS EM CURSO

6.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A abordagem metodológica empregada consistiu em pesquisa qualitativa, através da análise de conteúdo como técnica principal. Esta análise foi realizada a partir de telenovelas e episódios previamente selecionados. A análise levou em conta o número de atores negros, enredo da trama, papel desses personagens, diretor da novela bem como questões pontuais de cada episódio, como estereótipos a respeito do negro, questões relacionadas a gênero e raça.

A identificação dos atores negros foi realizada através do fenótipo, bem como da auto declaração pública. Com a utilização do caderno de campo também foram descritos os episódios mais importantes para reflexão sobre racismo, bem como as narrativas e discussões dentro da trama que de alguma forma trataram da questão racial. Também foram considerados para análise a trilha sonora utilizada em algumas cenas, bem como o cenário de alguns episódios.

A análise focou na novela *Segundo Sol*, exibida pelo TV Globo no ano de 2018, transmitida no horário das 21h. Além disso, foram consideradas as telenovelas lançadas posteriormente, sendo elas *Sétimo Guardião*, 2018, *Dona do pedaço*, 2019, *Amor de mãe*, 2021, *Um lugar ao sol*, 2022, *Pantanal*, 2022 e *Travessia* em 2023. Nesse caso foi examinado apenas o elenco de cada novela, sem o aprofundamento na trama, mas que serviu para a discussão a respeito da representatividade, bem como possíveis apontamentos sobre mudanças. Sendo assim, essas seis novelas não contaram com a análise do enredo, personagens e estereótipos, pois o foco analítico desses elementos foi direcionado para a produção de *Segundo Sol*.

A escolha da novela se deu por dois fatores principais, primeiramente pela repercussão negativa que a novela *Segundo Sol* gerou, após a Globo divulgar, na lista de pré-estreia, os atores e atrizes que iriam compor a trama. Por se passar no contexto da Bahia, onde existe um grande percentual de pessoas negras, e a novela não contar com nenhum ator negro em seu elenco inicial, a obra levantou questões a respeito da falta de representatividade. Considero esse episódio importante para

reflexão, pois se trata de uma novela do ano de 2018, ano com muitas tensões políticas e debates sobre minorias.

Além disso, após a repercussão da novela houve pressões dos movimentos negros e também uma ação levantada contra a Rede Globo pela União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO). O Ministério Público do Trabalho chegou a notificar a emissora recomendando à *TV Globo* a medidas para promover a participação de pessoas negras em produções audiovisuais⁸. Também foram lançadas campanhas em redes sociais, uma delas com o nome “Eu poderia estar na novela *Segundo sol*”, nessa campanha são citados mais de 50 atores e atrizes que poderiam compor o elenco da trama. Nessa ocasião também se somaram o posicionamento e as críticas de diversos atores e atrizes negras e repercussão internacional, com matéria do jornal britânico *The Guardian*.

Um segundo motivo da escolha foi devido ao levantamento bibliográfico que contou com algumas pesquisas a respeito do racismo em telenovelas e da participação negra nas mesmas, sendo a última pesquisa consultada do ano de 2018, por Wagner Silva, 2018. Dessa forma, como uma tentativa de contribuir para o avanço das análises sobre telenovelas e racismo com enfoque na representação negra, considerei pertinente realizar a pesquisa a partir desse recorte temporal. Apesar de não se tratar de uma pesquisa quantitativa achei importante dar uma dimensão cronológica, bem como considerar o aumento de atores negros nas telenovelas a partir de análise bibliográfica levantada e da problematização trazida na pesquisa.

O caráter quase irônico no fato da escolha da novela *Segundo sol*, ao se passar na Bahia e não contar com nenhum ator negro em seu elenco inicial, também é provocativo. Pois apesar de não ser estranho, considerando o cenário do racismo midiático, essa falta de representação da população negra em um estado composto majoritariamente por negros e pardos nos traz questões sobre o ideal de branquitude. Mas também demonstra, de alguma forma, como se articulam a sociedade civil e os movimentos negros, nesse caso escancarado de racismo midiático.

⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/mpt-notifica-globo-por-falta-de-negros-em-novela-e-recomenda-mudancas> Acesso 04/12/2022

A análise também levou em conta o contexto de produção da telenovela, considerando-a como produto cultural produzido em um ambiente midiático. Partindo de uma perspectiva crítica e multidimensional, ou seja, será realizada a análise do discurso enquanto prática (FOUCALUT, 1996), nesse caso as narrativas televisivas enquanto modelo discursivo parte de um contexto histórico social. Articulando elementos discursivos presentes na trama, sobretudo relações raciais e de gênero, mas examinando tanto o contexto de produção da telenovela, considerando seu ambiente midiático, o *bíós* midiático (SODRE, 2006), quanto o contexto histórico a qual a produção está inserida.

Partindo das concepções de Hall (2016) sobre os sistemas de representação, bem como do entendimento do racismo como processo histórico social, seja estrutural (ALMEIDA, 2018) ou institucional (SODRÉ, 2023). Mas que se articula nos diversos âmbitos da sociedade, nesse caso na mídia televisiva onde estão presentes as produções novelísticas. Dessa forma a proposta de etnografia da tela como metodologia para a análise dos capítulos, buscou ir além do texto presente na trama apontando para o contexto na qual a produção está inserida (RIAL, 2004). Também foram aplicados os procedimentos de imersão em campo, observação sistêmica da novela, utilização de caderno de campo, bem como a reflexão acerca do contexto de produção da novela.

Foram analisados, ao total, 155 episódios da novela *Segundo Sol*, cada episódio contendo em média 50 minutos, somando cerca de 130 horas de conteúdo. A partir disso foi realizado o levantamento do número de atores pretos, o grau de relevância dos personagens negros na trama, possíveis estereótipos associados aos negros(a), bem como relações que interseccionavam raça e gênero. Ademais, se considerou também a cor dos profissionais que compõem a parte técnica da telenovela, o diretor, roteirista entre outros. Para o levantamento do elenco das demais novelas utilizei o site oficial da Rede Globo⁹, tendo em vista que não foi possível, no tempo da pesquisa, a análise de todas as produções na íntegra.

⁹ Como exemplo o elenco da telenovela “travessia”, disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/travessia/personagem/>> Acesso 20/06/2023.

6.2 CONTEXTO DA NOVELA

A novela *Segundo Sol* se passa no contexto da Bahia, sobretudo na cidade de Salvador, a obra representa aspectos da cultura baiana em vários momentos com diferentes enfoques, através da culinária, música, vestimentas, festividades e religião. A trama também traz algumas referências especificamente à cultura negra como o candomblé e capoeira. Essa narrativa, presente na novela, traz uma ideia particular da Bahia, o que pode ser expresso também na ideia de baianidade¹⁰ presente no trio elétrico, carnaval, festa e alegria.

Logo no primeiro capítulo fica evidente as referências que apontam para essa visão bem específica a respeito da cultura baiana, muito ligada a uma construção simbólica sobre o ambiente baiano e suas influências africanas. Como aponta Nova (2010, p. 2), “a baianidade, como toda a identidade cultural, é síntese construída hegemonicamente no diálogo entre interesses dominantes, sociabilidades consolidadas e no sentido de pertencimento, do indivíduo e/ou comunidade, em um determinado momento histórico.” Marcadas por relações de poder as identidades étnicas, nesse caso a identidade baiana, também se estabelecem a partir da diferença, ou melhor, nesse caso, da representação da diferença.

Em todo caso é importante constar que essa representação da Bahia também é fruto de uma construção simbólica já consolidada, onde segundo Nova (2010) essa identidade cultural redimensionou a presença da Bahia no cenário cultural nacional. Representando também um processo social de manifestação cultural, popular, massificada, de dimensão econômica na indústria da festa e do turismo. Apesar dessa visão superficial da Bahia difundida pela indústria cultural, existe um fator de pertencimento histórico, a qual Nova (2010) chama de baianidade contemporânea, que constitui as referências e pertencimentos de indivíduos em relação a grupos sociais específicos. Essa representação também é importante, pois segundo o autor, estão ligadas a afirmação da riqueza e autoestima do local, bem como a influência da cultura afrodescendente que é parte da música, culinária e costumes do local.

¹⁰ O imaginário construído a partir da representação da Bahia como a terra da felicidade, festa, sol e do carnaval.

Dessa forma, ao representar a Bahia segundo essa visão de festa, dança, trio elétrico e carnaval a novela já está traçando um caminho específico, a partir de uma visão bem cristalizada nas nossas mentes. O que na verdade é bem comum em produtos da indústria cultural, nada de espantoso até aqui. Porém é de causar estranheza, pelo menos deveria causar, o fato de que em seus primeiros episódios a novela nesse contexto baiano não traga nenhum personagem negro em sua trama. Aqui cabe uma relação com capítulo anterior onde trouxe a ideia de “identidades enquanto produto”, pois apropriação de elementos da cultura popular para finalidades do capital também esvazia traços importantes dessas manifestações culturais.

A novela nos apresenta no primeiro capítulo Beto Falcão, Remi e Carola os três personagens centrais na trama, todos brancos, sendo o Beto Falcão um cantor de axé, um dos protagonistas da novela. Na verdade todos os personagens do primeiro capítulo da novela, assim como os atores anunciados na pré-estreia eram brancos. Mas as músicas, as cores e as comidas, todo o contexto em volta representavam elementos da cultura negra, com influências afro-brasileira. Inclusive a vinheta de entrada demonstrava pessoas pretas, que, no entanto, não estavam no elenco. A música que aparece na primeira cena é de Antônio Jorge Souza Dos Santos, conhecido como Tote Gira, compositor preto da Bahia. A música diz “A cor dessa cidade sou eu, o canto dessa cidade é meu”, parece que esse “eu” não é retratado na novela, ou pelo menos não diz respeito à população negra.

6.3 REPERCUSSÃO DO ELENCO

Vamos fazer um exercício de conjectura. Imagine uma novela que se passa na Bahia, onde o personagem principal é um cantor de axé que encontra um amor inesperado em uma ilha perto de Salvador. Para o elenco, seria interessante levar em conta o contexto baiano e suas especificidades, onde grande parte da população tem pele escura. No entanto, na sua estreia, a novela não contou com nenhum personagem negro. É no mínimo estranho o fato de não haver nenhum ator negro escalado para uma novela que se passa na Bahia. Obviamente que esse “estranho” possui um caráter irônico, mas serve para pensarmos a profundidade do racismo institucional presente na mídia brasileira.

Um Estado como a Bahia que possui mais de 80% da população composta por pessoas pretas e pardas (SILVA; CHATEAUBRIAND, 2018), segundo a pesquisa nacional por amostra de domicílios continuada da Bahia (2012-2018). Mas a emissora decidiu representar os 20% da população baiana, utilizando majoritariamente atores brancos nos papéis em destaque, porém se valendo de elementos da cultura negra baiana, como a música, culinária e vestimenta.

Figura 1 - Família baiana idealizada na trama



Fonte: João Cota, 2018

Parece que a novela conseguiu inverter a composição étnico-racial real, poderíamos analisar esse tema a partir de várias lógicas explicativas, uma delas considerando a branquitude como conceito reflexivo. Tanto o diretor e roteirista quanto os atores da trama não conseguiram avaliar a discrepância na porcentagem de negros e brancos no elenco, mesmo tendo conhecimento do contexto da novela.

A hipocrisia da branquitude que não sente nem “desconforto” ao representar um estado com maioria de pretos apenas com atores brancos. Apesar de compreender que o racismo é fruto de um processo histórico e que se estabelece estruturalmente na sociedade brasileira, é interessante notar como ele se naturaliza também em nossas práticas sociais. Por isso, levar a branquitude enquanto componente analítico se torna essencial, para compreender também como a racialização opera a partir dos sujeitos brancos.

Além do racismo institucional, existem privilégios simbólicos, segundo Bento (2000 p. 31) “(...) é importante, tanto simbólica como concretamente, para os

brancos, silenciar em torno do papel que ocuparam e ocupam na situação de desigualdades raciais no Brasil.” Podemos lembrar do *blackface* feito por Sérgio Cardoso na novela *A cabana do pai Tomás*, 1969, onde o ator se pintava de preto com carvão, utilizava peruca e rolhas no nariz para alargá-los.

Pensando agora em 2018, uma novela na Bahia sem atores pretos. A branquitude não vê problema em ocupar todos os espaços que deseja, mesmo que esses espaços sejam historicamente pertencentes à cultura e população negra. Existe também uma relação com a estética presente na mídia, pois a racialização, produto do racismo e colonialismo, confere ao corpo preto certas características específicas. Tais como sujo, feio, malandro entre outros estereótipos negativos, associados à figura do negro. Essas práticas representacionais, que Hall (2016) chama de estereotipagem, apesar de sofrerem mudanças durante o tempo, ainda persistem fortemente.

Outro fato que poderíamos refletir nas duas novelas supracitadas, transmitidas pela rede Globo, é a presença de diretores brancos, *A cabana do pai Tomás* dirigido por Daniel Filho, e *Segundo Sol*, escrita Emanuel Carneiro com direção de Cristiano Marques e direção geral realizada por Márcia Prates. Podemos ampliar o contexto e pensar na emissora Globo e analisar a cor e o posicionamento dos seus dirigentes, a família Marinho.

Essa análise do contexto em que é produzida a obra também tem que ser levada em conta, pois muitas vezes consideramos apenas o caráter estético final das produções. Isso também serve para refletirmos a respeito de como articular e pensar demandas a respeito da representatividade, pois frequentemente esse debate acontece de forma bastante superficial. Claro que aqui estamos analisando um produto da mídia televisiva, ou indústria cultural, sendo também resultado do contexto histórico social, logo reproduzindo certa cosmovisão e interesses.

Voltando a repercussão, após a estreia da novela surgiram muitas críticas dos movimentos negros, alguns com certo alcance nas redes sociais, sobretudo no *Facebook*. Destacou-se uma campanha na página *Trick Tudo*, no *Facebook*, que lançou campanha "Eu poderia estar na novela *O Segundo Sol*", nomeando mais de

50 atores e trizes negros que poderiam estar telenovela¹¹, com mais de 20 mil curtidas. Além disso, a novela contou com crítica internacional, o jornal britânico *The Guardian*, que lançou uma matéria com o título “Bahia é o estado mais negro do Brasil: mas você não vai perceber isso na nova novela deles”. O jornal ainda cita o autor Joel Zito Araújo para denunciar o ideal de branqueamento existente nas telenovelas brasileiras.

Além das denúncias, uma das iniciativas importantes veio através da UNEGRO, que entrou com uma ação civil pública contra emissora. Junto ao Ministério Público da Bahia, que tramita na 2ª Vara dos Sistemas Especiais da Fazenda Pública, em Salvador, a entidade negra exige da Rede Globo de televisão maior inclusão de atores e atrizes negros na trama de *Segundo Sol*, já que a novela se passa no contexto da Bahia. A presidenta da entidade, Ângela Guimarães comenta “A novela tem tudo da Bahia, menos os negros. Vamos ver até quando a Globo vai querer sustentar uma Bahia branca” (SERPA, 2018, 23 Maio).

Segundo Braga (2019) a UNEGRO com essa iniciativa consolida uma ação comunicativa em defesa da liberdade de expressão, mas também aciona um instrumento em prol do avanço da luta contra o racismo. Mesmo sabendo que uma ação judicial muitas vezes tem um caráter apenas formal e pouco efetivo no que diz respeito à resolução do problema real, o racismo midiático. Porém essa iniciativa também abre um precedente legal e pode ser usada como um material para possíveis projetos de lei.

Apesar de inicialmente não haver acordo entre a Globo e a UNEGRO, o processo ainda está ativo. Em resposta à Ângela Guimarães, presidente da UNEGRO, a Globo menciona que enquanto uma obra de televisão, assim como o cinema ou outros mecanismos, é de livre expressão, partindo dos interesses dos autores e que a televisão não estaria submetida a nenhum ordenamento que obrigasse a ter a correspondência com a população de determinados estados (NASCIMENTO, 2018).

¹¹ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2018/04/29/ausencia-de-negros-em-segundo-sol-motiva-movimento-com-mais-de-26-mil-curtidas-116454.php> Acesso 09/06/2023.

O posicionamento da rede Globo também nos ajuda pensar sobre como o racismo opera no âmbito empresarial privado, segundo esse argumento da emissora a novela, como uma obra fictícia, estaria acima de preocupações políticas. Teria então uma racionalidade estética ou intencionalidade dos autores por trás, que não se submete a nenhum tipo de ordenamento. O posicionamento em si já é problemático, pois pressupõe uma ideia enviesada de liberdade que coloca a vontade de certos atores acima de questões éticas e legais. Isso também demonstra os interesses reais das corporações de mídia, pouco importa representatividade ou debates sobre desigualdades, na verdade o que prevalece é o capital, e junto a isso existe todo um aparato de mídia racialmente estruturado.

Em outra ocasião, após a emissora ser questionada sobre a falta de atores negros, em resposta dada ao colunista do UOL Mauricio Stycer, dia 30/04/2018, a emissora informou que “Os critérios de escalação de uma novela são técnicos e artísticos” (STYCER, 2018, 30 de maio,). Mas também dá a entender que a novela estaria apenas no início e que mais personagens ainda seriam inseridos na trama. Caberia pensar sobre a definição desses critérios, fica evidente que se orientam a partir de um fundamento ideológico bem específico, o racismo.

Outra ação relevante foi realizada pelo Ministério Público do Trabalho que enviou, por meio da Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho (COORDIGUALDADE), uma notificação recomendatória para a Rede Globo. Onde vai recomendar adequações necessárias no roteiro e produção para de forma a representar a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira. Entre as sugestões sugeridas pelo MPT estão

“(..) elaboração de um Plano de Ação que contemple medidas para garantir a inclusão, a igualdade de oportunidades e de remuneração da população negra nas relações de trabalho; a realização imediata de um censo entre os trabalhadores que prestam serviços à empresa, com recorte de raça/cor e gênero; um levantamento da quantidade de artistas negros e negras que aparecem em telenovelas, séries, propagandas, programas de entretenimento, entre outros produtos, produzidos pela empresa bem como o de jornalistas e comentaristas; promoção interna e externa de ações de conscientização sobre o racismo na sociedade; abster-se de reproduzir situações de representações negativas ou estereótipos da pessoa negra que sustentam as ações de negação simbólica e as diversas formas de violência.” (BRASIL, 2018)

O MPT ainda coloca que a empresa, Rede Globo, terá um prazo de 10 dias para fazer as adequações necessárias na novela, ou seja, garantir a participação de atores e atrizes negros e negras a fim de representar a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira. O órgão entende que o não espelhamento da sociedade nos programas televisivos gera a perpetuação da exclusão e reafirma estereótipos de limitação de espaços ocupados pela população negra.

Vamos analisar posteriormente se essas adequações foram cumpridas, sobretudo sobre o que se refere a porcentagem de personagens negros na novela. Em uma resposta ao Ministério Público do Trabalho a emissora diz “Recebemos na data de hoje a Nota Recomendatória do Ministério Público do Trabalho, mas reafirmamos que a Globo respeita a diversidade e repudia qualquer tipo de preconceito e discriminação, inclusive racial” (FARIAS, 2018, 11 de maio).

Após tantas críticas e ações parece que o posicionamento da empresa mudou, caminhando em sentido de assumir a falta representatividade. Onde o autor da novela João Emanuel Carneiro admite em entrevista no programa do Bial falta de atores negros, reconhecendo a legitimidade das críticas¹². A dificuldade de se esquivar do assunto levou a empresa a aderir à outra estratégia, não que isso tenha mudado as relações raciais de fato. Pois como veremos no próximo capítulo, os poucos personagens negros inseridos na novela tiveram um papel quase irrelevante, e mesmo os personagens com mais destaque reforçaram estereótipos raciais.

6.4 AMBIENTAÇÃO DA NOVELA

A novela se passa na Bahia, sobretudo na cidade de Salvador. O primeiro capítulo em sua abertura demonstra festividades de carnaval e trios elétricos. Nessas primeiras cenas, vemos muitas pessoas negras, bem como manifestações da cultura negra, como dança, elementos religiosos, carnaval e música. Essa ambientação inicial serve para situar o público do contexto onde está inserida a trama. Aparece a legenda "Salvador, 1999", indicando a data e o local. Como trilha sonora temos, nesse início, a música de Tote Gira, compositor negro baiano, chamada “O canto da cidade”, interpretada pela cantora Daniela Mercury. A letra da

¹² Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/autor-de-segundo-sol-reconhece-que-faltavam-negros-na-novela-baiana-foi-uma-licao-para-mim/>. Acesso dia 10/06/2023

música diz o seguinte: "A cor dessa cidade sou eu. O canto dessa cidade é meu. O gueto, a rua, a fé. Eu vou andando a pé pela cidade bonita. O toque do afoxé e a força de onde vem. Ninguém explica, ela é bonita." (MERCURY, 1992, 14 de agosto).

Ironicamente a cor da cidade representada na novela parece ser bem diferente da cor do compositor, Tote Gira, e da cor da maioria dos baianos. Logo após o fim da música e das cenas de carnaval, dança e música, surge um dos personagens principais, Beto Falcão. Ele, sua namorada Carola e seu irmão Remy, aparecem em cima de um caminhão de trio elétrico. Beto canta uma composição sua, "axé pelo", porém a sua performance não interessa muito o público, e a apresentação não prossegue.

Todos os três atores relevantes da primeira cena são brancos, mas estão em um estado com maioria da população preta, em uma festividade marcada pela negritude, cantando músicas de origem afro-brasileira, além disso, utilizando-se de penteado, *dreads*, característico da população negra. Essa falta de representatividade contrastada com a crescente apropriação desses elementos pode ser facilmente entendida como uma forma de apropriação cultural. Segundo William (2019 p. 29) "Apropriação cultural é um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos."

Essa apropriação também funciona como mecanismo estratégico da mídia, no contexto da sociedade de consumo, que visa apenas tornar em produto os elementos da cultura afro-brasileira, porém deixando-os mais palatáveis, apagando os traços negros (WILLIAM, 2019). A novela mostra uma Bahia branca, onde os pretos só aparecem no fundo. Isso fica muito explícito nos primeiros episódios. Como aponta Joel Zito Araújo (2006), a estética do branqueamento ainda está muito presente na sociedade brasileira, e parece persistir. O capítulo um da novela do dia 14 de maio de 2018 não teve nenhum personagem negro, a não ser alguns figurantes. Na metade do segundo capítulo, porém surgem dois personagens negros que terão certa relevância, um deles é Roberval, motorista, e outra é Sefá mãe de Roberval e empregada doméstica. Esses personagens serão tratados nos próximos capítulos.

6.5 POR DENTRO DA TRAMA

O enredo central da novela é ambientado na cidade de Salvador, Bahia, onde o cantor Beto Falcão, cuja carreira musical estava em decadência, é divulgado como vítima fatal de um trágico acidente aéreo. A repercussão nacional dessa tragédia resulta em uma valorização significativa de sua obra musical, gerando muita comoção na cidade e no país. Dois personagens vão se beneficiar da morte de Beto, sua namorada Karola e seu irmão e empresário Remy, que mantém um relacionamento escondido, ambos lucram com os direitos autorais das músicas de Beto.

Contudo, o cantor estava vivo e aparece de repente sem compreender a situação, é então que Remy e Karola concebem um plano astuto. Manteriam a farsa de sua morte, onde Beto passaria a residir em um local afastado com uma nova identidade, enquanto isso, sua família desfruta dos ganhos após sua morte, pois o valor comercial da obra de Beto valorizou, quando foi considerado como falecido.

Essa é a trama inicial da novela que se desdobra já no primeiro capítulo, a partir daí vão surgindo mais personagens como Luzia, dona da casa onde Beto irá ficar após a farsa da morte. Beto conhece Luzia em Boiporã, ilha fictícia, se apresentando como Miguel. Além dos dois filhos de Luzia, Ícaro e Manuela, que vão ter um papel relevante posteriormente, bem como o amigo de Luzia chamado de Gringo. Com uma história pouco original, que na verdade apresenta bastante semelhanças com a novela anterior *O Outro Lado do Paraíso*, o enredo de *Segundo Sol* conta com vários clichês como sequestro de filhos, vingança, julgamentos, entre outros.

A história pode ser dividida em dois momentos distintos. O primeiro momento ocorre após a falsa morte de Beto, quando ele muda de nome e vai para a ilha Boiporã¹³. Lá, ele conhece Luzia e os dois se apaixonam e ficam noivos. No entanto, a antiga namorada de Beto, Carola, aparece se apresentando como a noiva de Miguel e alegando estar grávida. Grande parte desse primeiro momento se passa na ilha de Boiporã, e tem como ponto central o conflito de Beto com sua antiga vida e sua nova identidade enquanto Miguel. No primeiro momento da história, em paralelo

¹³ Ilha fictícia

aos conflitos de Boiporã, também se mostram as tensões da família Ataíde, onde a irmã de Luzia trabalha como empregada. Esse é outro núcleo importante da trama. É nesse contexto que temos a participação do primeiro personagem negro relevante, Roberval, o motorista da família, filho da empregada. Roberval também é filho de Severo Athayde, o patrão da casa, mas esse fato é desconhecido por Roberval. Apenas Sefá, a mãe de Roberval, Severo e sua esposa sabem desse fato.

Nesta fase inicial da novela, compreendendo um total de nove episódios, são introduzidos os principais dilemas e conflitos que impulsionam a narrativa. Estes conflitos incluem: a simulação da morte de Beto e sua paixão por Luzia; a falsa gravidez de Carola e o rapto do filho de Luzia e Beto por ela e Laurete; bem como a descoberta de Roberval a respeito da identidade de seu pai, Severo Athayde. Além do julgamento de Luzia pela morte de seu ex-marido e sua fuga para fora do país. Esses primeiros capítulos são um amontado de tensões que se mantem presentes durante toda a obra.

Após isso há um salto temporal de dez anos, onde surgem novos personagens e também novos atores interpretando Ícaro e Manuela, filhos de Luzia. Nesse segundo momento da novela são várias as tramas paralelas que se entrecruzam na trama principal, mas sempre tendo como base a resolução ou a tentativa de resolução dos conflitos gerados no início da trama.

6.6 ANÁLISE DOS PERSONAGENS NEGROS

Roberval será o personagem negro com mais destaque na trama, ele é motorista de uma família branca e rica muito poderosa na cidade, que tem como patriarca Severo Athayde. O patrão da casa é na verdade pai de Roberval e Edgar, porém só reconheceu Edgar como filho, personagem interpretado por ator branco, Caco Ciocler. Ou seja, a narrativa da história propõe que dois irmãos, um preto e outro branco, irmãos germanos foram criados de maneiras distintas. Um como motorista da casa, Roberval, e outro como patrão e filho legítimo de Severo, Edgar.

Figura 2 – Edgar e Roberval (irmãos)



Figura 02: Globo, 2018

Na figura 02, vemos os dois irmãos Edgar e Roberval. Edgar, à esquerda, veste uma camisa rosa e é branco. Roberval, à direita, homem negro de camisa branca, sendo interpretado pelo ator Fabrício Boliveira. Na trama, por mais estranho que possa parecer, são filhos do mesmo pai e da mesma mãe, porém a diferença de melanina é bem evidente. A novela, entretanto não problematiza muito bem essa diferença, na verdade se mostra bem superficial e sem nexos a história de Roberval e Edgar.

O que a trama explora é a competição entre eles, até pela conquista de Cacau, personagem a qual ambos se apaixonam. A escolha de Edgar, filho branco, como legítimo filho de Severo é autoexplicativa, pois Severo é um homem branco e sua esposa, que é branca e infértil, não pode lhe dar um filho. Já que a empregada negra foi usada para gerar o filho de Severo, foi escolhido o mais claro para ser seu legítimo filho. O fato de Edgar não ter traços negroides e melanina acentuada, mesmo sendo filho de Sefa, também não é explorado.

A história poderia ser pensada como uma forma de crítica, onde a diferença racial denunciaria um sistema de opressão, sendo o irmão negro empregado e o branco patrão. Porém a narrativa da novela, ao invés disso, assume o absurdo da diferença de cor dos irmãos sem ao menos problematizar esse fato. Usando a racialização apenas como um recurso genérico de conflito entre o círculo familiar. Roberval apesar de se posicionar contra a família branca que o humilhou, no final da trama se junta novamente a eles.

A narrativa da trama enfocou mais na ênfase dos conflitos familiares, segundo o próprio autor da novela “A história do Roberval é a história de uma família descomposta, disfuncional, que vai acabar de uma maneira torta ficando junta” e continua “A história do Roberval é a história de uma família, não é a história de vilania. Ele é um carente.” (GSHOW, 2018, 29 de agosto). Outro fato que chama atenção é o caso de Sefá. A empregada da família, mulher preta, foi abusada por Severo, algo que fica implícito na trama.

Mesmo quando Roberval descobre que é filho de Severo e convida Sefá para sair daquele ambiente, ela recusa, demonstrando a personagem como a empregada fiel e submissa. Em um país onde existe o quartinho da empregada a novela parece reforçar a ideia da trabalhadora sem casa que mora com os patrões. E como aponta Trevisan *et al.* (2016) se traçarmos uma árvore genealógica do que chamamos de “quartinho da empregada” na morada brasileira, chegaremos às senzalas.

O que podemos analisar até então é que os dois primeiros personagens negros que aparecem trama mantém um lugar bastante conhecido para atores e atrizes negras nas telenovelas, o empregado(a). Roberval apesar disso se mostra muito centrado e bastante disposto a “mudar de vida”. Até o capítulo oito não sabe que é filho de Severo, mas é bastante notado por seu pai mesmo sendo empregado. Já Edgar, que é visto como desprezível por Severo, o irmão branco se mostra sensível e esforçado para agradar seu pai.

Enquanto o filho branco se destaca por sua afetividade e gentileza, demonstrando habilidades musicais ao tocar piano e apreciar música clássica, Roberval se apresenta como um indivíduo mais ambicioso e revoltado. No entanto, ambos os personagens atravessam transformações significativas ao longo da narrativa. Roberval, ao descobrir sua verdadeira ascendência como filho de Severo, decide deixar a casa familiar e viajar para a África. Mais tarde esse fato também se torna meio problemático na trama, uma vez que há a associação do continente africano ao tráfico de diamantes.

Percebemos a persistência de alguns estereótipos, os dois personagens negros mais significativas representam o negro motorista e a negra empregada. Sefá também reproduz aspectos dos estereótipos da *Mammie* a empregada que dá

conselhos e cuida da família. Esse estereótipo, segundo Araújo (2019), teve sucesso na televisão norte-americana a partir da segunda metade do século XX. E também vai aparecer nas produções brasileiras. Geralmente interpretado por uma mulher negra, com traços de personalidades específicos, normalmente aparenta ser orgulhosa, dominadora com vontade forte e intensa no seu cuidado materno (ARAÚJO, 2019). Algumas dessas características estão presentes na personagem Sefá, interpretada por Cláudia Di Moura que fez sua estreia na televisão com a personagem.

Outra coisa perturbante é que na trama a personagem Sefá trabalha na casa da família dos patrões desde criança, ou seja, a personagem não tem casa própria, e mora onde trabalha, junto com seu filho. Além disso, o caso de Severo com Sefá, apesar de se mostrar consensual no contexto da novela, revela uma relação abusiva, considerando a posição de Severo e a condição de Sefá enquanto empregada da família. Outra questão problemática colocada na obra é o fato da mulher negra com maior destaque na trama aparecer em um papel de subserviência.

Como demonstra Castilhos (2018) em análise sobre imagens das mulheres em telenovelas de maior audiência de 2007 a 2016, mulheres brancas correspondem a 90,7% do perfil geral das mulheres. Sendo a mídia um espaço pouco acessível para mulheres negras. E quando mulheres negras aparecem em certas produções, como é o caso de *Segundo Sol*, são colocadas em papéis que reforçam estereótipos.

Outros dois personagens pretos que ganharam suas histórias foram Acácio, jovem capoeirista que mora em um casarão ocupado, e Doralice, esposa de Ionan, irmão de Beto. Doralice não aparece tanto na trama, a personagem é interpretada por Roberta Rodrigues. Na novela Doralice é filha de Pai Didico, um pai de santo, preto, interpretado por João Acaiabe. A personagem é uma mulher forte e independente, mãe de dois filhos, casada com Ionan. Mulher de presença marcante, mas também muito desconfiada e ciumenta. Ela constantemente desconfia que seu marido a esteja traindo, mesmo que não haja evidências disso. É vista como uma mulher neurótica e controladora, um estereótipo da preta revoltada. Apesar da pouca aparição, a partir do episódio 86, quando descobre que seu marido foi doador de

esperma para um casal lésbico, a personagem tem mais espaço na trama, mesmo que o foco permaneça em Ionan, seu marido.

Por mais que a presença de um pai de Santo esteja inserida na trama, pelo personagem Pai Didico, o personagem simplesmente some após o capítulo seis. Vai reaparecer nos capítulos finais, em sua última aparição no capítulo 146, o personagem falece. Passando os cuidados da casa para Groa, homem branco destinado a cuidar do terreiro. O fato de um homem branco tomar o lugar de um representante do candomblé também diz muito sobre a novela "Segundo Sol".

Não é novidade o fato das pessoas brancas participarem dos terreiros, já que os ambientes das tradições afro-brasileiras normalmente são bastante acolhedores. Mas como aponta William (2019) existe hoje uma apropriação das religiões afro por parte da branquitude, e a reprodução do racismo também dentro de terreiros, reproduzindo falas como "Orixá não tem cor", que apenas servem para apagar traços da negritude. A novela reforça a afirmação dos valores da branquitude nos terreiros de candomblé, pois o personagem mais importante da trama, ligado ao terreiro, é Groa, homem branco e estrangeiro. A Doralice, filha de Pai Didico, sempre se afasta das obrigações do terreiro, parece mais preocupada em saber se seu marido está lhe traindo, mas também é uma personagem pouco desenvolvida na novela.

Outro núcleo da novela importante onde temos presença negra é o casarão, onde o personagem Acácio, jovem negro, reside junto com outros jovens ocupantes do local, maioria negra. Apesar de boa parte das tramas se desenvolverem no casarão, todas contam com algum personagem principal branco fazendo parte do contexto, ou seja, dificilmente é algum conflito envolvendo Acácio e/ou algum integrante da ocupação. Acácio é namorado de Manuela, que é uma das personagens centrais, ele busca protegê-la, estando sempre ao seu lado. É um dos personagens a qual surgem alguns episódios de preconceito racial, essas cenas de racismo serão analisadas posteriormente.

Parece que todos os elementos da cultura negra são transportados para personagens brancos, e quando de fato aparecem atores negros na novela desempenham papéis pouco relevantes ou que reforçam estereótipos. A novela

Segundo Sol parece na verdade uma caricatura de mau gosto da cultura baiana e das tradições afro-brasileiras.

6.7 RACISMO DE NOVELA

Ao longo da novela ocorreram alguns casos de preconceito racial, esses casos que irei trazer são parte da narrativa interna da trama. E não produto de uma análise crítica de elementos racistas presentes na obra. Ou seja, são conflitos colocados na trama onde existem tensões entre os personagens, normalmente envolvendo a cor da pele, onde ocorrem ofensas proferidas a personagens negros. Uso esse termo “racismo de novela” no título, para expressar um modo específico de tratar a temática racial nas telenovelas em geral, normalmente ligando a discussão racial a um aspecto moral, ou como uma atitude de um personagem de má índole. Essa concepção de racismo individualista, onde seria um “fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo” (ALMEIDA, 2018 p 25), considerado como algo imoral.

Rochelle irmã de Manuela é uma das personagens que mais profere falas racistas. Como um exemplo, quando chama o namorado de sua irmã, Acácio, jovem preto, de “drogadinho” e má companhia. Rochelle é uma personagem arrogante, fria e egoísta ao mesmo tempo em que é racista. Aqui novamente traços típicos de uma concepção de racismo individualista de cunho moral. Porém ao mesmo tempo a personagem tenta seduzir Acácio para implicar com sua irmã, da qual parece ter inveja. No capítulo 11 após ser questionada pela irmã se tentou seduzir Acácio, Rochelle diz “você é louca, acha que ia dar em cima de um negro?”. A cena continua, e a Karen, mãe biológica de Rochelle e mãe adotiva de Manuela, diz “minha filha seria incapaz de dar em cima de um...” frase interrompida, mas com intenção explícita de mencionar que sua filha não ficaria com um homem negro.

Após o conflito entre Rochelle e Manuela, não houve nenhuma discussão a respeito da fala racista de Rochelle. A narrativa ficou em torno da explosão emocional de Manuela. No entanto, o contexto construído durante a trama mostra que Rochelle é racista ao acusar Acácio, jovem negro, de ser má companhia, quando na verdade é o namorado branco de Rochelle que vende drogas. Porém a trama dá ênfase à hipocrisia de Rochelle ao falar de Acácio, e não sobre a fala

racista em si. Além disso, a cena reforça a concepção do racismo enquanto algo moralista ou um comportamento desrespeitoso.

Depois de Roberval, Acácio é o personagem negro que mais aparece na trama, tendo presença, sobretudo a partir do capítulo 10, porém perde espaço nos capítulos finais. O personagem tem um papel importante em dar suporte para sua namorada Manuela que é viciada em drogas e tem problemas com a família adotiva. Reside em um casarão ocupado junto com uma comunidade, maioria composta de jovens negros. Os conflitos envolvendo questões de classe e raça aparecem no casarão quando Acácio leva sua namorada branca, Manuela, para conhecer o local. Nesse contexto surge o termo “palmitagem”. Algumas moradoras do casarão, sobretudo mulheres, ficam desconfortáveis com Manuela por ela ser branca e rica.

Em cena no capítulo 12 quando Acácio apresenta sua namorada para a comunidade, sua ex-namorada negra, Ludi, comenta: "Eu fico impressionada como Acácio já gosta de uma branquinha, é muita palmitagem gente". Manuela não parece dar atenção e ainda brinca: "eu sou a nova branquinha de Acácio". Porém, essa cena não aprofunda nenhuma questão a respeito de relacionamentos interracialis. Pelo contrário, banaliza a discussão a respeito de casais interracialis. Mas o que é interessante no contexto da obra, apesar da fala de Ludi, que poderia significar alguma crítica, não temos a presença de nenhum casal de pessoas pretas em toda a novela.

Outra cena acontece no capítulo 46, após Acácio ter ficado com Rochelle, ela mulher branca, então pega seu celular para fazer uma *live* nas suas redes sociais mostrando que está no casarão invadido. Rochelle fala para seus seguidores “agora vou mostrar pra vocês o meu pretinho”, Acácio tenta se esconder da câmera e não aparecer. Essa cena não parece se enquadrar no “racismo de novela” a qual me refiro no começo, onde há uma atitude racista dentro da trama. Nesse caso parece que a diferença de cor e classe de Rochelle e Acácio é espetacularizada. A cena segue com um ar engraçado e debochado, da personagem branca que é extrovertida e fala o que pensa.

A cena, porém teve repercussão em redes sociais, pois foi retratada em sites de forma racista, com o título “*Segundo Sol: Rochelle usa 'sexo com negão' para se*

*vingar de irmã drogada*¹⁴. Essa forma de racismo, que associa aspectos de pessoas negras com impulso sexual selvagem, também se articula em uma forma de estereotipagem. Onde, segundo Hall (2016), ocorre uma prática representacional específica o *fetichismo*. Estratégia onde um desejo é satisfeito e ao mesmo tempo negado, sempre ligado a uma ideia de tabu ou proibido. Onde existe a substituição de um sujeito por uma coisa ou uma por ideia. A sexualização dos corpos negros fica evidente nessa cena e também não é novidade nas produções novelísticas e na cultura e midiática brasileira.

O ator que interpreta Acácio, Danilo Ferreira, chegou a se manifestar em suas redes sociais sobre o caso, em texto diz “É muito difícil ver essa parcela da imprensa do nosso país que, ainda se permite escrever e publicar esse tipo de manchete, que reproduz e reforça estigmas preconceituosos (...)” (HYPENESS, 2018 03 julho). Porém o próprio roteiro da novela propaga ideias racistas e essa cena em especial ao se desenvolver trata as falas de Rochelle de forma bastante natural e debochada no contexto da trama. A utilização dessas cenas por outros canais só alimenta e reverbera o racismo midiático dando material para propagação da lógica racista de representação dos corpos racializados, que já está presente na obra.

Outra cena que explicita a problemática racial acontece quando Roberval, no capítulo seis, expressa para Sefa, sua mãe, seu desejo de sair da casa dos patrões. Isso ocorre após o personagem ter visto Cacau, por quem era apaixonado, beijando Edgar, seu irmão branco. Então pronuncia a frase “quero sair dessa senzala”, fazendo referência ao período escravagista. Sefa coloca a culpa de tudo em Cacau, mas Roberval parece compreender melhor especificidades da situação, estando indignado mais com o contexto em que está inserido.

Apesar de não ser uma cena de racismo, esse é o único personagem que expressa certa consciência da situação em que se encontram ele e sua mãe. Porém no capítulo sete Roberval descobre que é na verdade filho de Severo Athayde, para quem trabalhou todo o tempo como motorista. Daí em diante o personagem muda seu comportamento, se tornando revoltado e vingativo, termo utilizado por vários personagens para se referir a Roberval.

¹⁴Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/segundo-sol-rochelle-usa-sexo-com-negao-para-se-vingar-de-irma-drogada--21179>.

No capítulo 115 temos mais uma cena de preconceito na trama, onde Rochelle desconfia do fato de Roberval, um homem preto e pobre, conseguir ir para o continente africano e voltar rico. A personagem fala “Não tem preto em lugar de rico, nem aqui em Salvador”, logo é reprimida por sua mãe e por Roberval que diz “Eu estou cansado desse seu privilégio, desse seu mi mi mi”. O racismo é expresso na fala da personagem, mas retratado novamente de modo moralista, já que Rochelle não tem medo de ser indelicada. Em leitura mais atenta percebemos que essa cena na verdade propaga a ideia de racismo como um fenômeno moralista e individualista. A personagem Rochelle é maldosa e por isso racista. Cenas como essas são um desserviço para o combate ao racismo, pois dão ênfase para a atitude espetacularizada de preconceito, onde novamente o negro é centro do debate sobre a diferença.

Existem ainda diversas sutilezas presentes na trama que vão de encontro ao racismo velado, um dos exemplos, bem inusitado, envolve a Nice. Uma personagem querida, interpretada por atriz branca, fez o papel de esposa adorável, mantendo um padrão de gênero já bem conhecido para mulheres, ser “dona de casa”. Tanto aqui quanto na história de Sefa, mulher preta empregada doméstica, caberia a noção de imagens de controle, da qual Bueno (2020) vai apontar. Onde esses estereótipos também servem como ideologia generalizada de dominação. Mesmo se tratando de uma personagem branca, percebemos questões de gênero presentes em sua relação com o marido. Sendo ela constantemente agredida por seu marido Agenor que a humilha e constrange em diversas situações, essa personagem, porém teve uma reviravolta.

Houve uma valorização da personagem com a entrada de Vicente, interpretado por Jayme Periard, galã branco, que vai se interessar por Nilce e no fim se casar com ela. A entrada de Vicente desempenhou uma função importante segundo a própria emissora: “valorização de Nice como ser humano”¹⁵. Aqui podemos analisar duas questões. A primeira se refere a valorização da personagem, que se dá a partir de seu contato com um homem branco, isso já define muito bem o que é ser uma mulher bem sucedida, ser casada.

¹⁵ Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/noticia/vicente-e-um-segundo-sol-na-vida-de-nice.ghtml>. Acesso 20/08/2023

Segundo ponto interessante, que talvez passe despercebido, é que para Agenor, seu ex-marido, um homem maldoso e arrogante, foi escolhida a personagem Cleide para lhe fazer companhia no final da trama, mulher preta e interesseira e fora dos padrões de beleza. Ou seja, Nilce se casa com um homem branco, pois era bondosa e afetiva, já Agenor com uma mulher preta, pois era arrogante e maldoso. Pode ser uma infeliz coincidência, mas parece que os personagens negros, os poucos que aparecem, são colocados de forma estratégica, como vingança como no caso de Acácio e até mesmo Roberval, ou como punição no caso da Cleide.

Aparecem outros personagens negros ao longo da trama, porém com poucas falas, como a falsa testemunha contratada para mentir no julgamento de Luzia, interpretada por um homem negro. Além de vários figurantes pretos, podemos citar personagens que aparecem de relance como a farmacêutica, o cozeiro, guardas do presídio entre outros. Dá a entender que o plano de fundo é preto, mas a imagem central dos personagens coadjuvantes e as tramas são compostas por pessoas brancas.

Dessa forma a novela *Segundo Sol*, que se passa no contexto da Bahia, possui apenas 14%, aproximadamente, dos personagens representados por atores e atrizes negras. Mas ainda sim é possível encontrar estereótipos associados aos negros, mesmo com sua presença ínfima, quando aparecem os negros estão em lugares já bem delimitados. Ademais a novela não cumpriu com a recomendação do Ministério Público do Trabalho (MPT), que exigia que a emissora garantisse a presença de atores negros no elenco.

Além disso, a novela reforça estereótipos raciais e embranquece a Bahia, corroborando para o apagamento dos corpos negros. A perpetuação desses estereótipos contribui para a consolidação de representações pejorativas em relação às pessoas negras. Constituindo um obstáculo substancial para a construção de uma autoimagem positiva por parte do público negro, influenciando negativamente na construção da identificação com personagens negros.

6.8 ANÁLISE COMPARATIVA: POSSÍVEIS MUDANÇAS

Além da análise da especificidade da novela enquanto obra, também trarei algumas impressões de possíveis tendências que parecem se formar nas produções novelísticas atuais em relação à representatividade negra, bem como novelas que levem em consideração a diversidade étnica brasileira. As pesquisas de Araújo, Grijó e Silva trazem também algumas questões importantes a respeito da quantidade de personagens negros em telenovelas. Mostram-nos algumas mudanças, no sentido de maior presença de personagens negros bem como centralidade desses personagens na trama. Claro que isso está bem longe de uma representação que poderíamos chamar de ideal, ou que de fato leve em conta a proporcionalidade racial brasileira.

A novela analisada, *Segundo Sol*, está em consonância com o contexto geral das novelas transmitidas na mídia hegemônica, ou seja, com a pouquíssima participação de atores e atrizes negras. Sendo que dos 35 personagens que compõem a novela, que se passa na Bahia onde mais de 80% da população é formada por pessoas pretas e pardas, apenas cinco personagens são representados por atores e atrizes negras. Ou seja, com presença que não chega a 15% de personagens negros.

Existe uma impressão, porém, de crescimento da diversidade na mídia, e a maior presença de pessoas pretas em espaços como comerciais, telejornais e publicidades em geral. Algumas agências de pesquisas demonstram esse crescimento¹⁶, mesmo destacando sua estagnação recente. Dessa forma cabe uma análise, mesmo que inicial, sobre a proporção de negros em novelas mais recentes, produzidas após a *Segundo Sol*. Podendo assim situar uma possível direção de mudança.

Para isso será examinado o elenco de mais seis telenovelas das 21h transmitidas pela rede Globo. Sendo elas *Sétimo Guardião*, 2018, *Dona do pedaço*, 2019, *Amor de mãe*, 2021, *Um lugar ao sol*, 2022, *Pantanal* em 2022 e *Travessia*, 2023. Dessas seis novelas trarei somente o elenco oficial e a quantidade de atores

¹⁶ Lisboa (2020), disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-12/diversidade-racial-na-publicidade-vive-estagnacao-indica-pesquisa>. Acesso 23/08/2023

negros, demonstrando como ainda existe pouca presença negra, mas que a partir de *Amor de mãe*, acontece uma pequena mudança no cenário étnico racial.

O crescimento das pautas por representatividade em diversos âmbitos tem também tensionado o debate sobre como a mídia hegemônica é esteticamente branca, digo aqui esteticamente, pois muitas vezes escapa a noção de racismo institucional que estrutura a mídia tradicional. Essa pressão dos movimentos negros e de ativistas também acontece muito nas redes sociais, um dos exemplos, além do caso da novela *Segundo Sol*, foi às críticas feitas sobre a cobertura da morte de George Floyd no EUA em 2020. Onde as matérias que comentavam o caso tinham apenas a presença de jornalistas brancos.

Após o tema ganhar repercussão nas redes a emissora decidiu colocar jornalistas negros para comentar sobre racismo, tendo um programa apenas com comentaristas e jornalistas negros em 03 de junho de 2020¹⁷. A mídia hegemônica representa interesses econômicos e ideológicos específicos, e justamente para manutenção desses interesses, ela simula mudanças que vão de encontro a demandas sociais. Mas também devemos dar ênfase às pressões externas de atores e movimentos sociais, que podem influenciar nas produções. Apesar de pequenas mudanças com o aumento de atores negros e negras, ancoras de jornais e apresentadores, ou mesmo programas especiais como no ano de 2020, onde o jornal *Globo News* é apresentado apenas por negros¹⁸. Ainda parece imperar o racismo na televisão brasileira.

Nas primeiras duas telenovelas das nove produzidas pela Rede Globo, após a *Segundo Sol*, não é possível perceber maior presença negra nos elencos, pelo contrário. A telenovela que substituiu a *Segundo Sol* foi *Sétimo Guardião*, em 2018, que teve o seu último episódio em maio de 2019. O elenco oficial de 52 pessoas, incluindo atores e atrizes, é composto por apenas 6% de pessoas negras. Ou seja, menos de 7% do elenco, porcentagem menor ainda do que em *Segundo Sol*. Essa trama com pouquíssima presença negra se passa dessa vez em Minas Gerais, onde

¹⁷ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/tv/globo-reporter-reexibira-em-pauta-com-jornalistas-negros/>. Acesso 21/07/2023

¹⁸ Programa foi ao ar em 2020 após protesto nos EUA depois da morte de George Floyd e cobrança por falta de representatividade para cobertura do caso. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/06/03/interna_nacional,1153583/momentohistorico-globo-news-em-pauta-jornal-apresentado-por-negros.shtml Acesso 09/06/23

mais de 60% da população se declara preta ou parda. Segundo a Fundação João Pinheiro¹⁹, em 2012, a população negra representava 55,4%, mas no levantamento em 2019, essa proporção aumentou, passando para 61,0%. Mas parece uma tendência das novelas da Globo desconsiderar o contexto étnico racial e as especificidades demográficas da região em suas produções.

Após a novela *Sétimo Guardião*, que teve seu final em maio de 2019, foi transmitida a *Dona do Pedaco*, que começou logo após a novela anterior e seu último episódio foi ao ar em novembro de 2019. Dessa vez dos 50 personagens presentes no elenco apenas três foram interpretados por atores negros. Dentre eles duas atrizes Heloísa Jorge e Lucy Ramos e o jovem ator João Gabriel D'aleluia. A trama se passa na cidade fictícia Rio Vermelho no Espírito Santo e também em São Paulo, percebemos então que a lógica da branquitude permanece a mesma.

Na produção seguinte, também no ano de 2019, na novela *Amor de Mãe*, já conseguimos notar uma maior quantidade de pessoas pretas presente na trama, contendo doze atores e atrizes negros dentre as 42 pessoas presentes no elenco principal. Ou seja, quase 30% do elenco formado por pessoas negras, contando também com participações especiais de atores negros como Fabricio Boliveira, que não entrou nesse percentual do elenco oficial.

A estreia da novela teve uma repercussão positiva em alguns canais ligados ao movimento negro, Silva Nascimento em um destaque do site Mundo Negro, diz “Raramente vemos um elenco com tantos atores negros quando o tema da novela não é sobre escravidão.” (NASCIMENTO, 2019 8 de novembro). Devido a pandemia Covid-19 as gravações foram interrompidas em 21 de março de 2020, com a segunda parte exibida de 15 de março a 9 de abril de 2021. Durante essa pausa foram reprisadas as novelas *Fina Estampa* e *A Força do Querer*, que não serão consideradas para essa análise.

Posteriormente temos a novela *Um lugar ao sol*, em 2021, onde dentro das 30 pessoas presentes no elenco oficial, apenas quatro são atores e atrizes negras. A trama se passa no contexto de Goiânia, em Goiás, mas, sobretudo no Rio de Janeiro. Tem a participação importante de Juan Paiva, jovem ator negro, onde

¹⁹Disponível em: https://fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/24.11_v.2_Inf_CEP_MTrab_12_2020.pdf Acesso 26/09/2023.

percebemos algumas problematizações dentro da trama a respeito do preconceito racial, porém, como demonstrado, existe na própria produção a ausência de atores negros.

Já a novela que substitui *Um lugar ao Sol*, em 2022, a novela *Pantanal*, aparentemente teve maior cuidado com questões raciais. Ganhou destaque inclusive na revista *Raça* anunciando as novidades da presença de atores negros na trama e a temática do racismo²⁰. Devido o fato de ser uma releitura da novela *Pantanal* de 1990 ela foi readaptada, na primeira versão não tinha quase nenhum ator negro. Mas a versão atualiza também conta com pouquíssimos personagens negros. Mesmo o diretor artístico, Rogério Gomes tendo notado a falta de pessoas pretas na produção, no elenco apenas dois atores dos 33 principais são negros. A novela se passa no Mato Grosso e tem o pantanal e a mata como seu cenário.

Entre os personagens listados pela emissora aparece apenas Fabio Neppo, que interpreta Tião, e Bela Campos, que interpreta Muda, dois atores negros no elenco. Porém em uma análise mais detalhada ao acompanhar brevemente a trama e a repercussão percebemos a participação importante de outros atores. Como Aline Borges, Cauê Campos e Gabriel Santana que não aparecem na lista dos personagens. O fato de Aline Borges não aparecer no *Gshow*, site onde a emissora divulga os personagens que fazem parte do elenco, é inusitado, já que Aline Borges interpreta Zuleika, uma personagem com bastante aparição na trama²¹. Outra atriz negra é Giovana Cordeiro, que aparece brevemente no começo da trama, fez a personagem prostituta generosa. Apesar do aumento da conscientização sobre questões raciais e uma aparente preocupação maior com a representação de pessoas negras nas telenovelas, ainda existem muitos estereótipos e corpos ausentes nas telas.

A última novela que entrará para a análise será *Travessia* exibida de 10 de outubro de 2022 a 5 de maio de 2023, escrita por Glória Maria Rebelo Ferrante, com direção de Walter Carvalho. A novela conta com 12 personagens interpretados por atores e atrizes negras dos 39 presentes no elenco. Além do ator Ricardo Silva que

²⁰ Disponível em: <https://revistaraca.com.br/um-pantanal-com-atores-negros-falando-sobre-racismo-e-a-promessa-da-globo/>. Acesso 02/07/2023

²¹ Lista dos personagens acessado em: <https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/personagem/>. Acesso 02/07/2023

não consta no elenco disponível no site da emissora, mas que desempenha papel relevante na trama. A trama também coloca atores negros em papéis centrais, bem como retrata uma família negra de classe média, algo novo nas novelas das nove. Tendo a atriz negra Indira Nascimento um papel importante ao interpretar Laís Monteiro, jovem advogada bem sucedida. A atriz chegou inclusive conversar com advogadas negras para entender a realidade do trabalho desenvolvido por essas mulheres, segundo entrevista dada ao Mundo Negro (SANTOS, 2022)

É possível perceber uma tendência em sentido de mudança na composição racial das telenovelas, em direção a uma maior presença negra nas tramas e enredos das novelas. Podemos notar essas mudanças a partir de outros programas da emissora também, bem como nas telenovelas que se passam em outros horários, como a recente novela das 19h *Vai na Fé*. A obra teve maioria do elenco composta por atores e atrizes negros. Bem como a novela anterior *Cara coragem* em 2022, que teve grande presença negra também, com personagens pretos em posições de destaque.

Essa tendência já foi apontada pela própria emissora, “a busca, cada vez maior, de refletir o Brasil com toda sua riqueza de diversidade, cores e sotaques. Diante e atrás das câmeras” disse a comunicação da Globo em nota ao Notícias da TV²². Sabemos, no entanto, que existem interesses comerciais na adesão de certos grupos em comerciais, filmes e novelas, afinal a população negra é um contingente consumidor desses produtos. Apesar dessa lenta mudança ainda podemos notar a presença estereótipos raciais em produções recentes da mídia hegemônica. Onde muito do que é produzido, ao trazer esses corpos negros e negras, ainda enfoca na relação com a diferença ou em estereótipos e não na produção de uma compreensão sensível do outro.

Também devemos levar em conta o contexto de produção dessas obras midiáticas, onde os roteiristas, escritores e diretores das novelas, são na sua maioria brancos, e compreender a emissora e seus interesses comerciais. As imagens carregam elementos da ideologia dominante, como demonstra a ideia de imagens de controle, por exemplo. E traz construções e estereótipos na forma de

²² Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-obriga-walcyr-carrasco-trocar-protagonista-de-novela-saiba-o-motivo-91027> Acesso 23/08/2023.

representação da diferença, dentro de um domínio simbólico de uma cultura, como salienta Stuart Hall. Mas elas carregam também os interesses do mercado que muitas vezes se apropria de certas pautas sociais, modificando as cores dessas imagens, diversificando os corpos nas telas, mas mantendo seu conteúdo, e a estrutura que mantem as formas de opressão.

Ou seja, a mídia hegemônica representa interesses econômicos e ideológicos, então devemos estar cientes que por trás dessas mudanças também se encontram estratégias de adesão a demandas sociais, com finalidades meramente mercadológicas. Compreender assim que a cultura Integra ao mercado as novas demandas das massas Barbero (1997), mas isso não se da sem tensões e demandas diversas. Ao mesmo tempo grupos, movimentos sociais e ativistas se articulam para tornar possíveis mudanças importantes no que diz respeito à representação negra nas mídias. Além disso, contamos hoje com *mediativismo* presente também na *internet* que ao mesmo tempo em que serve como forma de denúncia, possibilitam novas formas de articulação e representação desses corpos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi possível compreender a complexidade que envolve a discussão racial na mídia, e, apesar de não apresentar conclusões fechadas, podemos fazer alguns apontamentos. Primeiramente constatar a persistência da sub-representação negra na telenovela *Segundo Sol*, que foi a trama que serviu de objeto de estudo para contextualizar a representação negra nas telenovelas. Essa obra manteve ainda alguns estereótipos associados a personagens negros, como a empregada negra, bem como o motorista negro, no papel de braço direito do patrão branco. Esses estereótipos também reforçam uma imagem depreciativa de pessoas negras, e dificultam a construção de uma autoimagem positiva.

Mas o que mais chamou atenção após a análise da obra foi a utilização de vários elementos da cultura negra, apropriação desses elementos, sem a presença de fato de um elenco preto. Por isso a necessidade de compreender outros aspectos da racialização, como a branquitude e o racismo institucional, por exemplo, para ampliar os recursos de análise. Além disso, foi possível situar a novela dentro de um contexto maior, onde as demandas de grupos sociais pressionam essas produções, bem como demonstrar a ação de movimentos negros e das redes sociais nesse processo.

Abordar a temática racial é sempre um desafio e uma tarefa complexa. Não se pode separar a discussão racial de uma análise do contexto histórico social em que se produziu a diferença enquanto elemento constitutivo de sociabilidade. Espero ter minimamente contribuído para aguçar o olhar para as formas de representação do negro na mídia, demonstrando as complexidades que hoje se apresentam.

Em tempos onde as pautas identitárias ganharam força e as demandas dos movimentos negros tem se mostrado cada vez mais presentes na mídia em geral e nas redes, cabe pensar sobre como essas demandas se articulam com antagonismos de classe e outras intersecções. A noção apresentada na problematização desse trabalho como “identidade enquanto produto” pode ser uma chave de leitura, ao lembrar que o capitalismo se ajusta e se adapta e utiliza essas demandas para oferecer soluções dentro da esfera do consumo.

Não se pode, no entanto, pensar que as pautas por representatividade ou demandas específicas a respeito de minorias, sejam questões menores por não afetarem diretamente a estrutura que mantém as opressões. Pois muitas vezes são essas pautas que tencionam o debate e ajudam a repensar as relações sociais bem como refletir sobre as formas de dominação existentes. Seria mais uma armadilha colocar em posições opostas essas lutas. Ao invés disso, cabe pensar a partir de outras perspectivas e abordagens que levem em conta a complexidades e desafios contemporâneos. Sendo assim, a tendência de mudança percebida ao longo do trabalho, após a breve análise comparativa e o levantamento bibliográfico, pode demandar novas abordagens para análise da mídia e das telenovelas em especial.

Uma saída possível para o problema representacional na mídia hegemônica e práticas racistas seria através de políticas públicas e ações afirmativas na mídia. No entanto, o polo de atuação onde há mobilização para transformações dessas práticas de representação parece vir das pressões de grupos e movimentos negros. Cabe então refletir sobre as próprias instituições midiáticas que mantêm em sua base uma constituição racista, pois representam, na verdade, interesses econômicos e ideológicos específicos. Sendo assim, as mudanças possíveis, dentro da mídia hegemônica, são limitadas pela própria estrutura da mesma, pela forma como ela é constituída. Entretanto, não podemos deixar que esse tímido avanço da representação negra na mídia paralise nosso caminho para uma sociedade mais plural, onde seja possível a aceitação sensível do outro, uma sociedade outra.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana; RAMUSKI, Carmen Lidia. Relações Raciais na Mídia: um estudo no contexto brasileiro. **Psicologia política**. Vol. 10. Nº 19. p. 57-73. JAN. – JUN. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v10n19/v10n19a06.pdf> Acesso em: 30/06/2023
- ADORNO, Theodor; HOKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Editora: Zahar, edição Digital, 2014.
- ALAKIJA, Ana. **Mídia e identidade**. In: BORGES, R. C. da S.; BORGES, R. (org.). *Mídia e Racismo*. 1ed. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012.
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. São Paulo: Lua Nova, 203-212, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/mQtGPDfjR85HxSSLtmgCzbM/?format=pdf> Acesso em: 30/06/2023
- APPIAH, Kwame Anthony. **Identidade como problema**. São Paulo: EdUSP, 2018.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A Negação Do Brasil**. São Paulo: Senac, 2ª edição , 2013.
- ARAÚJO, Joel Zito. **O Negro na Dramaturgia, Um Caso Exemplar da Decadência Do Mito Da Democracia Racial Brasileira**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 979-985, setembro-dezembro/2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/9ZGKYRnVx8rmgZDYs6NBrVv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30/06/2023
- ARAÚJO, Valmir Teixeira. **O papel da imprensa negra brasileira**. Edição 20, Alterjor: São Paulo, junho-dezembro, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157190/154463>. Acesso em: 30/06/2023
- ARAÚJO, Valmir Teixeira; PERUZZO, Círcia Maria Khohling. **Imprensa negra e cidadania**: Conteúdos do Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. V.15 - Nº 2 São Paulo - Brasil p. 229-250, mai./ago, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/172524/175650> Acesso em: 30/09/2023
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, nº spécial, automne / hiver 2009, pp. 451-461. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12293.pdf> Acesso: 30/06/2023.
- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações**: comunicação. cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BASTIDE, Roger. **A imprensa negra do Estado de S. Paulo**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série, 1951.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva et al. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2020.

BERNARDINO, Joaze. **Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Estudo afro-asiático, v. 24, n. 2, 2002.

BERNARDINO, Joaze. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018.

BOBBIO, Norberto. **Estado governo sociedade: para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra, 14 edição, 2007.

BORGES, R. S.. Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, R. (org.). **Mídia e Racismo**. 1ed. Rio de Janeiro: DP, 2012. Disponível:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/roberto-carlos-da-silva-borges-e-rosane-borges-orgs-mc3addia-e-racismo.pdf> Acesso: 02/07/2023.

BRAGA, Alexandre Francisco. Comunicação e militância no contexto étnico-racial brasileiro. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 783 – 797, set. 2019. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/download/152900/157032/375180>. Acesso: 04/07/2023.

BRASIL, Ministério público do Trabalho. **MPT recomenda à Rede Globo a devida representação racial em novela**. São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://www.prt2.mpt.mp.br/558-mpt-recomenda-a-rede-globo-a-devida-representacao-racial-em-novela> Acesso: 20/07/2023

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas do Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Luiz Augusto; JÚNIOR, João Feres. **Televisão em Cores? Raça e sexo nas telenovelas “Globais” (1984-2014)**. Textos para discussão GEMAA, n. 10, 2015, p 1-23. Disponível em: http://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2015/12/images_publicacoes_TpD_TpD10_Gemaa.pdf. Acesso 02/07/2023

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CARDOSO, Lourenço C. **O branco objeto: o movimento negro situando a branquitude**. Instrumento, Juiz de Fora, v. 13, p. 81-93, 2011.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, vol. 8, núm. 1, (enero-junio), pp. 607-630, 2010 Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf> Acesso: 05/06/2023.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva et al. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2020.

CARVALHO, Noel dos S. O negro no cinema brasileiro: o período silencioso. **Plural: Sociologia**, 10, p. 155-179, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/68073/70642> Acesso 20/06/2023

CASTILHOS, Fernanda. **Mulheres nas telenovelas brasileiras: corpos e padrões estéticos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018 Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1075-1.pdf> Acesso 20/07/2023

CASTRO, Cosette. **Da Teoria Culturológica ao Pensamento Complexo**. In: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de. MORAIS, Osvando J. de. Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologia de Ensino. São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf> Acesso 20/07/2023.

COSTA, Renilda Aparecida; LIRA, Lucia Maria Barbosa. **As políticas de ação afirmativa e a inserção de estudantes negros e indígenas na universidade federal do Amazonas**. Revista da ABPN • v.13, Ed. Especial, p. 188-209, 30 de Abril de 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1242/1115> Acesso: 03/06/2023.

COUCEIRO DE LIMA, S. M. **O Negro na Televisão de São Paulo. Um Estudo de Relações Raciais**. São Paulo, FFLCH-USP, série Antropologia, 1983.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Hegemonia e linguagem: clichês midiáticos e filosofia das massas**. AVATARES de la comunicación y la cultura, N° 3. ISSN 1853-5925. Mayo 2012. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/avatares/article/view/4754/3885>

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. [online] Disponível na internet em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/as-almas-do-povo-negro-we-b-du-bois.pdf>. Acesso:18/08/2023.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. **Revista Matrizes**, v. 12, p. 99-113, jan/abr. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Carolina. **Globo pode responder à Justiça por poucos atores negros em "Segundo Sol"**. UOL, 11 de maio 2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/11/globo-pode-responder-a-justica-por-menos-atores-negros-em-segundo-sol.htm> Acesso 20/08/2023

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. São Paulo: O Globo, 5 Ed, 2008.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963). Estudo monográfico**. Revista Brasileira de História: São Paulo, v.5 nº10, 1985. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/ricd/article/view/6419>. _Acesso 03/06/2023

FERRARINI, Adriane V. **Pobreza: possibilidades de construção de políticas emancipatórias**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

FOLLMANN, José Ivo et al. **Processos de identidade, relações étnico-raciais e relações religiosas**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 3.ed, 1996.

FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação, descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 90-109, jan./abr., 2012. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf Acesso 03/06/2023

GONÇALVES, A. M. MASP. **Palestras: uma conversa sobre representação e representatividade**. São Paulo: MASP, 12 dez. 2018. 1 vídeo (2h e 16min.). Publicado por MASP Museu de Arte de São Paulo. Disponível em: https://youtu.be/G_FTj9LkE. Acesso em: 11/12/22

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F. **O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações**. Estudos em Comunicação, n. 11, p. 185-204, 2012

GRIJÓ, Wesley Pereira. SOUSA, Adam Henrique Freire. **O Negro na Telenovela Brasileira: A Representação nas Telenovelas da TV Globo na década de 2000**. In: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011.

GROSFogel, A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**: Volume 31, Número 1 Janeiro/Abril 2016.

GSHOW, **Autor de 'Segundo Sol', João Emanuel Carneiro adianta: Roberval vai unir a família Athayde**. 29 de agosto de 2018. Disponível em: < <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/vem-por-ai/noticia/autor-de-segundo->

soljoao-emanuel-carneiro-adianta-roberval-vai-unir-a-familia-athayde.ghtml > Acesso 29/06/2023.

HAIDER, Asad. **Armadilha da Identidade**. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC- Rio. 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade**. In SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. *Identidade e Diferença*. Nova Petropolis: Vozes, Ed 15, 2000.

HAMBURGER, Esther. **Telenovelas e interpretação do Brasil**. São Paulo: Lua Nova, 82: 61-86, 2011.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2006.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

HYPENESS, Redação. **Colunista de TV causa revolta ao escrever manchete racista sobre ator de novela das 9h**. 3 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/07/colunista-de-tv-causa-revolta-ao-escrever-manchete-racista-sobre-ator-de-novela-da-9h/> . Acesso 20/08/2023

LANDER, Edgard. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). CLACSO, de Buenos Aires, Argentina, 2005.

LOPES, Maria Immaculada Vassallode. Telenovela como recurso comunicativo P. 21-47. *Matrizes*, v. 3, n.1, p. 21-47, dez./ago. 2009. Disponível em: https://repositorio.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art_LOPES_Telenovela_2009.pdf?sequence=2. Acesso 23/06/2023.

LOPES, Maria Immaculada. **Narrativas Televisivas e Identidade Nacional : O Caso da Telenovela Brasileira**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002.

LUPI, Sheila Cristina Alves de Lima. **A eugenia e o projeto de aperfeiçoamento do povo brasileiro. 1900-1933**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

MAIO, Marcos Chor. Guerreiro Ramos interpela a Unesco: ciências sociais, militância e antirracismo. **Revista CRH**: Salvador, v. 28, n. 73, p. 77-89, Jan./Abr. 2015.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco: ciências sociais e o “credo racial brasileiro”. **Revista USP**, São Paulo, n.46, p.115-128, junho/agosto, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/64014/66746> Acesso 15/05/2023.

MALATIAN, Teresa. **Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar**. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 1, p. 340-364, janeiro-junho, 2018.

MARCUSE, Helbert. **A ideologia da sociedade Industrial**, o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARTINS, Marinildes Pereira. **O negro cristalizado: a permanência de estereótipos, distorções e preconceitos na teledramaturgia brasileira**. 2013. 90 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4524/1/Marinildes%20Pereira%20Martins.pdf>

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018.

MELO, José Wilson Rodrigues de. **Multiculturalismo, diversidade e direitos humanos**. III EDUCERE: Seminário Internacional de Representação Social. 1495-1510, 2015. Disponível em: <https://ava.unifaveni.com.br/wp-content/uploads/2017/09/MULTICULTURALISMO-DIVERSIDADE-E-DIREITOS-HUMANOS.pdf> Acesso 02/10/2023

MERCURY, Daniela. **O canto da cidade**. 1992.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, XXVI n°63, p. 152-159, setembro-dezembro, 2012.

MORAIS, Osvando de. McLuhan desdobrado: teorias, conceitos, tecnologias e rupturas. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**, 11, 22-29, ISSN e2386-3730, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/OneDrive/Documentos/6419-Texto%20del%20art%C3%ADculo-33687-2-10-20200122.pdf> Acesso 08/20/2023

MORIN, Edgar. **A comunicação pelo meio: teoria complexa da comunicação**. Porto Alegre: FAMECOS, n° 20 • abril 2003.

MOTTER, M.L. **Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela**. São Paulo, ECA-USP, 2000.

MOURA, Clóvis. **Imprensa negra**. Sindicato dos jornalistas do estado de São Paulo. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/moura/1984/mes/imprensa_negra.pdf Acesso 12/07/2023.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3° Seminário Nacional sobre Relações

Raciais e Educação – PENESB, 05/11/2003. Disponível em <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=5> Acesso 11/12/22.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade nacional versus identidade negra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb, n. 12, p. 169-203, 2010.

NASCIMENTO, Sandro. **Globo não quis acordo sobre cota racial em "Segundo Sol", diz representante de movimento negro**. UOL, 2018. Disponível em <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2018/11/07/globo-nao-quis-acordo-sobre-cota-racial-em-segundo-sol-diz-representante-de-movimento-negro-121558.php> Acesso: 20/07/2023.

NASCIMENTO, Silvia. **Amor de mãe: muita representatividade negra na nova novela da Globo**. 08/11/2019. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/amor-de-mae-muita-representatividade-negra-na-nova-novela-da-globo/> Acesso: 20/07/2023.

NOGUEIRA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Palas: Rio de Janeiro, 2014.

NOVA, Luiz Henrique Sá da. **Baianidade contemporânea: traços históricos, limitações atuais**. – Salvador: Facom-UFBA, 25 a 27 de maio de 2010.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. A imprensa negra do Rio Grande do Sul e alguns de seus homens. Revista Espacialidades. Rio Grande do Norte. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17650>

OLIVEIRA, E. F. **Da teoria da comunicação as teorias da mídia: temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura**. *Revista Eco-Pós*, 14(1), 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v14i1.920> Acesso 20/07/2023

OLIVEIRA, Vanessa; ROSINI, Veneza Mayora. **Ativismo negro: afirmação étnica e a reprodução do racismo na mídia**. VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0092-1.pdf>

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993

PEIXOTO, L. A. D. S. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 1, p. 156-180, jan-abr 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000100008 Acesso 20/07/2023.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares**. *In: Interfaces do midiativismo : do conceito à prática*, Braighi Antônio Augusto; Lessa, Cláudio Humberto; Câmara, Marco Túlio. (Orgs.), Belo horizonte: CEFET, 2018.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. **O espelho quebrado da branquidade: aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante.** São Leopoldo: Casa leiria, 2014.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1933-1899).** Dissertação de mestrado, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: Edgardo Lander (org). CLACSO, de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica a sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

RAMOS, Viviane Rodrigues Darif Sldanhas de Almeida. **Teoria crítica e escola de Frankfurt.** Curitiba/PR: Intersaberes, 2019.

RIAL, Carmen Silvia. **Antropologia e Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação.** Antropologia em Primeira Mão. UFSC: Florianópolis, 2004

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?.** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017

RISK, Eduardo Name; SANTOS, Manoel Antônio. **Estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais.** Psicologia & sociedade, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ByCvzBzKddTCjtTmDqFgkYy/?lang=pt>

RÚDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação.** Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTANA, Henrique; SALLES, Iuri. **Por que os negros não apresentam programas de televisão.** Revista Vaidapé, São Paulo, 27 jun. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul.** Volume I Buenos Aires: CLACSO, 2018 Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181203044407/Antologia_Boaventura_PT1.pdf

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e cultura da fronteira.** São Paulo: Rev. Sociol. USP, 5 (1-2): 31-52, 1993, (editado em nov. 1994).

SANTOS, Isadora. **Estávamos desejosos por ver uma família como essa”:** Indira Nascimento celebra família negra de classe média em novela. 09 de outubro 2018 Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/estavamos-desejosos-por-ver-uma-familia-como-essa-indira-nascimento-celebra-familia-negra-de-classe-media-em-novela/>. Acesso em 17/08/2023

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História: trajetórias de intelectuais na imprensa negra Meridional**. Tese de Doutorado (História). Porto Alegre: PUC, 2011 a.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: veneta, 2020.

SCHWARCZ, Lilia. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. Fontes: **Periódicos UNIFESP**. v.18, n.1, jan.-mar, p.225-242.2011.

SERPA, Dagmar. **‘Segundo Sol’**: associação processa Globo por falta de negros em trama. 23 de maio 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/bahia/segundo-sol-associacao-processa-globo-por-falta-de-negros-em-trama> Acesso 20/08/2023

SERPA, Dagmar. **‘Segundo Sol’**: associação processa Globo por falta de negros em trama. Veja abril, 2018. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/bahia/segundo-sol-associacao-processa-globo-por-falta-de-negros-em-trama/amp/> Acesso 08/06/2023

SILVA, Antônio Marcos Barreto; NASCIMENTO, Lucigleide Nery. **Panorama socioeconômico da população negra da Bahia**. Superintendência de estudos econômicos e sociais da Bahia. Textos para discussão nº17. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos_discussao/texto_discussao_17.pdf Acesso 23/09/2023.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. A igualdade é negra: mais de 200 anos de luta negra por direitos. **Cadernos Afro memória**, volume 2, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e Diferença**. Nova Petropolis: Vozes, Ed 15, 2000.

SILVA, Wagner Machado da. **A telenovela e os negros**: A representatividade étnica na Rede Globo entre 2011 e 2017. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018. Disponível em < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0054-1.pdf>> Acesso 19/11/22.

SOARES, Orson. **A bondade do branco do branco**: Olhar da branquitude sobre a questão racial no filme Também Somos Irmãos. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2020.

SODRE, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Rio de Janeiro : Editora Vozes: 2014.

SODRE, Muniz. **Arte, educação e (re)invenção do povo brasileiro**. In: canal Youtube, Instituto Arte na Escola, Transmitido ao vivo em 17 de nov. de 2021.

SODRE, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto mídia e política**. Petrópolis Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Nova Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, Milena Costa. **Sociologia do consumo e indústria cultural**, Curitiba: Intersaberes, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Abril, 1983.

SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de. MORAIS, Osvando J. de. **Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologia de Ensino**. São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf> Acesso: 20/07/2023.

SOVIK, Liv. Da diáspora identidades e mediações culturais. Prefácio. *In*: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

STAM, Robert. **Multiculturalismo Tropical**. Uma História Comparativa Da Raça Na Cultura. São Paulo: EDUSP, 2008.

STYCER, Maurício. **Globo rejeita critério de representatividade racial na escalação de elenco**. UOL, 2018. Disponível em: <https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2018/04/30/globo-rejeita-criterio-de-representatividade-racial-na-escalacao-de-elenco/> Acesso: 20/07/2023.

TORRES, Nelson Maldonado. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. *In*: BERNARDINO, Joaze. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

TREVISAN, Ricardo; VIANA, Maíra Boratto Xavier. **O “quartinho de empregada” e seu lugar na morada brasileira**. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016. Disponível: <https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s07-05-viana-m-trevisan-r.pdf> Acesso 23/07/2023

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.